

The Last of Us: Part 1

O Livro Do Jogo

Escrito por: Mateus Coutinho Pacífico

3ª Edição

Sumário

- Um - Prólogo	4
- Dois - 20 Anos Depois	27
- Três - Esperança	56
- Quatro - Cidade do Bill	91
- Cinco - Bem-vindos a Pittsburgh	118
- Seis - Fuga	146
- Sete - Adeus	159
- Oito - A Barragem	186
- Nove - Universidade	207
- Dez - Abandonada	219
- Onze - Trauma	248
- Doze - Vaga-lumes	270
- Treze - Paz	288

Para Ellie

Um

Prólogo

Tick, Tack, Tick, Tack... Se você pegou esse livro na intenção de ser algo romântico clichê ou um livro de aventura em que o herói vive feliz para sempre no fim do livro, sinto muito, mas você irá se decepcionar. Este livro é a história que marcou minha vida, a história de como eu sobrevivi nesse mundo cruel que vivemos hoje. Este livro também não será o único, até porque a personagem principal não sou eu. Tendo dito isso, comecemos...

Eu havia chegado tarde naquele dia, eram quase meia noite. Eu estava conversando com meu irmão Tommy, ao telefone, sobre meu trabalho. Acreditava que eu ia ser demitido pelo empreiteiro, mas logo desisti daquela conversa e disse que conversávamos amanhã. Eu morava em Austin, Texas, com minha filha Sarah, numa região um pouco afastada da cidade grande, um

lugar tranquilo de se viver. Tínhamos problemas financeiros, bem ruins inclusive, não é fácil ser um pai solteiro. Quando cheguei, encontrei Sarah adormecida no sofá e logo acendi a luminária, fazendo-a acordar. Sarah é uma linda garotinha loira com cabelos curtos, de apenas 12 anos, tinha os olhos da mãe, um olhar sereno, tranquilo e bondoso que lembrava minha infância. Ela estava usando um pijama, uma camiseta de manga comprida de uma banda de rock que ela adorava e uma calça moletom básica. Nunca fui chegado em rock, mas sempre fui apaixonado pela música *country* e ainda jovem aprendi a tocar um violão, era meu instrumento preferido. Sarah amava escutar suas músicas de rock o tempo todo e adorava jogar futebol por mais que não tivesse muitos amigos.

— Oi! — Sarah exclamou.

— Chega *pra* lá. — Joguei a chave de casa na mesa de centro e sentei-me no sofá.

— Dia divertido no trabalho?

— O que você está fazendo acordada? *Tá* tarde.

— Reclamei.

— *Ah* que droga! Que horas são?!

Sarah se virou para o velho relógio de parede que tínhamos acima de nossas cabeças e viu que já eram 11:50 da noite.

— Já passou muito da hora de dormir. — Murmurei.

— Mas ainda é hoje! — Disse ela com um sorriso de canto de boca tentando disfarçar a alegria.

Ela então se levanta e vai até o pé esquerdo do sofá, o lado contrário ao que eu me sentava, pegou uma pequena caixinha que parecia ser de madeira bem-feita com uma textura adesivada de cor cinza prateado, era um pouco maior que a palma da minha mão, mas eu não conseguiria cobrir ela inteira com ambas.

— Querida, por favor, agora não. Eu não tenho energia *pra* isso. — Reclamei com uma voz cansada e um pouco rabugenta enquanto ela pegava a caixinha.

— Toma!

Sarah estava de joelhos, em cima do sofá, bem do meu lado com o braço estendido, segurando aquela pequena caixa prateada.

— O que é isso? — Perguntei surpreso e confuso.

— Seu aniversário. — Respondeu, com um sorriso tímido no rosto.

Eu estava muito cansado e o meu dia no trabalho tinha sido péssimo, acabei esquecendo do meu próprio aniversário. Guarde esta data pois será a última vez que a verá neste livro. Dia 26 de Setembro de 2013, o que eu chamo de Dia do Surto, já, já descobrirá o porquê.

Eu abri a pequena caixa e dentro tinham duas almofadinhas pretas feitas de tecido simples estufadas segurando o presente propriamente dito, um relógio.

— Você *tá* sempre reclamando do relógio quebrado... Então eu pensei, sabe como é. — Disse ainda tímida.

Eu esbocei um sorriso de canto e dei uma rápida olhada para Sarah, e voltei para o relógio. Eu estava surpreso e impressionado. O quão bondosa ela estava sendo. Um sentimento de felicidade tomou conta de mim, o cansaço que estava sentindo não me incomodava mais e havia me esquecido do dia ruim. Era um relógio de ponteiros comum, prateado e bem polido, com sua

pulseira marrom feita de couro, era um relógio simples, mas o sentimento nele era forte e verdadeiro e era isso que importava. Eu rapidamente peguei o relógio e coloquei no meu pulso esquerdo.

— Gostou? — Entusiasmada perguntou.

— Querida, é... — Aproximei o relógio do meu ouvido e dei duas cutucadas nele.

— Quê? — Perguntou já fechando seu lindo rosto.

— É legal, mas eu... Acho que *tá* parado... — Disse isso com uma *cara* séria e confusa.

— Quê?! — Um pouco desesperada — Não, não, não, não...

Ela veio rápido segurar meu pulso e o puxou para perto para verificar o relógio e depois de um segundo de análise ela empurra meu pulso de volta e solta uma risada irônica “*Oh, ha ha*”, se deitando logo em seguida com a cabeça no braço do sofá.

— Onde arrumou grana *pra* comprar isso? — Perguntei ainda surpreso com a situação.

— Drogas. Eu vendo drogas pesadas. — Disse como se fosse algo completamente comum... O que talvez fosse naquela época, eu não sei.

— *Ah*, que bom. Já pode começar a ajudar na hipoteca então. — Falei com um tom sarcástico.

Ela deu uma risadinha e disse “*Vai sonhando...*”, depois ficamos em silêncio aproveitando a tevê.

Peguei o controle e mudei o canal. Passei por um canal de notícias local que não me recordo o nome, estava contando sobre um fungo que sofreu uma mutação e estava causando complicações no outro lado do país. Parecia ser uma gripe comum, normalmente não alcança cidades mais rurais, mas disseram que estava se alastrando rapidamente. O infectado fica bastante agressivo e costuma atacar outras pessoas próximas. Eu tinha uma arma em casa guardada numa maleta trancada em meu escritório, era um revólver Taurus RT85 calibre .38. Não me preocupei muito com aquilo, afinal, era do outro lado do país, porém estava preparado para o pior, ou não...

Fiquei assistindo por um tempo até perceber que Sarah havia dormido novamente. Me levantei com cuidado para não acordá-la e cautelosamente a peguei nos braços, levando-a até seu quarto. Já eram 01:30 da manhã.

Enquanto colocava Sarah na cama, comecei a escutar barulhos estranhos vindo da casa dos Cooper, nossos vizinhos. Parecia que alguém estava gritando desesperado, ouvi também vidro quebrando e sons de algo batendo nas paredes da casa enquanto me aproximava dela. Ainda não tinha visto o cachorro deles, o Spark. Eu me aproximava e bati na porta, mas ninguém veio atender. Eu chamei por Jimmy, o dono da casa, mas o silêncio permaneceu. Eu tentei abrir a porta, porém ela estava trancada. Dei a volta na casa e pulei a cerca do quintal. Encontrei Spark no quintal latindo para a porta de vidro da casa. As luzes estavam apagadas e estava muito escuro, não enxergava nada direito. Me aproximei cuidadosamente da porta e Spark começou a latir mais assustado e mais forte. Eu puxei a porta de correr e entrei na casa cuidadosamente... E no meio da

sala, eu o vi... Jimmy estava devorando sua esposa e seu filho desmembrado na escada... Eu comecei a passar mal, não sabia o que fazer, então Jimmy começou a se virar para mim lentamente... Seu rosto estava péssimo... Seus olhos arregalados, sangue em volta da boca e de seus olhos, volta e meia ele acertava sua própria cabeça como se estivesse resistindo a algo... Será essa a doença que outrora eu ignorava? Bom, sim, eu só não estava pronto para aceitar. Jimmy começou a se levantar e correu em minha direção. Eu não sabia o que fazer, estava paralisado, nunca tinha visto algo assim na minha vida, era aterrorizante... Por sorte, Spark me deu um “clique” quando começou a latir o que me fez retomar a consciência e fugir. Ouvi os latidos de Spark cessarem pouco tempo depois... Eu fui direto para casa e me armar.

Eu encontrei Sarah assustada assim que cheguei em casa pelo meu escritório, ela parecia apavorada.

— Sarah! Você *tá* bem?! — Falei Desesperado enquanto abria minha gaveta e pegava a arma.

— *Tô...* — Falou, Sarah, meio nervosa.

— Alguém entrou aqui?!

— Quem entraria aqui? — Sarah respondeu enquanto dava passos lentos se afastando da porta dentro do meu escritório. — O que *tá* acontecendo? Pai... Você *tá* me assustando...

— Fique longe das portas! — Gritei. — É o Jimmy. Tem algo errado com ele... Parece que *tá* doente.

Nesse momento, Jimmy bate com a cabeça na porta de vidro ao meu lado. Ele estava louco, não estava pensando direito, seus olhos passavam um sentimento de desespero, pediam socorro, tinham pequenas bolhas quase imperceptíveis espalhadas pelo seu rosto. Ele se afastou e rapidamente bateu novamente na porta de vidro, eu vi uma lágrima escorrendo de um dos olhos, mas o meu instinto de sobrevivência e de pai falou mais alto, eu saquei o revólver e me posicionei na frente da Sarah e fomos nos afastando cuidadosamente. Jimmy correu para trás e se arremessou contra a porta, dessa vez mais forte quebrando-a, ele caiu em meio todos aqueles cacos de vidro e mesmo se cortando e

sangrando bastante se levantou e partiu para cima de mim.

— JIMMY, SE AFASTA! — Gritei desesperado com a arma levantada. — JIMMY, *TÔ* AVISANDO!

Mas ele não me escutou... Eu então puxei o gatilho e desviei o olhar por um instante. Acertei em seu pescoço deixando-o sem respirar. Ele caiu no chão e emitiu gemidos e grunhidos estranhos em agonia até, finalmente, parar de se contorcer.

— Vo-você atirou nele... — Disse Sarah gaguejando e se tremendo de medo com olhos arregalados. — Eu o vi hoje de manhã...

— Sa-Sarah! Me escuta. — Também gaguejando e apavorado. — T-tem algo ruim acontecendo, temos que sair daqui, temos que ir embora. *Tá* me entendendo?

Ela assentiu com a cabeça, foi quando eu vi a luz de faróis de carro atravessando a janela iluminando a casa por um segundo e aliviando a tensão que estava impregnada no ambiente.

Era Tommy, meu irmão mais novo, em seu carro procurando por mim. Ele era bem parecido comigo,

porém mais novo, homem alto, cabelo mais longo que o meu, um pouco atlético, usava um casaco marrom grande com uma calça jeans comum e botas, bem estilo “*country*” mesmo e, diferente de mim, uma barba feita. Eu puxei Sarah pela mão, que estava gelada, enquanto ela processava o que acabara de acontecer, eu podia ver o medo em seus olhos, mas eu não podia fazer nada naquele momento. Sarah e eu corremos até a porta e nos encontramos com Tommy.

— ONDE VOCÊ ESTAVA? — Disse Tommy também apavorado — VOCÊ TEM IDEIA DO QUE ESTÁ ACONTECENDO LÁ?

— Tenho uma ideia. — Respondi calmamente tentando acalmar a situação.

— Você *tá* coberto de sangue!

— Não é meu! — Respondi rápido para não ter que lembrar de Jimmy que agora era um defunto em minha casa. — Apenas vamos sair daqui.

— Estão dizendo que metade das pessoas da cidade enlouqueceram.

— *Dá pra gente ir?* — Falei enquanto entrava no carro.

— Parece que é um parasita ou algo assim. — Tommy respondeu enquanto corria para o assento de motorista. — Vai me dizer o que aconteceu?

— Anda logo. — Respondi friamente.

— Oi, Sarah, você está bem?

— *Tô bem.* — Ela respondeu com uma voz baixa e assustada. — *Dá par ouvir o rádio?*

— Claro! — Tommy disse mexendo no rádio que não estava mais funcionando. — Sem celular, sem rádio... *É, estamos indo bem.* — Ele completou meio decepcionado.

— Disseram para onde ir? — Perguntei calmamente.

— O locutor não calava a boca. Ele disse que o exército estava bloqueando as estradas. — Tommy respondeu — Não dá para chegar em Travis County.

— Quer dizer que temos que sair daqui. Pega a 71.

— 71. *É para lá que eu vou.*

Vivíamos numa área rural, não havia muita gente por perto. Seguindo até o fim da estrada de terra da minha casa chegamos na rua, paramos por uns segundos deixando passar um carro de polícia e uma ambulância em alta velocidade indo para Austin. Depois que passaram, pegamos a rua para direita, para San Marcos e o hospital geral.

— Disseram quantos morreram? — Sarah perguntou assustada.

— Acho que muitos. — Tommy respondeu. — Encontrei uma família toda desfigurada em casa.

— Tommy! — Falei alto repreendendo-o.

— Ok, desculpe.

Ficamos com um silêncio constrangedor por um tempo até eu comentar “Nossa...” quando viramos à esquerda numa estrada de terra, avistando um carro batido num poste com sangue em seu para-brisa. Ao passar pela estrada de terra enquanto comentávamos sobre a infecção, vimos a grande fazenda de Louis em chamas. Não sabíamos se o desgraçado tinha sobrevivido, mas torcíamos pelo melhor.

— Estamos doentes? — Sarah pergunta com um tom mais alto e assustado.

— Não, não. Claro que não, querida. — Respondi para acalmá-la.

— Como sabemos? — Retrucou Sarah.

— Disseram que eram só as pessoas da cidade. — Tommy tentou ajudar.

— Jimmy trabalhou na cidade? — Sarah pergunta um pouco confusa.

— Sim, querida, ele trabalhou. — Eu disse com um ar de falsidade apenas para tentar confortá-la. — Estamos bem, confie em mim. — Completei.

Continuamos até chegarmos à pista e fizemos a curva, agora indo para Deerwood. Encontramos uma família que estava a pé no meio da estrada. Tommy queria ajudá-los, mas eu logo discordei e exigi que continuássemos em frente. Talvez tenha sido muito rude e insensível da minha parte, mas estávamos no início de uma epidemia causada por uma infecção que deixa as pessoas loucas... Eu também não queria por Sarah em risco. Apenas continuamos na pista.

Finalmente chegamos na cidade, passamos por mais uma ambulância e fiquei aliviado que talvez ela parasse para aquela família. Pegamos uma linha reta para nos manter na principal e nos decepçcionamos ao ver a avenida engarrafada.

— *Ah*, merda... — Comentou Tommy. — Literalmente todo mundo e seus primos tiveram a mesma ideia.

— *Ah*, a gente pode voltar e-

Fui cortado por um *cara* que saiu do carro para gritar e reclamar por causa do trânsito. Um pouco mais atrás havia uma rua e de frente a ela o grande hospital geral, vimos também um enfermo correndo loucamente para cima do pobre homem. O infectado agarrou e empurrou o coitado contra o carro e o derrubou no chão, então começou a espancá-lo e mordê-lo, um outro infectado do hospital pulou dentro do carro e começou a devorar a esposa que ficara no carro. Ficamos observando por alguns segundo aterrorizados, quando o infectado parou de destroçar o corpo daquele senhor e

notou nossa presença, ele se levantou rápido e correu em nossa direção.

— *AH* MERDA, TOMMY VAI, VAI, VAI! — Gritei desesperado, então o infectado bateu com a *cara* no vidro do banco de trás onde Sarah estava e aceleramos.

— Que merda! O que foi aquilo, Joel?! — Gritou Tommy para mim. — Você viu aquilo?! — Ele disse enquanto pisava no acelerador e íamos pela rua contrária ao hospital.

— Sim, eu vi, porra! — Respondi. — Vira ali, vira ali! — E apontei para uma rua a nossa frente.

Sarah não falava absolutamente nada, estava com muito medo. A rua estava com um grande trailer que impedia parte da passagem e tinha várias pessoas correndo desesperadas por causa de algo, elas estavam gritando e lutando pela própria vida, assim como nós. Ouvimos explosões e tiros.

— Do que eles estão correndo? — Perguntou Sarah assustada.

— TOMMY VAI LOGO! — Gritei desesperado.

— NÃO DÁ! TEM GENTE NA MINHA FRENTE! — Tommy retrucou.

— ENTÃO PRA TRÁS, TOMMY!

— ESTÃO ATRÁS DE MIM TAMBÉM, JOEL!

A cidade estava um caos, mas conseguimos uma abertura por cima da calçada e passamos adiante... Mas um carro veio em extrema velocidade na nossa direção, não consegui ver direito o que aconteceu, tudo ficou preto de repente.

Acordei com Sarah me chamando, continuei ouvindo pessoas gritando e algo pegando fogo. Não encontrei Tommy e decidi tentar sair do carro com Sarah para procurá-lo. Na minha frente uma visão terrível e assustadora, o outro carro com um infectado destroçando e desfigurando um corpo de uma pessoa que naquele estado era irreconhecível.

— Sarah, se afaste. — Me preparei e chutei o para-brisa até conseguir sair do carro.

Assim que me posicionei de pé um infectado me atacou. Eu não conhecia aquela pessoa, mas era grotesca

aquela imagem do infectado na minha *cara* tentando morder meu pescoço. Eu posicionei meu antebraço no pescoço do infectado para ele não me morder, ele ficou girando os braços tentando me acertar e me empurrou contra o carro, por sorte meu irmão apareceu e o atingiu com um tijolo deixando-o inconsciente.

— Você *tá* bem? — Perguntou Tommy.

— Sim, *tô*. — Respondi. — Obrigado.

Ele assentiu com a cabeça. Virei-me para pegar a Sarah e quando a tirei de dentro do carro ela gemeu de dor, não conseguia ficar em pé, provavelmente quebrou a perna, então peguei-a nos braços e entreguei meu revólver para Tommy dizendo para ele guiar o caminho. Começamos a correr até o fim da rua quando mais um carro descontrolado bateu no posto de gasolina nos deixando com apenas um caminho, então seguimos. Eu vi pessoas morrendo, pessoas chorando e desesperadas fugindo de infectados, carros explodindo, vi um caminhão do corpo de bombeiros em chamas e pessoas desfiguradas, então chegamos ao final da rua e quando

estávamos passando, conseguimos desviar de um poste que quase nos acertou ao cair.

— POR AQUI, PELO BECO! — Sugeriu desesperadamente Tommy.

Então fomos pelo beco. Passando pelo pequeno corredor um infectado me atacou, dessa vez eu tinha Sarah nos braços, eu não podia fraquejar e fiz o que eu tinha feito com o outro, segurei com o antebraço o pescoço dele, quando Tommy deu um chute que o derrubou, colocou seu pé sobre o peito dele e deu um tiro em sua cabeça o matando na hora.

— ESTAMOS QUASE LÁ, QUERIDA! — Disse para tentar acalmar Sarah, porém falhando miseravelmente.

Continuamos pelo beco e vimos três ou quatro infectados passando pela cerca quebrada, por sorte chegamos nos fundos de um bar. Tommy teve que ficar segurando a porta para os infectados não entrarem. Fiquei hesitante em deixar meu irmão, mas ele gritou “VOCÊ TEM A SARA, VAI LOGO!” e vi no olhar dele sua determinação, confiei nele. Então corri até a

frente do bar, onde havia uma passagem no muro que levava próximo a ponte. Os militares estavam naquela ponte guardando a fronteira da cidade, era para lá que tínhamos que ir.

Não demorou muito até dois infectados saírem de dentro de uma ambulância capotada e nos perseguirem por alguns metros. Eu nunca corri tanto na minha vida, estava cansado, não tinha dormido, faminto e com Sarah nos braços, estava quase desmaiando, mas eu não podia desistir, não agora... Fechei os olhos por um segundo e ouvi vários tiros vindo da minha frente.

Nenhum me acertou, mas matou todos os infectados atrás de mim. Abri os olhos e vi um militar.

— Graças à Deus! Estamos bem, querida, estamos bem. — Exclamei. — Ei, precisamos de ajuda! — Completei.

— PARE! PARE IMEDIATAMENTE! — Gritou o soldado e apontou a arma para meu rosto.

Ele começou a falar com um superior no rádio. Estávamos no meio do nada seguindo uma trilha que uma ambulância deixou ao perder o controle, havia

apenas mato e um pequeno barranco a minha esquerda. Eu conseguia ver o ponto de controle dali.

— Tem alguns civis no perímetro externo. O que devo fazer? — Começou o soldado. — Senhor... Tem uma garotinha... Mas... Sim, senhor. — Então ele desligou o rádio e apontou novamente a arma para mim.

— Olha, amigo, passamos pelo inferno, só precisamos... — Tentei convencê-lo, mas percebi que não ia adiantar. — Oh, merda...

Ele então puxou o gatilho. No reflexo eu me joguei junto a Sarah para o barranco. Sarah caiu logo acima da minha cabeça e o soldado veio correndo. Quando ele chegou perto apontou a arma na minha cabeça e eu lhe implorei “Por favor, não...”, mas não adiantou. Fechei os olhos e ouvi um disparo, quando reabri, lá estava Tommy que tinha acabado de dar um tiro na cabeça do militar.

— Oh, não... — Ele comentou.

Quando Tommy diz isso, eu escuto um gemido de dor e um choro vindo de trás de mim. Sarah tinha sido baleada em seu peito.

Não... NÃO, NÃO, NÃO! — Gritei desesperado. — Ok. Mexe as mãos, querida! — Completei enquanto ia até ela. — Eu sei, querida, eu sei... Me escuta, eu sei que isso dói, querida... — Então ela gritava de dor e chorava, vi sua vida indo embora, todos os momentos bons que tínhamos passados juntos, as músicas irritantes, os filmes de romance adolescente que assistíamos juntos, os jogos de futebol e, claro, o meu aniversário... — Você vai ficar bem, querida. Fica comigo. — Eu a segurei ainda deitada no chão e ela dá mais um grito agudo de dor, mais lágrimas escorrem pelo seu rosto. Eu dou uma rápida olhada para Tommy esperando que ele pudesse fazer algo, mas lá estava ele de pé observando aquela terrível cena. — **POR FAVOR, QUERIDA! FICA COMIGO! EU SEI! EU SEI QUE DÓI, MAS VOCÊ VAI FICAR BEM! FICA COMIGO! POR FAVOR!** — Nesse momento eu me viro para o Tommy novamente e pouco antes de virar para ela escuto um silêncio assustador, tenebroso e agonizante aos meus ouvidos. — Sarah? — Questionei. — Não faz isso comigo, querida. Não faz isso comigo,

garotinha... — Murmurei já chorando bastante e segurando forte suas mãos... — Vamos... Por favor... Não faz isso comigo...

Dois

20 Anos Depois...

“...Entramos em estado de emergência... Os últimos testes com vacinas tinham falhados... F.E.D.R.A. começou a comandar o país, criaram zonas de quarentenas... Um grupo de revoltosos chamados de Vaga-Lumes se voltaram contra o Governo e contra a F.E.D.R.A. por causa de má administração... Além do fungo, a fome se instalou, a guerra civil iniciou, tudo resultando em sacos pretos nas ruas... Com a execução de seis vagalumes, mais e mais pessoas se revoltaram e entraram para a causa...”

— Você ainda pode se rebelar conosco. — Uma gravação de uma voz feminina. — Lembre-se. Quando estiver perdido na escuridão... Procure a luz. Acredite nos Vaga-Lumes...

E então... Vinte anos se passaram...

Eu e Tommy tivemos que lutar muito para sobreviver... Fizemos coisas das quais não me orgulho. Pulei de gangue em gangue, grupo em grupo, cidade em cidade, até terminar em Boston e conhecer Tess. Tess

era uma mulher durona, alta e boa de briga, usava uma calça jeans comum com botas marrons, uma camisa regata com um colete rosa puxado para o vermelho e prendia seu cabelo com um pano azul com listras brancas. Tinha um cabelo marrom, olhos cheios de determinação e sempre falava com um tom de superioridade. Eu e Tess fizemos uma parceria no ramo do tráfico e tentávamos ganhar a vida assim, mas acabamos aceitando uma tarefa que mudaria o rumo de nossas histórias para sempre...

Era verão... Acordei assustado com Tess batendo na porta.

— Como foi sua manhã? — Disse Tess calmamente depois de deixá-la entrar.

Tess estava com o rosto machucado, um corte raso de uma briga mano a mano, onde ela foi se meter? Ela então pega uma garrafa de whisky e põe num copo.

— Quer um pouco? — Tess perguntou ignorando o machucado.

— Não, eu não... Quero não. — Falei com uma voz mais rouca enquanto ia até o balcão da cozinha e me apoiava.

— Bom, tenho uma notícia interessante para você.

— Onde você estava, Tess? — Falei meio desapontado.

Tess demorou um pouco para responder — Distrito de West End... Tínhamos uma entrega *pra* fazer.

— Nós. — Disse indignado enquanto me aproximava com um pano de cozinha com um gelo enrolado. — **Nós** tínhamos uma entrega para fazer.

— Bom, você queria ficar sozinho, lembra?

Fiquei em silêncio por um segundo, pois não lembrava disso, deveria estar muito cansado ontem.

— Deixa eu adivinhar... — Disse ainda indignado. — Deu merda no negócio e o cliente fugiu com as pílulas, é isso?

Tess dá uma risada sarcástica e logo responde.

— Não deu problema nenhum no negócio. Tem cartão de comida para alguns meses fácil, fácil.

Nessa época não usávamos mais dólares, até porque não fazia sentido ter esse sistema monetário, mas ainda tínhamos algo parecido. Eram os cartões de comida, com eles conseguíamos trocá-los por comida no refeitório de qualquer zona de quarentena.

— Vai explicar isso aí? — Perguntei apontando para o corte.

— Eu estava voltando *pra cá* e fui atacada por dois babacas, ok? Eles acertaram alguns socos, mas olha... Eu consegui, *tá bom*. — Ela disse como se quisesse minha aprovação.

— Me dá isso. — Eu peguei o pano com gelo que tinha entregado a ela, segurei em seu queixo e tratei do ferimento dela ali mesmo. Não era nada sério, mas apenas um arranhão, nada que um pouco de álcool não esterilize. — Esses “babacas” ainda estão com a gente?

— *Humpf*, engraçado. — Respondeu Tess com um sorriso de canto de boca confiante.

— Pelo menos descobriu quem eram?

— Não interessa quem eles eram, o que interessa é que o maldito Robert os mandou. — Ela exclamou quando a raiva subiu à cabeça.

— O nosso Robert? — Respondi surpreso e começara a ficar irritado.

— Ele sabe que estamos atrás dele. Ele acha que vai nos pegar primeiro.

— Aquele filho da puta é esperto. — Falei tentando pensar em algum plano.

— Não... Não é tão esperto. — Tess respondeu entusiasmada. — Sei onde *tá* escondido.

— Tem certeza? — Perguntei ainda mais surpreso.

— Armazém antigo na Área 5... Mas não sei por quanto tempo. — Ela disse como se estivesse se achando a mulher mais foda do mundo.

— Bom, posso ir agora.

— *Ah*, posso fazer agora.

Então saímos. Morávamos num prédio bem ferrado na zona de quarentena de Boston, Massachusetts. A entrada ficava num beco que fazia uma curva no final, estava bem chuvoso na noite passada,

então estava úmido e o céu continuava nublado, havia também uma árvore na nossa entrada apenas para dizer que tinha alguma planta próxima. Uma bandeira dos Estados Unidos ficava pendurada em uma das janelas, muito lixo jogado por todo lugar. Não sabia que horas eram, mas ainda era dia, parecia de manhã. Meu relógio de pulso havia parado há algum tempo, mas eu jamais o tirei do meu pulso, até hoje. As paredes eram feitas de tijolos com vários descoloridos e bem gastos, havia também um militar em cima de um dos prédios armado e preparado para matar. Além disso, não há o que falar sobre este beco, não é como se fosse a *Baker Street, 221B*. Quando saímos encontramos com duas pessoas que estavam conversando sobre o recrutamento da F.E.D.R.A. Não quis prestar atenção, então só ignorei seguindo pelo beco.

— O posto de controle ainda *tá* aberto. — Disse Tess.

— Falta pouco *pro* toque de recolher. — Alerttei.

— Melhor correr, então.

Então continuamos andando. Passamos por uma porta de barras de ferro. Ao sairmos do beco estreito, nos deparamos com alguns militares cercando um prédio e uma voz no megafone começou a falar *“ATENÇÃO. OS CIDADÃOS DEVEM PORTAR SEMPRE UMA IDENTIDADE ATUAL. É OBRIGATÓRIO OBEDECER A TODOS OS FUNCIONÁRIOS DA CIDADE.”* e ficava repetindo isso. O prédio estava em quarentena e havia poucos esporos saindo da porta da frente, segundos depois três civis foram expulsos por três militares saindo do prédio e colocaram os civis de joelhos. Os militares estavam com aquelas roupas brancas e seladas para nada entrar dentro do traje. Um dos civis tentou resistir e levou algumas coronhadas, então quando todos estavam com as mãos na cabeça e de joelhos eles começaram procurar infectados. Pegaram um pequeno dispositivo retangular com uma pequena esfera acoplada na parte de cima, havia uma telinha na parte retangular. O militar posicionou contra a nuca dos civis a parte esférica e um pequeno sinal tocava logo depois. O primeiro não estava

infectado, o segundo antes mesmo de verem se estava ou não se levantou rapidamente e tentou fugir, mas logo foi alvejado pelos militares que dispararam rapidamente. Estava morto. O terceiro estava tremendo de medo, talvez estivesse apenas acompanhando os amigos quando escutou o bipe do dispositivo, estava infectado, não deu tempo de pensar em mais nada e um tiro de fuzil atravessou sua cabeça destroçando seu cérebro criando uma grande poça de sangue. Essa era uma cena comum da vida dentro dos muros da quarentena, bem-vindos à vida real...

Continuamos andando tranquilamente até o posto de controle. Nos deparamos com dois militares e entregamos nossas identidades ao que protegia o primeiro portão. Ele olhou para os papéis e deu uma boa olhada em nós. Deixaram-nos passar, não havia nada de errado nos documentos. Eram dois portões de barras de ferro grossas a nossa frente, do lado um maior ainda para os veículos, todos os portões eram protegidos por algum militar. Quando íamos passar pelo primeiro portão, um carro explodiu próximo ao segundo portão,

então o caos toma conta do ambiente. Quando retomo a visão os militares fecharam os dois portões e gritaram “*VAGA-LUMES!*” e a sirene começou a soar. O segundo guarda levou vários tiros, seu sangue espirrando e o som de seu capacete, batendo no portão de ferro foi agonizante. O segundo, que estava na minha frente, não demorou muito e tomou tiros pelas costas também e se agarrou em mim através do portão, eu vi a dor em seus olhos e algumas lágrimas também, os mesmos olhos tristes em que a vida ia se esvaindo aos poucos que havia visto 20 anos atrás... O soltei e me virei para Tess...

Puxei Tess e gritei “*VAMOS SAIR DAQUI!*”, então começamos a correr e entramos num dos alojamentos próximos. Tudo estava mais calmo ali dentro, pessoas jogando cartas numa mesa na entrada, outro estava entrando em seu quarto. Fizemos a curva e Tess me entregou um kit médico improvisado e com ele cobri alguns arranhões causados pelos destroços. Fizemos mais uma curva e encontramos um jovem adulto sentado numa cadeira de plástico.

— Ei, Tess! *Cê* viu isso? — Perguntando curioso. Era Ayron, uma espécie de vigia da Tess, sempre nos alertava sobre militares ou infectados pelos nossos caminhos.

— Eu estava lá... — Tess responde com um tom dramático. — Como *tá* o túnel do leste?

— *Tá* limpo. Acabei de passar por lá, sem patrulhas. — Respondeu Ayron. — Aonde você vai?

— Visitar o Robert. — Tess responde com uma expressão séria.

— *Humpf*, você também? — Ayron fala surpreso.

— Quem mais procura ele?

— Marlene. Ela tem feito perguntas, tentando encontrá-lo.

— Marlene? O que os Vaga-lumes querem com o Robert?

— Você acha que ela me disse? — Ayron retrucou.

— Bom, o que você disse a ela?

— A verdade? Eu não faço ideia de onde ele esteja.

— Bom menino. Não se mete em problemas, beleza? — Disse feliz com a resposta. — Os militares já vão entrar em ação.

— É, a gente se vê. — Então se encostou na parede do corredor em que estávamos.

Continuamos virando em mais uma curva até chegarmos numa porta já aberta.

— A Marlene procurando o Robert? O que acha disso? — Perguntou Tess preocupada.

— Não gostei. É melhor a gente encontrar ele antes dela. — Respondi.

Entramos num quarto pequeno, era espaçoso com três janelas, uma estante e um sofá que ficava de frente para a porta, além de um monte de lixo jogado por aí. Um senhor estava lá e nos disse que não tinha infectados ou militares confirmando o que Ayron havia dito. Com isso em mente empurramos a estante e um grande buraco na parede se revelou. Caímos por ele e a Tess comentou que o lugar estava fedendo. Ali era o lugar onde guardávamos algumas das nossas coisas e equipamentos, não podíamos andar por aí armados, não

que tivéssemos muitas armas. Continuamos por um grande túnel, passamos por cima de um cano enorme e finalmente chegamos. Eram dois caminhos, em frente havia uma parede alta que usaríamos para sair dali e à direita um pequeno quarto com uma bancada em forma de “L” na parede. O lugar era apertado e tinha luz por causa de um gerador antigo que achamos e fizemos funcionar. Tudo estava meio destruído e caindo aos pedaços naquele lugar, mas sem nenhum acidente, pelo menos ainda não. Em cima da mesa estava nosso equipamento, uma mochila com poucos suprimentos contando com umas barras de cereal, comi duas delas na hora, uma lanterna pequena presa a alça da mochila, uma pistola 9MM com apenas 4 balas no cartucho e uma máscara de gás para podermos passar pelos esporos.

— Não temos muita munição... — Comentei preocupado.

— *“Então faça os tiros valerem a pena, Texas.”* — Tess respondeu confiante.

— Que pensador falou isso? — Perguntei.

— Eu. — Tess respondeu segura. — Ótima frase de efeito, né?

— *Humpf*, com certeza.

Fomos até a parede que parecia ter uns três metros de altura.

— Texas, me dá um empurrão. — Eu me posiciono encostado na parede e ela apoia um pé no meu ombro e outro nas minhas mãos, então eu a empurro para cima da parede, logo em seguida ela estendeu o braço e subimos juntos. Assim que subimos tinha um outro buraco enorme com uma porta de madeira o escondendo. Saímos num café comum todo velho e abandonado. Tess saiu na frente e logo atravessou o lugar onde a porta deveria estar.

— Cuidado. — Comentei.

— Quando eu não tomo? — Tess respondeu.

— É uma pegadinha? — Falei, então saímos e ficamos ao ar livre. — Faz tempo que não venho aqui.

— Parece que é um encontro. — Tess respondeu sarcástica

— Bom, sou do tipo romântico. — Respondi entrando na piada.

— Você é, do seu jeito. — Tess comentou sorrindo.

Saímos numa área mais aberta com uma grande poça de água no chão, o lugar era bem verde cheio de musgos e plantas pelas paredes, também passando por cima do carro que se encontrava quebrado logo após a poça.

Fomos em direção a um pequeno prédio em frente ao café, do qual saímos, onde tinha um grande buraco no lugar de uma janela.

— *Ah*, droga... Texas, cadê a escada? — Tess falou olhando para um lado e para o outro. Nós usávamos uma escada de mão para subir que tínhamos achado próximo do prédio.

— Vou procurar. — E não demorei muito para achar, estava atrás de um carro velho.

Peguei a escada e posicionei para subirmos e assim foi feito.

— Primeiro as damas. — Falei num tom sarcástico.

— Dama? Deve estar pensando em outra pessoa.
— Respondeu rindo.

— Tudo é relativo. — Respondi também rindo.

Sáímos numa sala de estar grande com uma única porta adiante, era uma sala com uma mesa de sinuca quebrada e várias poltronas por aí e uma estante com alguns livros no fundo. Tudo estava meio destruído, mas dava para saber que era um apartamento um pouco luxuoso. Saindo dessa sala tinha um corredor que um dos lados estava obstruído, de frente uma outra porta com várias camas e colchões e à direita uma parede destruída que levava a escada. Ali era um abrigo e aparentemente de alguns Vaga-lume, pois eu achei um pingente de identificação deles que dizia “James Parker”, provavelmente morto por agora, eles não deixavam esses pingentes por aí atoa. Os pingentes de Vaga-lumes lembram as identificações do exército, correntes de metal com um pingente redondo polido

com o símbolo dos Vaga-lumes num dos lados e um nome do outro.

Descendo as escadas quebradas, seguimos por um estreito corredor e ao virarmos num ponto acabamos encontrando esporos, óbvio, teria sido fácil demais sem eles. Algumas regras, onde há esporos quer dizer que algum infectado morreu por perto e o fungo cresceu nele assim liberando esses esporos, outro detalhe é que onde há esporos, há infectados, biologia básica. Colocamos as máscaras e seguimos até a lavanderia do prédio passando por um buraco baixo na parede. Estávamos numa posição ruim, agachados passando por um estreito caminho de um prédio caindo aos pedaços e ao final do pequeno túnel, lá estava nosso réu. Um corpo de um homem completamente desfigurado da cabeça até seu torso com fungos e cogumelos crescendo em seus olhos e saindo de seu abdômen se ligando ao piso e parede onde estava encostado. Saíam de sua cabeça pedaços do fungo já desenvolvidos, pareciam veias em “3D” que se

espalhavam por ali sem nenhum tipo de suporte e ali liberavam os esporos.

A sala em que o cadáver estava, tinha a porta bloqueada por uma grande tora de madeira, e eu fui ingênuo em tentar tirá-la para passarmos. O teto quase caiu, mas ficamos bem... Por ora. Passamos pelo caminho estreito, tive que me espremer para atravessar e quando passei tomei um susto enorme quando a mão de uma pessoa tocou minha perna. Era um pobre coitado que estava fazendo o mesmo que nós, só que não deu tanta sorte. Um armário de arquivos havia caído em cima dele.

— POR FAVOR! — Falou tossindo bastante. —
**MINHA MÁSCARA QUEBROU! NÃO ME DEIXE
VIRAR UMA DAQUELAS COISAS! MATE-ME!**

Eu vi em seus olhos o desespero. Ele estava determinado a sobreviver e não queria ceder ao fungo, ele não queria se transformar, lágrimas caíram do seu rosto, mesmo assim eu dei as costas para ele. Tínhamos apenas quatro tiros, não podíamos desperdiçar. Peguei a munição que dele já que ele não iria mais usar e fomos

embora. “Pobre desgraçado.” comentou Tess meio mal, mas precisávamos continuar em frente.

— NÃO! POR FAVOR! VOLTEM! EU NÃO QUERO ME TRANSFORMAR! — Ainda tossindo bastante e assim a voz dele foi se dissipando por todo o prédio deixando um clima triste no ambiente. Viramos e passamos por mais algumas salas e pegamos alguns suprimentos como tesouras quebradas, trapos velhos e até mesmo garrafas de álcool quase no fim. Passamos por mais uma passagem estreita e saímos numa sala comum. Assim que entramos uma tábua caiu bem na minha frente fazendo um pouco de barulho.

— Ei, Texas, vamos sai...

— Shh, shh, shh. — Cortei Tess.

Olhei pela porta a minha esquerda e vi um infectado parado de costas para mim e outros dois devorando um corpo morto mais na frente, os sons me faziam passar mal, mas eu precisava segurar ou estaríamos mortos a qualquer barulho que fizéssemos. Eram *corredores*, o primeiro estágio da infecção. Eu agarrei o infectado mais próximo e o enforquei até a

morte. Esperei Tess dar a volta e então agarramos ao mesmo tempo os outros dois. Eles gritavam, gemiam e faziam alguns grunhidos de dor, mas não só isso, você podia escutar que também eram pedidos de socorro, como se ainda houvesse alguém dentro deles resistindo a esta merda de fungo. Exploramos o local, encontrei alguns enlatados dentro da validade e fomos embora daquele inferno. Os *corredores* são o estágio mais básico do fungo, apenas alguns dias de infecção os deixam assim. Eles são que nem Jimmy, meu vizinho que eu falei no início do livro, parecem pessoas comuns só que extremamente agressivas com sangue envolta de seus olhos e boca, algumas brotoejas de fungos crescendo aqui e ali, eles andam de um lado ao outro se contorcendo e acertando sua cabeça como se estivessem resistindo ao fungo mesmo não tendo controle sobre ele. É uma cena meio triste de se ver, mas você se acostuma.

Finalmente saímos daquele lugar por uma escada, depois atravessamos mais um rombo numa parede passando por uma quadra de basquete com o

piso todo destruído e alagado. O estado atual da maioria dos lugares era esse, casas e prédios quase virando poeira, bastante plantas (maioria musgos e grama) e tudo alagado, mas pelo menos o ar era puro, diferente de antes do surto. Entramos por mais uma abertura num outro prédio. Pegamos uma prancha de madeira longa e pesada para poder atravessar uma seção com o piso quebrado, nada demais.

Sáímos por uma janela depois por uma escada de incêndio. Quando desci vi algo brilhando num galho de uma árvore. Era mais um pingente de algum Vaga-lume, tinha escrito “José Diaz”. Passamos por um beco apertado e depois por debaixo de uma escada quebrada, ali era a entrada do mercado clandestino da região. Entramos numa porta depois Tess chamou um garoto que estava após uma segunda porta, então, esperamos até liberarem nossa entrada. Alguns segundos se passaram e a criança reapareceu e abriu a porta permitindo nossa passagem.

O mercado clandestino, tinha de tudo um pouco, principalmente um monte de pessoas bem armadas.

Quando entramos estávamos numa área mais aberta, tinham cachorros latindo assustados presos atrás de grades esperando que alguém os compre para devorá-los, pessoas famintas desesperadas por comida, um estreito corredor longo com vários quiosques e um bando de tarados que volta e meia vinham falar com Tess. Passamos pelo corredor e assim que pisei nele um *cara* com um taco se levantou e disse “Tocou, comprou.” num tom intimidador me alertando. Eu me mantive calmo, apenas passamos pelo local. Chegamos num ônibus quebrado que era usado como passagem, então o que parecia ser o “segurança” da saída se levantou para me barrar. Ficamos nos encarando por alguns segundo depois que ele disse “Onde pensa que vai, babaca?”, mas logo a Tess chegou e interviu, “Desculpe Tess, não percebi que estavam juntos.”, continuamos e falamos com um outro *cara* que cobrou alguns cartões de comida.

— Estou procurando o Robert. — Tess falou num tom sério e ameaçador e entregou os cartões de comida *pra* esse *cara*. — Ele passou aqui?

— Faz meia hora. Voltou para o cais, *tá* lá agora.

— Respondeu.

Passamos por um portão fizemos uma curva e mais um portão. Chegamos numa área mais aberta onde tinha três pessoas. Assim que chegamos o que parecia ser o mais “durão” e o líder se levantou.

— Deixa a gente passar. — Tess logo falou.

— Se vocês têm amor a vida, vão dar meia volta e voltar. — O líder responde tentando nos intimidar. A tensão se instalou no ambiente, um movimento em falso e as balas saíam voando.

— Não queremos nada com vocês, a gente quer o Robert. — Tess responde tentando passar sem gastar munição. — Vocês não precisam fazer isso.

— Deem a volta e saiam já daqui.

— Não vou a nenhum lugar sem o Robert. — O tom de voz dela começou a subir.

— Vadia, vou esmagar sua cabeça se você não der meia volta e sair daqui.

— *Ah*, que droga... — Tess comenta a si mesma e então levanta a sua arma e atira sem hesitar ou tremular,

sem nem questionar e o líder agora tinha um buraco na testa. — Texas, se esconde!

Ela me deu um pequeno toque e eu me escondi atrás de uma espécie de barricada junto com Tess.

— Aponta *pra* eles, eu te cubro. — Tess avisa e assim eu fiz.

Eles estavam atrás de mais outras barricadas mais na frente e eu estava apontando para elas. Ficamos em silêncio por um tempo quando um pôs a cabeça na direita para visualizar a gente, então, eu atirei e a Tess começou a se movimentar. Eu errei, mas fiz eles se esconderem por um segundo chamando a atenção para mim, o outro se levantou mostrando metade do seu torso, mirou e atirou e por pouco eu estava vivo. Tess atirou nele e o acertou seu braço. Os dois se esconderam e eu me movimentei para a esquerda, lado contrário da Tess, queríamos cercá-los. Silenciosamente me arrastei por umas mesas viradas, peguei uma garrafa e joguei no meio deles e nesse meio segundo de distração eu apontei e atirei em um deles, Tess seguiu a deixa e o combate havia terminado.

— Como o Robert conseguiu todos esses *caras*?

— Perguntei.

— Se tem algo que o Robert sabe fazer é dar cheques em branco. — Tess respondeu cansada.

Passamos pela única passagem, um túnel, chegando numa porta trancada, subimos pela parede que estava do lado e assim seguimos até chegar numa outra área aberta. O cais ficava depois de uma garagem num galpão quase a nossa frente, o único problema era a quantidade dos inimigos. Ficamos em silêncio quando um deles passou na frente da nossa barricada, eles não tinham nos avistado ainda e Tess aproveitou se esgueirando por trás desse mesmo capanga e o matou silenciosamente. Ninguém nos viu ou ouviu. Continuamos assim e arrebentamos todos sem ninguém saber, sequer, que estávamos ali. Chegamos no portão e o abrimos. Finalmente chegamos ao cais. O lugar era muito grande e tinha uma parte aberta e outra fechada, era um cais para navios cargueiros, ou seja, cheio de contêineres quebrados, abertos e perfeitos para abusarmos da furtividade novamente.

— Ali está o desgraçado. — Tess comenta cochichando.

Robert estava conversando com um capanga, provavelmente o alertando que estávamos vindo, logo saiu e se escondeu numa sala dentro do cais e era para lá que fomos. Repetimos o processo, arrebentamos a cara de todo mundo em silêncio até um deles nos ver. Isso desencadeou um grande tiroteio, parecia que estávamos perdidos, mas achamos uma brecha por eles atirando num barril de gasolina, isso nos deu uma chance de revidar com tudo, finalizando o combate. Recuperamos nossas balas com os inimigos, fechei algumas feridas com trapos e álcool. Pegamos a chave de um dos inimigos mortos e então estávamos a um passo de pegar o Robert.

Abri a porta e passamos por uma sala que parecia uma recepção minúscula com uma outra porta. Quando íamos entrar o Robert começou a atirar.

— AFASTEM-SE! — Gritou Robert. — PARA TRÁS, PORRA!

— Só queremos conversar Robert. — Tess respondeu calmamente tentando negociar um pouco.

— Não temos nada *pra* conversar! — Robert então aperta o gatilho pela última vez e arremessa sua arma em nossa direção tentando fugir pela porta dos fundos. — E VAI SE FODER!

Robert então fecha a porta e sai por um beco, eu apenas chuto a porta e corro atrás dele. Ele derrubou uma lata de lixo para tentar me parar e entrou num outro prédio, virou numas persianas e por fim pulou por uma janela correndo para o lado errado, assim chegando num beco sem saída...

— Oi, Robert. — Tess falou num tom assustador.

— Tess, Joel... — Falou tentando negociar, assim como Tess tinha feito. — Sem ressentimentos, né?

— Nenhum. — Tess responde no mesmo tom de antes enquanto se abaixa para pegar um cano velho no chão.

— Tudo bem... — Logo em seguida, Robert começa a correr tentando fugir.

Tess derrubou Robert com uma tacada na canela.

— Sentimos sua falta. — Tess comentou sarcasticamente.

— Olha, eu não sei o que vocês ouviram, mas não é verdade! — Robert responde com bastante e merecida dor.

— As armas! Quer me dizer onde estão as armas?
— Tess respondeu num tom ameaçador.

— Sim! Claro, mas... É complicado, *tá* bom? — Robert fala tentando ganhar mais tempo.

Enquanto ele falava tentando enrolar, eu me desencosto da parede e chuto sua cara subindo em cima dele logo depois, estico seu braço e o forço como se fosse torcê-lo.

— Para de se contorcer. — Tess fala enquanto saca sua arma. — *Tava* dizendo?

— Eu as vendi. — Robert responde assustado.

— Como é que é?!

— Eu não tinha escolha, Tess! Eu tinha uma dívida!

— Agora você nos deve. Apostou no cavalo errado, Robert!

— Eu só preciso de mais tempo, só uma semana...

— Ainda tentando conversar.

— Eu até te daria uma semana se você não tivesse tentado me matar, seu desgraçado! — Agora ele deixou a Tess com muita raiva. — **QUEM TÁ COM AS ARMAS?!**

— Eu... Eu não posso... Só me dá algu...

Robert grita de dor quando eu desloco seu braço.

— Quem. *Tá*. Com as armas, Robert?

— ... — Um silêncio vindo de Robert por um segundo. — Os Vaga-lumes. Eu devia aos Vaga-lumes. — Murmurou quase desmaiando de dor.

— Quê? — Tess exclama surpresa.

— Vamos lá, Tess. — Robert diz implorando pela vida. — Eles estão quase todos mortos, a gente pode se unir, entrar lá e pegar as armas de volta! Que se danem os Vaga-lumes!

— Essa é uma ideia idiota. — Tess atira.

Robert estava morto com dois grandes buracos na cabeça.

— E agora? — Perguntei.

— Vamos pegar nossa mercadoria de volta. —

Tess responde tentando achar uma solução

— Como?

— Eu sei lá! a gente procura algum Vaga-lume e...

— Você não vai ter que ir muito longe... —

Marlene, a rainha Vaga-lume, fala numa voz fraca e calma saindo de trás de uma parede.

Três

Esperança

Marlene, a rainha dos Vaga-lumes, a líder que comandou todos os ataques ao governo e assumiu responsabilidade por eles. Marlene parecia cansada e machucada, provavelmente por causa daquele ataque mais cedo que impediu a rota fácil em direção ao Robert. Ela estava com a mão por cima de um ferimento na lateral do abdômen. Marlene é uma mulher negra com postura firme e determinada por mais que machucada, usava uma camisa verde bem escuro estilo exército e por cima dois casacos, um vermelho vinho mais fino e uma jaqueta jeans, usava também uma calça jeans azul-marinho qualquer e tênis comuns. Seu cabelo era preto cacheado e estava preso num coque grande em sua cabeça.

— O que estão fazendo aqui? — Marlene perguntou parando para respirar no meio.

— Negócios. — Tess respondeu tentando esconder o corpo de Robert se posicionando em sua frente.

— Cadê o Robert? — Marlene pergunta e Tess se afasta e mostra o corpo com uma grande poça de sangue e o rosto de Robert desfigurado. — *Humpf*. Eu preciso dele vivo.

— As armas que ele te deu, não eram dele. — Tess fala indo direto ao ponto. — Quero elas de volta.

— Não funciona assim, Tess. Eu paguei por elas.
— Marlene responde dando dois curtos passos à frente.
— Você quer elas de volta? Vai ter que merecer.

Tess me olha de canto e fala:

— De quantos cartões de comida estamos falando?

— Cartões de comida não me interessam... — Marlene fica em silêncio por uns segundos — Eu preciso tirar uma coisa da cidade. Faz isso e te entrego as armas, até mais.

— Como sabemos que *tá* com as armas? Quero uma garantia. — Tomei a dianteira. — Até onde eu sei, vocês *tão* tomando uma surra para os militares.

— Tem razão. Eu vou mostrar as ar...

Alguns militares que estavam vasculhando começaram a se aproximar, mas não tinham nos visto ainda.

— Tenho que sair, como vai ser?! — Marlene falou se movimentando para trás para fugir.

— Eu quero ver as armas! — Tess falou e então começamos a seguir Marlene.

Logo saímos daquele beco, Marlene comenta “Se quiser isso, temos que nos apressar.” então apertamos o passo. Passamos numa área aberta com um barraco abandonado e entramos em mais um beco fechado com um monte de caixas de madeira bem grandes e amontoadas. Subindo por elas, Marlene puxou uma escada que estava recolhida e subimos até o topo de um prédio, chegando lá ouvimos um grande estrondo e uma fumaça ao fundo.

— Caramba... Essa é a sua gente? — Tess falou provocando.

— O que sobrou deles. — Marlene responde meio chateada. — Por que acham que eu pedi ajuda de vocês? Venham, por aqui.

Continuamos caminhando por cima do telhado do prédio até chegarmos numa janela aberta.

— Por que agora? — Perguntei sem segundas intenções.

— Estávamos quietos, planejando sair da cidade, mas eles precisam de um bode expiatório. — Marlene responde com um tom de raiva. — Eles estão tentando nos provocar.

— É, parece que sim.

— Estamos tentando nos defender.

Entramos pela janela, era uma sala com algumas colunas, umas caixas grandes daquelas por aí e umas mesas com várias peças e alguns suprimentos. “Peguem o que precisar.”, Marlene havia dito, eu peguei o que fosse ser útil, então abrimos uma porta emperrada de correr azul feita de ferro. Descemos umas escadas e chegamos de baixo de uma ponte. Ainda na parte de baixo estava nosso objetivo, uma porta que estava do outro lado sendo protegida por um guarda. Havia mais soldados e tínhamos que dar a volta. Foi um pouco difícil, mas conseguimos passar sem nos perceber.

Encontramos alguns corpos mortos de outros Vagalumes, Marlene ficou alguns segundos parada olhando para os corpos de seus companheiros até pegar seus pingentes. Eu entreguei os que eu tinha para ela, depois descemos a escadaria para debaixo da ponte.

Passamos pela porta e chegamos numa espécie de galpão abandonado, mais do mesmo, caixas para lá e para cá e uma porta escrito “Saída” em cima. Passamos por mais algumas construções até chegar num lugar que parecia ser uma cozinha de restaurante. Marlene já estava bem fraca, mal conseguia andar. Quando ela abriu a última porta, Marlene caiu no chão, eu me prontifiquei a ajudar quando de repente uma menininha apareceu gritando “LARGA ELA!” com uma faca na mão. Tess a segurou e Marlene, ainda no chão, disse:

— Solta ela...

— *Tá* recrutando gente muito jovem, não acha?

— Comentei.

— Ela não é das minhas. — Marlene respondeu enquanto tomava fôlego e se levantava.

— Oh merda. O que aconteceu com você? — A menina perguntou.

— Não se preocupe, vou sobreviver. — Marlene respondeu ofegante. — Consegui ajuda... Mas não posso ir com você.

— Então eu vou fi-

— Ellie, não vamos ter outra chance.

— Aí! *Vamo* levar ela? — Falei interrompendo a conversa.

— Uma equipe de Vaga-lumes vai encontrar vocês no congresso. — Marlene responde.

— Isso não é muito perto. — Tess entrou na conversa.

— Vocês conseguem. — Marlene responde determinada. — Vocês entregam ela, voltam e as armas são suas, o dobro do que o Robert me vendeu.

— Falando nisso, onde elas estão? — Tess perguntou desconfiada.

— No nosso acampamento.

— Eu não faço nada até ver as armas. — Tess responde subindo o tom de voz.

— Ok, mas Ellie não irá cruzar até essa parte da cidade. Você vem comigo ver as armas enquanto Joel cuida dela.

— Eu não acho que isso seja uma boa ideia. —
Falei começando a ficar desconfiado.

— De jeito nenhum! Eu não vou com ele, nem fu-

— Ellie! — Marlene corta nos dois e toma um pouco de ar.

— Como você conhece eles? — Ellie pergunta preocupada.

— Eu era amiga do irmão dele, Tommy. —
Marlene respondeu cansada e fazendo algumas pausas.
— Ele disse que se eu tivesse problemas, podia confiar nele.

— Foi antes ou depois de abandonar o seu grupinho? — Falei provocando.

— Também abandonou você... — Marlene retrucou. — Ele era um homem bom.

A minha relação com Tommy era turbulenta, no meio de nossa jornada, nós nos desentendemos e nos separamos, Tommy ficou com os Vaga-lumes, algo que

eu não me interessei muito, mas depois ele acabou saindo e se virando sozinho, já eu segui um caminho próprio e fiz meu rumo, passando em grupos e grupos para sobreviver acabando aqui, com a Tess. Hoje, Tommy mora em algum lugar de Jackson County, Wyoming.

— Olha, leva ela para o túnel do norte e me espera lá, ok? — Tess falou tentando me convencer.

— Meu Deus... — Respondi desapontado.

— Ela é só uma carga, Joel.

Eu dou um belo de um suspiro e falo:

— Não demora. E você, não se afasta. — Então fomos embora.

Assim que saímos do prédio, nos deparamos com alguns Vaga-lumes mortos e Ellie logo comentou um pouco triste:

— Nossa... Eu ouvi tiros, mas não pensei...

— É, e isso logo vai acontecer conosco se não sairmos daqui, vamos.

— Você é o profissional, só *tô* seguindo.

Descemos por uma passagem subterrânea saindo de um beco e passamos pela porta de um prédio até chegarmos nos fundos, uma área mais aberta onde ficava uma escada de incêndio quebrada. Precisávamos chegar nela, então peguei uma daquelas grandes lixeiras com rodinhas e usamos de suporte. Após subirmos, passamos por um corredor longo até chegar num pequeno quarto apenas com uma janela, uma mesa de centro, um sofá e uma porta para o quarto ao lado.

— Vocês usam esse túnel para contrabandear coisas? — Ellie perguntou.

— É.

— Coisas ilegais?

— Às vezes.

— Já contrabandeou uma criança?

— Não... Vem cá, qual sua relação com a Marlene?

— Não sei... Ela é minha amiga, eu acho...

— Sua amiga, é? Você é amiga da líder dos Vagalumes. — Falei achando meio estranho a situação. — Quantos anos você tem, doze?

— Que saco em... Ela conhecia a minha mãe. E eu tenho catorze anos, não que isso importe.

— Onde estão seus pais?

— Onde estão os pais de todos? Eles se foram há muito, muito tempo.

— *Hmm*, então em vez de ficar na escola, você decidiu fugir e se juntar aos Vaga-lumes, é isso?

— Olha, eu não posso contar por que você *tá* me levando, se isso que quer saber.

— Quer saber qual a melhor parte do meu trabalho? Eu não preciso saber por que, *pra* falar a verdade, eu não *tô* nem aí pra você.

— *Ah*, que ótimo, legal...

Ficamos no quarto esperando Tess chegar. O quarto era pequeno e apertado, contava apenas com uma sala de estar e uma outra porta para um quarto. Da janela conseguia-se ver o grande muro que separava a zona de quarentena do lado de fora, estávamos extremamente próximos. Eu me deitei no sofá e fiquei descansando.

— O que *tá* fazendo? — Ellie perguntou confusa.

- Matando tempo.
- Bom, e o que é que eu faço?
- Tenho certeza de que vai achar algo.
- Seu relógio, *ahn...* *Tá* quebrado.
- *Humpf...*

Eu acabei pegando no sono. Ellie é uma garotinha curiosa e mal-educada, mas tenho que relevar o fato dela ter apenas 14 anos, ela nasceu e viveu nesse mundo, ela não tem nada na vida dela que não esteja manchado em sangue, eu vi isso em seus olhos. Ela usava uma camiseta de manga comprida preta com uma outra camisa vermelha de manga curta por cima, uma calça jeans como basicamente todo mundo e um tênis que você deve conhecer por “all-star” e andava sempre com seu canivete comum. Enfim eu acordei e já era noite, estava chovendo bastante.

— Você fala enquanto dorme. — Ellie disse assim que acordei. — Odeio pesadelos.

— É, eu também. — Falei ainda um pouco cansado.

— Sabe... Eu nunca estive tão perto... Do lado de fora — Ellie falou entusiasmada como se fosse ser um lugar bonito cheio de flores e borboletas. — Ei, olha como é escuro. Não pode ser muito pior lá. — Ela disse isso enquanto eu acendia um lampião em cima de uma mesa de cabeceira ao lado do sofá. — Pode?

— Afinal, o que os Vaga-lumes querem com você? — Falei um pouco agressivo tentando desviar o assunto.

— Oi. Desculpa a demora, tem soldados em toda a parte. — Disse Tess um pouco ofegante assim que chegou.

— Como *tá* a Marlene? — Ellie perguntou preocupada.

— Ela vai ficar bem. Não se preocupa.

— Ok...

— Eu vi a mercadoria. Tem muita coisa. — Tess se vira para mim e fala surpresa e ansiosa. — Quer fazer isso?

— É... — Respondi ainda relutante.

— *Vamo* lá.

Passamos pela porta para o quarto ao lado, Tess parou um segundo para observar pela janela.

— Não acha estranho nos mandarem fazer o contrabando? — Perguntei estranhando essa situação.

— A Marlene queria fazer isso sozinha. Não fomos a primeira e muito menos a segunda opção deles.

— Tess responde com firmeza. — Ela perdeu muitos homens, não dava *pra* escolher.

— É... Espero que tenha alguém vivo para nos pagar... — Falei ainda em dúvida sobre tudo isso.

— Alguém vai estar lá. — Tess responde esperançosamente.

Tess sai da janela e arrasta um móvel no quarto que dá espaço a um buraco na parede. Nos esprememos por ele e chegamos num elevador com um gerador do lado. Eu liguei o gerador e descemos até chegarmos num túnel subterrâneo e então numa escada de mão e *voilà!* Estávamos do lado de fora.

— Quem *tá* esperando na entrega? — Perguntei querendo saber de tudo.

— Ela disse que tem uns Vaga-lumes que vieram de outra cidade. A garota deve ser importante. — Tess falou enquanto olhava meio curiosa para Ellie. — Qual o problema, *hein*? Você é filha de algum figurão ou coisa assim?

— É... Algo assim... — Ellie respondeu hesitante. — Quanto tempo vai demorar isso?

— Se tudo sair como planejado, não deve demorar mais que algumas horas. — Tess estava animada com a mercadoria e preocupada com a carga. — Quando sairmos você tem que nos obedecer e ficar perto de nós, *tá bom*?

— É, claro. — Ellie respondeu meio tímida.

Subimos a escada de mão e tiramos um pedaço de madeira que cobria a passagem. Analisei o ambiente e vi uma patrulha logo a frente e esperei ela passar. Seguimos em frente e tudo estava muito, muito destruído, estávamos caminhando numa vala rasa que se estendia até o fim do grande muro que cercava a quarentena, inclusive, a chuva virou uma tempestade. Ellie comentou “Nossa, eu *tô* mesmo do lado de fora!”,

acho que ela nunca veio aqui mesmo, então ela realmente não sabe o quão ruim é. Chegamos até um caminhão que estava atolado e usamos seu contêiner para sair daquela fissura, mas assim que saímos eu recebi uma coronhada na cabeça e fomos emboscados pelos militares. Eles nos puseram de joelhos e começaram a verificar se estávamos infectados.

— Ok, vamos ver... — Um dos dois soldados pegou aquele dispositivo e colocou na nuca e Tess.

— Pensa bem... A gente pode fazer isso valer a pena. — Tess fala para o soldado que a examinava tentando convencê-lo a não nos prender.

— Cala a boca. — O soldado responde agressivamente.

Depois foi minha vez, eu não falei nada, mas percebi que Ellie estava um pouco nervosa demais para a situação, porém ignorei, era a primeira vez que acontecia isso com ela, tudo era novo. Quando chegou a vez de Ellie o soldado já estava cansado do trabalho do dia e se virou para a outra soldado perguntando o que era ETA... Ellie saca seu canivete e finca na perna do

soldado e segura sua arma. “Desculpe!” ela gritou e então ouve disparos, eu pulei em cima do soldado com a faca e o matei com sua própria arma, enquanto Tess pegou a outra soldado.

— *Ah*, droga! — Ellie disse ofegante enquanto se apoia sentada numa caixa. — Eu pensei que íamos segurá-los ou algo assim!

Tess se levanta e pega o examinador dos militares...

— *Ah*, merda. — Tess falou preocupada. — Joel, olha isso.

— Quê? — Falei confuso. — A Marlene armou *praga*? Por que estamos levando uma garota infectada?

— Calma! Eu posso explicar! — Ellie fala desesperada. — Eu não *tô* infectada!

— *Ah*, é? E isso aqui é mentira? — Eu joguei o examinador nos pés dela.

— É melhor explicar rápido. — Tess aponta sua arma para Ellie.

— Olha! — Ellie arregaça a manga direita e mostra uma ferida já cicatrizada em formato de mordida com

várias bolhas que pareciam cogumelos em seu antebraço.

— Não me importa como se infectou. — Falei me segurando para não gritar.

— Já tem três semanas! — Ellie falou assustada.

— Não mente *pra* mim! Todo mundo se transforma em dois dias sempre! — Tess gritou.

— Tem três semanas! Eu juro! — Ellie fala com convicção dessa vez, sem gaguejar nem ficar nervosa. — Por que ela armaria *pra* vocês?

— Eu não acredito... — Eu falei sem querer acreditar no que os meus olhos viram, uma menina supostamente imune? — *Ah*, droga...

Um carro de militares aparece um pouco distante, começamos a correr e escorregamos por um cano grande de esgoto e voltamos para a “vala” e dali seguimos adiante. Havia vários soldados atrás de nós vasculhando cada lugar sem deixar pedra sobre pedra.

— Me sigam, permaneçam nas sombras, assim eles não vão nos ver. — Eu falei cochichando.

Seguimos por mais canos de esgoto velhos, passamos por debaixo de uma ponte onde ficava o posto de controle até cairmos num poço e subirmos novamente para uma casa completamente destrocada, nem teto tinha, nem sei como ainda estava de pé. Pegamos alguns militares que ali estavam vasculhando e passamos adiante pela sequência de mais casas. Passamos por um portão e demos de cara com uma área bem aberta, uma rua com alguns carros quebrados nela. Usamos os carros até a outra calçada da rua e entramos em uma das casas, então de casa em casa seguimos abatendo soldado a soldado. Chegamos no final da rua e caímos em um fosso, estávamos numa passagem subterrânea. Não sabia bem o que era aquele lugar, mas seguimos em frente. Passamos por mais esgoto e abrimos uma grade pesada que fechava o cano que estávamos. Ouvimos um carro se encontrando com um militar e avisando que já tinham ido longe demais, assim desistindo da busca, finalmente estávamos seguros. Paramos ao lado de um viaduto onde o cano terminava.

- Então... Qual era o plano? — Tess perguntou.
- Nós entregamos você aos Vaga-lumes. E depois?
- *Ah...* A Marlene... Ela disse que tem uma área de quarentena própria, com médicos que ainda tentam achar a cura... — Ellie responde nervosa.
- É, a gente já ouviu isso antes, né Tess? — Falei ainda desacreditado.
- O que aconteceu comigo é a chave para descobrir a vacina... — Ellie continuou.
- *Ah*, caramba... — Suspirei.
- Foi o que ela disse. — Ellie confirmou.
- *Aham*, com certeza ela disse isso. — Falei.
- *Ah*, cara, vá se foder! — Ellie se levanta com raiva. — Eu não pedi isso, *tá* bom?
- Nem eu. — Retruquei. — Tess, que merda a gente *tá* fazendo aqui?
- E se for verdade? — Tess falou com um olhar cheios de esperança, eu já havia perdido a minha esperança já faz muito tempo.
- Eu não acredito... — Suspirei surpreso.

— E se for, Joel? — Tess suplicou. — Já chegamos até aqui. Vamos até o fim.

— Preciso lembrar você do que tem lá fora?

Esse foi o limite de Tess. Ela saiu andando e não se importava se eu ia ou não e Ellie foi logo atrás. Eu tinha um mal pressentimento sobre isso. Nem sempre, ter esperança é bom, disso eu sei...

— Se formos pelo centro, chegamos ao congresso antes do amanhecer. — Tess falou.

É, eu não pude evitar e fui junto a elas. Passamos por de baixo do viaduto e subimos pelos escombros dele. Seguimos pela rua do viaduto e minha visão foi surpreendida, dois enormes prédios estavam um do lado do outro, porém um deles tombou e caiu em cima do outro, eles não foram ao chão, ficaram se equilibrando um no outro, isso em meio a um céu azul escuro e uma chuva agradável deixou a visão incrível. Continuamos descendo a rua entre esses dois prédios quando Ellie comenta “Nossa! É assim que esses prédios são de perto? Eles são tão altos.”, ela nunca tinha visto um arranha-céu tão alto na vida. Quando estávamos

passando por uns destroços bem embaixo dos dois prédios ouvimos um grito estranho de longe. Nós já sabíamos o que era e não era bom.

— O que diabos foi isso? — Ellie pergunta.

— Tess, ouviu isso? — Falei um pouco mais alerta.

— Ouvi. Mas parece que veio de longe. — Tess responde também mais alerta.

Nosso caminho estava bloqueado novamente. Um rombo numa avenida inteira, se caíssemos iríamos morrer definitivamente, demos a volta nesse enorme buraco e entramos num dos prédios que estava inclinado, isso não era a melhor ideia, mas era a única opção. O prédio era uma bomba relógio, poderia cair a qualquer momento. Entramos por uma janela e então abri uma porta, atrás dela um cadáver... Era de um militar, tinha sido esquartejado, não por mãos humanas, mas sim por infectados. O sangue era fresco, permanecemos em silêncio e alerta, estávamos prestes a enfrentar *estaladores*...

Estaladores são o terceiro estágio de infecção, já estão assim a anos. Seu cérebro é completamente

tomado pelo fungo e grandes massas começam a crescer para fora de sua cabeça obstruindo sua visão completamente, alterando a forma física do corpo, crescendo pequenos cogumelos e criando um projeto de armadura de fungos por todo o corpo preparando para o próximo estágio. Eles são tipo morcegos, produzem sons e estalos para se guiar por eco localização, são resistentes e ninguém jamais saiu vivo contra um *estalador* no mano a mano, sem contar a audição deles, se você fizer um barulho sequer eles se “ativam” e perseguem esse som e se chegarem muito próximos, bom, provavelmente vai terminar igual ao cadáver que encontramos.

Subimos por uma escadaria para o próximo andar e encontramos mais um corpo morto, também recente, mas continuamos em frente esperando o pior. Não demorou muito até a escadaria não servir mais de caminho. Saímos da escadaria e nossa passagem estava bloqueada por um corpo de *estalador* morto, o fungo cresceu e emperrou uma porta. Eu segurei nos ombros do corpo e forcei até remover o corpo, deixei a cabeça

o mais longe possível e removi o corpo da porta e ainda sobrou vários cogumelos emperrando a porta, tive que arrombá-la. Passamos por uma sala pela “metade” (metade dela estava destruída) e entramos em mais uma porta. Parece que esse era um prédio comercial, cheio de mesas divididas por cubículos para cada um trabalhar e focar no seu, o prédio rangia e parecia estar chegando no seu limite, não sei quando, mas o prédio estava para cair. Chegamos numa das salas com os cubículos havia só uma porta que estava emperrada. Pedi ajuda de Tess e então forçamos a porta até abrir. Conseguimos abrir e do outro lado tinha um carrinho de arquivos virado e barricando a porta, quando abrimos, derrubamos o carrinho no abismo do prédio que havia ao lado... E isso fez barulho pra *caralho*...

Por último, para meu azar, um *estalador* me agarrou e me jogou no chão, ele estava em cima de mim, sua boca ficou muito próxima do meu pescoço e por pouco não sou uma dessas coisas. Ele era forte e ficava me batendo com os braços, não me enxergava, mas sabia que eu estava ali, então Tess chuta o *estalador* e o tira de

cima de mim, apontou a arma na cabeça dele e atirou uma vez, o infectado não morreu, estava vivo, as massas de fungo que brotaram de dentro do cérebro o protegiam, mas Tess não demora muito para atirar novamente, dessa vez matando-o.

— Que merda foi essa!? — Ellie cochicha tentando não gritar.

— Isso, é um *estalador*, Ellie. — Eu respondi voltando a mim e verificando se não fui mordido. — Eles se guiam pelo som como morcegos, são extremamente fortes no corpo a corpo e são feios pra caralho.

— Notei... — Ellie respondeu.

Continuamos em frente tomando mais cuidado e coletando suprimentos até dermos de cara com mais um *estalador*, mas dessa vez ele não nos ouviu. Nos escondemos atrás de uma bancada e o *estalador* veio até ela, virou sua cabeça de um lado ao outro, mas não percebeu a gente. Tess pegou uma garrafa que tinha na bancada e arremessou para longe, o infectado ouviu a garrafa e foi até lá, assim desviamos dele e fomos embora. Descansamos por um segundo, mas não

podíamos ficar parados, tínhamos que continuar nos movendo. Chegamos a um beco sem saída, a escada estava lotada de destroços e na porta que era para o corredor, dava numa vala, mas Tess sempre pensou rápido e saímos por uma plataforma suspensa, uma daquelas que fica nas janelas dos prédios para limparem as janelas, e seguimos. Fomos bem devagar, sem olhar para baixo, atravessamos o prédio por sua beirada externa colados na parede e entramos por outra janela. Descemos por mais uma escadaria e acabei achando uma arma nova num corpo. No início do livro, eu digo que tinha um revólver comigo e tal, enfim, eu acabei perdendo ele nesses 20 anos e o reencontro nesse momento. Peguei o revólver e a munição que tinha próximos a mais um cadáver e descemos mais um andar, onde nesse andar havia vários *corredores* e um *estalador*, não podíamos passar sem acabar com eles e assim fizemos. Matamos um a um sem “acordar” o *estalador* que estava parado como se estivesse dormindo e saímos dali por uma passagem para o andar de baixo. Todos os infectados fazem isso, ficam parados ou

inativos, algo assim, isso acontece depois de muito, muito tempo mesmo sem ser incomodado por um humano, ou melhor, uma nova presa, outro pequeno detalhe é que *estaladores* não morrem fácil, você não irá conseguir sufocá-los como um *corredor*, eles são fortes demais, só dá *pra* matar *estaladores* com facas, cortando seu pescoço e os deixando sangrar e se contorcer até a morte, não há outra maneira além das armas de fogo.

Finalmente saímos do prédio, mas não para melhor, chegamos num metrô após passar por algumas passagens.

— Eu *tava* pensando... Quando a gente voltar, podemos descansar um pouco. — Tess falou um pouco cansada.

— Você quer descansar? — Perguntei surpreso.

— *Ah*, é você que sempre fala em dar um tempo do trabalho...

— E você sempre me corta...

— Bom, dessa vez não...

— *Humpf*, eu sou acredito vendo.

Subimos umas escadas e chegamos numa conveniência do metrô cheia de *estaladores* e *corredores*, eram demais, então atraímos todos para um lugar só com uma garrafa e bombardeei eles com coquetéis molotovs. Molotovs são bombas incendiárias improvisadas feitas a partir de uma garrafa com um pouco de álcool dentro e um pano que fica em contato com o álcool e uma parte para fora, assim ateando fogo na ponta do pano e o arremessando, causando uma grande explosão numa área considerável. Após essa confusão, passamos adiante por um portão e estávamos livres.

Fora do metrô, matamos mais alguns *corredores* num outro prédio e pegamos um suporte para subir num caminhão e seguir para o congresso. Enquanto abríamos um portão muito pesado e barulhento, fomos atacados por inúmeros infectados, por sorte atravessamos o portão antes de nos pegarem.

Entramos na garagem de um museu antigo e caindo aos pedaços, mas como a sorte dura pouco, havia *estaladores* e *corredores* no prédio, óbvio, e para piorar

a situação, enquanto eu segurava uma estaca de madeira para segurar a passagem, a estaca quebrou e eu fiquei sozinho tendo que achar outra rota para a saída, eu vi Tess sendo atacada por um corredor, mas ela logo o afastou e parecia bem. Continuei meu caminho matando vários infectados até conseguir me reencontrar com Tess e Ellie. Fiquei aliviado e saímos do museu por uma janela depois, pela escada de incêndio, subimos até o telhado e eu fiquei mais aliviado ainda quando conseguimos ver o congresso e o nascer do sol atrás dele, já não estava mais chovendo e tudo parecia mais tranquilo, e assim foi até chegarmos lá...

Tess parecia nervosa e apressada com uma pitada de medo por algum motivo, mas ignorei, apenas seguimos em frente.

— E se estiverem todos mortos quando chegarmos? — Ellie comentou um pouco nervosa.

— Não vão estar. — Tess responde levantando a voz como se estivesse desesperada ou assustada.

— Mas... Como você saber? — Ellie perguntou.

— Eu sei disso. — Tess toma um pouco de ar para se acalmar. — Vai ficar tudo bem.

— *Tá...* — Ellie murmurou

— Tem que ficar... — Tess completou.

A frente do congresso estava totalmente alagada, assim descobrimos que Ellie não sabia nadar. Caminhamos pela borda direita onde parecia mais raso e ficamos de frente para porta do congresso. Tess toma a dianteira e abre a porta com tudo e lá estavam eles, os Vaga-lumes... Todos... Mortos...

— Não... Não... NÃO! — Tess gritou desesperada e ficou vasculhando os corpos.

— Tess, o que *tá* fazendo? — Falei um pouco chateado com a viagem perdida.

— Meu Deus... Talvez eles... Tenham um mapa ou algo que nos mostre onde estavam indo. — Tess falou procurando algo freneticamente em um dos corpos.

— Tess... Até onde vamos com isso? — Falei já conformado com a situação.

— ATÉ ONDE FOR PRECISO, JOEL! — Tess exclamou. — Onde era o laboratório deles?

— Marlene nunca me disse, só que era em algum lugar no Oeste. — Ellie respondeu.

— O que estamos fazendo aqui? Nós não somos assim, Tess. — Tentando convencê-la a ir embora.

— O que sabe sobre nós, Joel? — Tess se levante e me olha nos olhos. — Sobre mim?

— Sei que é mais esperta do que isso.

— *Ah*, é? Adivinha só, Joel, somos uns ferrados e é assim já faz tempo.

— NÃO! Somos sobreviventes, Tess!

— É a nossa chan-

— ACABOU, TESS... ACABOU! — Gritei. — Nós tentamos, agora vamos *pra* casa.

— Não... Eu não vou a lugar nenhum... — Tess falou quase chorando. — É minha última parada.

— Quê? — Perguntei sem entender.

— Nossa sorte ia acabar cedo ou tarde... — Tess desvia os olhos de mim.

— O que está dizendo... — Eu tento puxar o ombro dela para ela se virar e me olhar nos olhos.

— NÃO! Não toca em mim...

— Minha nossa... — Ellie entra na conversa. — Ela tá infectada.

Eu fico em silêncio por um tempo... Eu não sabia o que sentir naquele momento... Eu comecei a ficar com raiva... Não de Tess, mas por toda essa situação e esse mundo de merda...

— Me mostra... Deixa eu ver. — Tess puxa a gola de seu colete rosado e mostra uma mordida no pescoço sangrando um pouco com minúsculos cogumelos nascendo em volta, suas artérias e veias em volta da ferida estavam muito visíveis por debaixo da pele com uma coloração diferente.

— Opa, né? — Ela fala com raiva, medo e desespero e vai até Ellie. — Joel, isso tem três semanas, o meu tem uma hora e já está pior... ISTO É REAL, JOEL!

Fiquei em completo silêncio apenas olhando para Tess, vendo o nível que ela se rebaixou e o que aconteceu com ela por causa de uma ideia de esperança.

— Você tem que levar ela para o Tommy. — Tess ainda desesperada falou tentando achar uma maneira de

ajudar o mundo. — Ele andava com essas pessoas, ele sabe aonde ir.

— Não, não, não, essa missão era sua! Eu não vou fazer! — Falei tentando não sucumbir àquela faísca de esperança.

— Você vai sim! — Tess começa a se aproximar do meu rosto, erguendo as mãos para perto dele, mas não consegue me tocar. — Passamos por coisas suficientes para que sinta uma dívida comigo. Agora leva ela *pro* Tommy.

Ouvimos um camburão dos militares chegando para checar a área.

— Eu posso ganhar tempo, mas vocês têm que correr. — Tess falou determinada.

— Quê? — Ellie comentou.

— Mas de jeito nenhum. — Falei.

— EU NÃO VOU VIRAR UMA DESSAS COISAS, JOEL! — Tess ainda se segurava para não chorar. — Vamos... Não dificulta as coisas...

— Eu posso lutar... — Murmurei.

— NÃO, VAI EMBORA, CACETE! — Tess grita e me empurra *pra* longe. — Vai de uma vez... — Eu vi algumas lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Ellie... — Chamei-a.

— Desculpem... Eu não queria que fosse assim. — Ellie fala se sentindo muito culpada.

— Para de falar e vamos logo... — Falei.

A última coisa que eu escutei foram palavras dos militares na porta, “Sabemos que está aí dentro!”, então eles arrombam a porta e tiros são disparados... Subimos para o segundo andar e vimos a cena. Tess atirou e matou um dos soldados, mas morreu logo em seguida.

Nós não tivemos tempo para o luto, os soldados começaram a vasculhar o prédio. Passamos escondido pelos soldados, eu até achei uma nova arma, um rifle de caça. Saímos correndo pela porta da frente e entramos em mais um metrô. Estava completamente alagado e cheio de esporos. Eu coloquei a minha máscara, mas Ellie não tinha uma e entrou mesmo assim. Ela não estava tossindo nem sequer se incomodou com os esporos, era como se não existissem esporos... Eu estava

chocado com a cena... Ellie passou por uma região mais rasa, mas ainda assim usamos uma espécie de jangada feita de madeira que encontramos no meio do caminho até chegar no outro lado, subimos umas escadas e estávamos ao ar livre novamente.

Sentei-me num grande bloco de concreto que estava logo na minha frente e fiquei pensando.

— Olha... Sobre a Tess... — Ellie começou a conversa. — Eu nem sei o que-

— Olha só, as coisas vão ser assim. — Falei de maneira rude e irritado. — Você não fala da Tess... Nunca. Acho melhor não falarmos das nossas histórias. — Continuei. — Segundo, não conte a ninguém sobre seu... Estado. Vão achar que é louca ou vão tentar matar você. E por último, você faz o que eu disser, quando eu disser, entendeu?

— Claro... — Ellie respondeu de cabeça baixa.

— Repita.

— O que disser é uma ordem. — Ellie respondeu ainda cabisbaixo.

— Ótimo... — Concordei e me levantei. — Bom, tem uma cidade a alguns quilômetros ao norte. Tem um *cara* lá que me deve favores... É provável que ele nos consiga um carro.

— Certo... — Ellie respondeu num tom quase inaudível.

— *Vamo* nessa! — Exclamei.

E assim partimos até a cidade do Bill...

Quatro

A Cidade do Bill

Eu e Ellie caminhamos uns bons quilômetros até a cidade do Bill. Bill era um cara perturbado e vivia isolado nessa cidade. Era cidade de Lincoln, Massachusetts, uma cidadezinha comum de filme estadunidense no interior, sem prédios altos e desenvolvidos, uma igrejinha e uma escola local com valentões e nerds. Nós estávamos seguindo por uma avenida longa no meio de florestas até chegarmos lá. Cortamos caminho por um bosque pulando a cerca de proteção da estrada. Era um bosque tranquilo e bonito com árvores, grandes rochas jogadas por aí e um riacho que o cortava.

— É, vai ser mais rápido passar por aqui. —
Comentei.

— Cara... — Ellie suspirou.

— Quê? — Perguntei curioso.

— Nada não... É que... Eu nunca vi uma coisa assim, só isso. — Ellie falou um pouco tranquila com o bosque.

— Você fala do bosque?

— É. Eu nunca andei por um bosque. — Ellie esboça um sorriso no rosto e completa. — É bem legal... *Ah*, sim, mudando de assunto... Por que não me leva de volta *pra* Marlene?

— Se ela pudesse fazer alguma coisa, por que te deixaria conosco?

— Bom, talvez ela esteja melhor agora. — Ellie falou com esperança.

— Garota, eu não quero te perturbar, mas as chances de sobrevivência dos seus amigos nunca foram muito altas.

— Ela é muito mais durona do que pensa. — Ellie respondeu um pouco chateada.

— Não importa. Porque eu duvido que eles pudessem nos levar de volta à cidade inteiros. Acredite, eu gostaria que houvesse outra opção.

Finalmente chegamos na civilização. Nos deparamos com uma cerca de metal com arame farpado, logo do lado tinha uma pequena construção que parecia ter um gerador dentro, bem, eu não faço

ideia estava trancada e eu não me importei em abrir. Peguei uma tábua velha no chão e subi naquela casinha e atravessamos para o que parecia ser uma guarita e entramos na cidade. Quando estava no alto vi um rastro de fumaça negra, provavelmente era o Bill, bom, tomara que seja.

— Onde você o encontra? — Ellie perguntou curiosa.

— *Ahn?* Ah, sim... Lugares diferentes. — Respondi rápido e tranquilo.

— Você nunca veio aqui, não é?

— Eu sei que ele mora aqui, mas pessoalmente, não.

— E essa fumaça, *cê* acha que é ele?

— Espero que sim.

— Bom... *Vamo* conferir, né?

— Claro...

Descemos por uma cerca quebrada e estávamos nos fundos de algumas casas, exploramos o local e matamos um *estalador* e um *corredor* que estavam por perto, enfim chegando na rua. Enquanto procurávamos

suprimentos ouvi Ellie fazendo uns barulhos estranhos... Ela estava treinando assobios e continuou assim por um tempo.

— Então a gente consegue um carro com esse seu amigo... E depois? — Ellie perguntou

— Depois, vamos procurar o Tommy.

— A Marlene disse que ele é seu irmão. — Ellie falou delicadamente.

— O que realmente importa é que ele era um Vaga-lume, vai saber onde te levar. — Respondi rápido tentando desviar o assunto. — Ele mora longe, então precisamos do carro.

A rua estava bloqueada, então viramos por um beco e encontramos algo intrigante. Um *estalador* apareceu e veio em nossa direção, eu saquei a 9MM e apontei, mas antes que eu pudesse atirar ele explodiu.

— Uau! Nossa, o que diabos foi isso?! — Ellie exclamou impressionada.

— É... Uma armadilha do Bill. — Respondi tentando entender também.

— Esse seu amigo é bem paranoico... — Ellie comentou.

— Você está sendo gentil.

— Okay, né... Mas assim, qual é a desse cara? — Ellie perguntou.

— Bom, ele nos ajudou a trazer umas coisas *pra* cidade. Ele sabe como achar coisas. — Respondi sem encontrar as palavras certas para descrevê-lo.

— Beleza, espero que a gente não exploda tentando achar ele. — Ellie brincou.

— Olha onde pisa e você vai ficar bem.

Achei um defunto com flechas em seu corpo. Peguei as flechas e continuamos por cima de uma minivan e adivinha, encontrei uma poltrona em cima dela com um arco recurvo bem-feito apoiado na parede.

— Ei! Deixa eu usar, eu sei atirar muito bem com essa coisa. — Ellie comentou.

— Vamos deixar esse tipo de coisa comigo, *tá* bom? — Respondi sem confiança.

— Podemos estar os dois armados. Um cobre o outro. — Ellie disse tentando me convencer.

— É, acho que não.

Andamos mais um pouco por cima dos pequenos prédios e fomos nos aproximando da fumaça.

— Garota, escuta. O Bill não é exatamente um *cara* muito estável... Quando chegarmos lá, deixa que eu falo, Entendeu?

— Entendi.

— Isso tem que ficar claro, ele não gosta muito de estranhos.

— Okay... — Ellie respondeu confusa.

Passamos por um beco que tinha algumas armadilhas, mas tive a brilhante ideia de explodirmos elas com tijolos e garrafas que achávamos por aí, até que deu certo *pra* falar a real. Exploramos mais um pouco a região e entramos numa pequena salinha de controle que conectava num grande galpão bem aberto. Eu abri a portinha da sala para seguirmos em frente e caí numa das armadilhas mais bestas possíveis, uma corda se prendeu em meu pé e me puxou me deixando preso de ponta cabeça, além disso, o contrapeso era uma grande

geladeira que, ao cair, fez muito barulho chamando a atenção de... Gente indesejada.

Vários infectados começaram a passar pelas cercas ao longe e isso foi tenso. Ellie subiu na geladeira e tentou cortar a corda, mas aquilo ia tomar algum tempo, a corda era muito grossa e os *corredores* já estavam a caminho. Saquei minha arma e tive que me proteger e proteger Ellie pendurado pelo pé enquanto esperava Ellie terminar o serviço. Gastei muita munição, mas consegui acertar os tiros necessários, porém Ellie se desequilibrou enquanto balançava a geladeira no desespero e acabou caindo, junto a ela a geladeira, me deixando ainda mais alto, dificultando a minha mira que já estava ruim. Ela continuou cortando a corda, mas parando em tempos em tempos para se defender de algum infectado que a atacava até que finalmente eu caí e me liberei daquela maldita armadilha.

Não demorou muito para eu ser alvejado pelos infectados e um *corredor* pulou em cima de mim. Consegui segurá-lo por um tempo até que Bill apareceu, digo, finalmente Bill apareceu com um grande facão

afiado e o fincou no rosto do *corredor* para tirar a atenção de mim e cortou fora a cabeça do infectado, logo depois estendeu a mão para eu me levantar.

Bill estava meu gordinho, porém em forma, usava uma calça marrom pesada cheia de bolsos com mais uma faca na cintura, uma camisa vermelha, por cima um casaco grosso bege e um colete preto. Bill estava usando sua máscara de gás e andava com uma mochila grande nas costas. Bill tinha um cabelo de tamanho médio malcuidado e uma barba um pouco cheia também malcuidada, sempre com um olhar de desconfiança e alerta o tempo todo, e este, era o Bill.

Sáímos em disparada atirando em alguns infectados, Bill conhecia a cidade de cabo a rabo e nos guiou até chegarmos em um lugar seguro, mas não foi fácil, havia vários infectados atrás de nós e tivemos que despistar todos. Passamos por uma lavanderia onde resistimos um pouco até fugirmos novamente. Entramos num lugar onde parecia ser uma das bases de Bill na cidade, ficando assim, seguros.

— Cara! Foi por pouco! — Ellie exclamou impressionada enquanto Bill parava e olhava diretamente para ela. — *Ah...* Valeu! Pelo heroísmo e tal.

Bill começa a se aproximar dela bruscamente e tira sua máscara. Ellie estende a mão para cumprimentá-lo, Bill saca uma algema e prende a mão de Ellie e depois num cano, virou-se para mim e apontou sua arma mandando ficar de joelhos.

— Ei, o que você *tá* fazendo?! — Ellie falou assustada. — Ei, Joel!

— Ei, ei, ei, Bill, o que vo-

— Vira *pra* lá e fica de joelhos. — Bill me cortou.

— Espera, fica calmo. — Falei pra aparar a situação.

— Vira *pra* lá e fica de joelhos, porra! — Bill gritou dessa vez.

Bill começou a analisar as partes do meu corpo a procura de alguma mordida ou de algo brotando em mim, mas eu estava limpo. Assim que ele termina, Ellie consegue se soltar do cano e bate em Bill.

— Ei! Ellie, calma. — Segurei o cano e o tirei de sua mão. — Ok, Bill, Terminou?

— Se eu terminei? — Bill Falou enfurecido. — Vocês entram na minha casa, detonam as armadilhas, quase quebram o meu braço bom. Quem diabos é essa pirralha e o que ela *tá* fazendo aqui?

— Quem eu sou não é da sua conta e estamos aqui porque você deve favores ao Joel! — Ellie retrucou com muita raiva. — Pode começar tirando isso! — Ela levanta o braço com a algema.

— Ha! Eu devo favores ao Joel, isso é piada? — Bill respondeu

— Eu vou ser direto. — Falei tranquilo tentando acalmar o ambiente. — Preciso de um carro.

— É piada mesmo. Joel precisa de um carro. *Ha ha ha!* — Bill Falou com sarcasmo. — Bom, se eu tivesse um carro, o que, é claro, eu não tenho, por que eu o daria *pra* você? — Continuou provocando. — Claro, Joel, vá em frente, pega meu carro. Aproveita e pega a comida também!

— Olhando você, parece que precisa de uma dieta. — Ellie comentou.

Bill saca seu facão e aponta na cara de Ellie.

— Escuta aqui, sua merdinha-

— FODA-SE, VOCÊ ME ALGEMOU! — Ellie gritou

— Olha, Ellie, escuta aqui. — Falei enquanto afastava ela de Bill. — Eu preciso que você fique quieta, *tá* bom.

— Qualquer favor que você pensa que eu devo, não vale tanto. — Bill comentou.

— Na verdade, Bill, vale sim. — Falei fazendo ele se lembrar do que eu já fiz *pra* ele.

— Não importa, porque eu não tenho um carro funcionando.

— Mas tem algum na cida-

— Peças. Tem peças na cidade.

— Significa que poderia consertar um.

— *Ah*, droga. Está bem, eu faço isso. — Bill suspirou e abriu um mapa em cima de uma mesa. — Vou precisar de alguns materiais. Estão do outro lado da

cidade. — Continuou. — Você me ajuda a buscar eles e TALVEZ eu possa montar alguma coisa que funcione. Mas depois disso, não te devo nada.

Bill põe as chaves da algema na mesa e pega algumas coisas e vamos embora.

— A cidade inteira *tá* cheia de armadilhas, então não me percam de vista. — Bill comandou.

— É... Não seria difícil... — Ellie comentou.

Estávamos num bar, Bill nos permitiu pegar os suprimentos que precisássemos. Ellie viu um tabuleiro de xadrez, mas Bill logo gritou de longe mandando não mexer. Saímos por uma porta atrás do balcão e subimos por uma escada e atravessamos algumas casas que estavam destruídas.

— Em que problema você se meteu? — Bill perguntou tentando entender por que eu estava na cidade. — E onde está a Tess?

— É um trabalho, só uma entrega. — Falei tentando desviar o assunto.

— O que vai entregar? — Bill falou depois se tocando o que era a carga. — *Humpf*, essa pirralha?

HAHAHAHA, ai, ai, espero que você saiba o que está fazendo.

— *Pra* onde vamos, Bill? — Suspirei.

— Meu outro esconderijo, bem, *tá* mais pra arsenal. — Bill respondeu.

— *Peraí*, a gente não ia consertar um carro? — Ellie comentou.

— Nós? Sabe consertar um-

— Bill, só... Para de retrucar. — Cortei ele.

— Como eu disse, precisamos de coisas do outro lado da cidade. Eu nunca vou *pra* lá porque *tá* cheio de infectados, então vamos precisar de mais armas.

Começamos a escutar uns barulhos estranhos após descermos uma escadaria. Era um infectado que ficou preso numa das armadilhas, nada demais.

— Você não respondeu minha pergunta sobre a Tess. — Bill voltou ao assunto. — Achei que eram inseparáveis.

— *Tá* ocupada. — Respondi.

— Parece... — Ele começou a cortar a cabeça do infectado preso na armadilha. — Que... Tem... Problemas no paraíso.

— É, algo assim.

Sáímos de dentro da casa e chegamos numa rua. Enquanto andávamos, Bill reclamava de uma pergunta da Ellie, “Por que não consertamos um desses carros?”, ele explicava que os pneus estavam podres, baterias mortas e os motores *fudidos*. Não demorou muito até um bando de infectados aparecer quando uma das armadilhas do Bill ativou e tivemos que resistir por um tempo. *Estaladores* e *corredores* são uma combinação péssima de se enfrentar, *estaladores* são cegos, mas *corredores* não e eles avisam aos outros se avistam alguma coisa, transformando tudo num caos, pelo menos *corredores* são fracos fisicamente e dá *pra* lutar no soco contra eles. Quando matamos todos, Bill começa a falar sozinho por um tempo, como se estivesse colocando lembretes em sua mente *pra* si mesmo. Ele parou e nos mostrou o caminho por um portão quando chamei sua atenção. Subimos por outra escada e

chegamos nos fundos de uma casa onde entramos pela porta do porão, chegando até o grande porão de uma igreja abandonada.

Ellie começou a reclamar porque não tinha uma arma e eu não iria dar uma *pra* ela, pelo menos não por agora. Bill me ensinou a montar uma de suas armadilhas, uma bomba de pregos e me deu uma escopeta. Uma bomba de pregos, era uma lata de comida vazia com inúmeras lâminas equipada com um gatilho improvisado que se disparado explode o pouco de pólvora que tem dentro espalhando os estilhaços para todos os lados, era uma ótima arma e funcionava muito bem.

Bill ficou estressado com Ellie reclamando e avisou para não mexer em nada, então começou a conversar comigo num lugar mais afastado de Ellie.

— Olha, *cê* tem que levar ela de volta. — Bill falou.

— Eu não posso. — Respondi.

— Então manda ela passear, seguir seu próprio caminho.

Fiquei em silêncio.

— Bom, vou te contar uma história. Era uma vez uma pessoa de quem eu gostava... Um parceiro... Alguém que eu precisava proteger... E nesse mundo, isso só serve *pra* uma coisa. Matar você. Então sabe o que eu fiz? Eu me toquei e percebi que tenho que ficar sozinho.

— Bill, olha, não é assim-

— Bobagem. É assim, sim. — Bill observa Ellie mexendo em suas revistas. — EI, EI! O que eu falei sobre mexer nas minhas coisas?

— Eu só... *Tô* arrumando as suas... REVISTAS!

— Ellie gritou.

— NÃO MEXE! — Bill gritou de volta.

Ellie aponta o dedo do meio para Bill e acabou ficando por isso mesmo.

— Mas que merda. Se você continuar bancando a babá por muito tempo, vai acabar se dando mal. — Bill reclamou

— Bill... Podemos continuar logo com isso? — Respondi cansado da briguinha de criança entre os dois.
— Ok, Bill, temos escopetas e bombas, e agora?

— Os militares mandam algumas tropas *pra* vasculhar a cidade e você ficaria impressionado com o que deixam passar. Enfim, há alguns meses, eles estavam passando e foram atacados por uma horda de infectados. Eles cobriram todo o caminhão. Foi direto *pra* lateral da escola. Ainda *tá* lá, com a bateria. — Bill explicou.

— Então pegamos a bateria e colocamos em outro carro. — Comentei.

— Bingo! Eu queria pegar ela, mas parecia perigoso com todos os infectados nessa parte da cidade. Mas que se foda! Joel precisa de carro. — Bill falou.

— E se estiver danificada? — Perguntei.

— Não... Esses caminhões são como tanques. Ele está lá parado.

— Ok, pode funcionar.

Tínhamos um plano, bem malfeito, mas um plano. Subimos até o andar principal de uma igreja e saímos pela direita passando por um cemitério, que interessante um cemitério. Nenhum infectado saiu de nenhuma cova, mas os filmes antigos me fizeram pensar

que isso aconteceria. Por azar do destino, havia infectados por lá e tivemos que matá-los um a um para prosseguir. A maioria eram *estaladores*. Atravessamos uma rua e depois algumas casas que estavam cheias de infectados. Conseguimos atravessar em silêncio e pegando o que dava de suprimento e passamos por um caminho feito por mãos humanas e não foram as do Bill. Ellie comenta e Bill responde que sabe quem provavelmente fez isso.

Abrimos a garagem de uma casa e estávamos na frente da escola. Matamos alguns infectados na frente que estavam rondando por aí até entrarmos. Subimos num ônibus escolar e por cima deles atravessamos a cerca. Mais infectados estavam vindo então começamos a correr para uma porta que tinha próxima, porém estava trancada. Demos a volta e entramos por uma janela aberta e eu quase fui mordido por um *estalador*, mas Bill me salvou mais uma vez com um tiro de escopeta na cara do infectado. O caminhão estava do lado de dentro daquela sala, Bill correu *pra* abrir o capô e pegar a bateria enquanto eu e Ellie segurávamos a

porta. Bill ficou em silêncio por um segundo e depois falou “Vazio...”, depois começamos a correr e entramos mais na escola. Passamos pelos corredores cheios de armários abandonados matando vários dos infectados que apareciam, subimos umas escadas e saímos do andar de baixo. Mais e mais infectados apareciam e mais desesperados ficávamos, o plano foi por água abaixo e não sabíamos o que fazer, continuamos até chegar no ginásio. Barricamos a porta pela qual entramos e assim que relaxamos, escutamos algo batendo numa outra porta. Provavelmente um infectado, mas não queríamos ficar *pra* descobrir. Começamos a procurar outra saída e Bill deu a ideia de irmos pela janela. A janela era muito alta, tínhamos que fazer uma espécie de suporte para a gente, mas não havia mais tempo... A porta se abriu com tudo, como se alguém tivesse chutado com 5 vezes mais força que um ser humano e dela saiu um infectado grande com pelo menos dois metros de altura, protegido com uma grossa e pesada carapaça feita de fungos, sua cabeça era completamente coberta pelas placas duas vezes maior que a dos *estaladores* como se fossem chifres de

algum demônio. Aquilo era o último estágio da infecção, o *baiacu*.

A grande batalha começou. Aquela coisa não podia chegar perto de nós ou estávamos acabados, mas a distância também não era uma estratégia muito eficiente quando o *baiacu* arrancou um pedaço de sua carapaça, que logo cresceu de volta, e arremessou em cima de nós. Era uma espécie de granada de esporos ácidos. Nos afastamos da área de contato e colocamos uma máscara, mesmo assim, por mais que não fôssemos infectados, aqueles esporos queimavam sua pele e causavam uma dor imensurável. Eu tinha que enfrentar aquela coisa de frente, então peguei minha escopeta com uma mão e arremessei uma bomba de pregos com a outra em cima do monstro, mas mal fez cócegas nele, então corri em sua direção ficando numa distância relativamente segura e atirei, entretanto, sua carapaça de fungos era como aço e meus tiros não faziam efeito. Eu estava começando a perder o controle quando o *baiacu* soltou uma espécie de rugido e começou a correr em minha direção, eu não tive reação o suficiente ele me

agarrou. Ele era tão forte que me levantou pela cabeça e pôs suas duas mãos na minha boca, ele ia puxar e meu crânio se partiria no meio. Aquele, era meu fim imaginei... Mas Ellie estava lá e pulou nas costas do *baiacu* com seu canivete e Bill fincou o facão no braço do monstro decepando-o e salvando minha pele pela terceira vez num dia só. O *baiacu* estava sem um braço urrando de dor, mas eu não o deixaria sair vivo dessa. Caminhei até o enorme infectado que já estava de joelhos, enfiei minha espingarda fundo em sua boca e pressionei o gatilho, sangue jorrou pela sua nuca e logo perdeu a consciência, depois fomos embora pelos suportes que Bill e Ellie tinham montado enquanto eu lutava e passamos pela janela.

Respirei por um segundo e não estava tossindo, não estava infectado. Corremos por um caminho estreito entre duas cercas e pulamos uma que era mais alta e entramos na casa. Ficamos seguros por um tempo e descansamos. Tínhamos que correr, ainda havia muito infectados atrás de nós. Saímos da escola e subimos por um pequeno riacho e despistamos os infectados

passando por uma cerca alta de uma casa e nos instalamos nela.

— Bill? — Falei estressado.

— Alguém teve a mesma ideia. Roubaram minhas coisas! — Bill respondeu também irritado.

— Bom, então qual é o plano B? — Levantei a voz um pouco.

— Você devia agradecer por estar respirando. — Bill retrucou. — Esse era o plano A, B, C e o alfabeto inteiro. E DIGA *PRA* TESS QUE ELA PODE PEGAR O TRABALHO-

— NÃO META A TESS NISSO! — Cortei ele, mas Bill continuou.

— ... E ENFIAR BEM NO MEIO DO...

— ELA NÃO TEM NADA A VER COM-

Ficamos em silêncio. Bill prestou atenção e viu que tinha um corpo pendurado por uma corda bem atrás de mim.

— Você conhece esse *cara*? — Perguntei normalmente.

— Frank. — Bill respondeu um pouco cabisbaixo.

— E quem diabos era o Frank? — Perguntei já bastante estressado.

— Era... Meu parceiro. — Bill sacou seu facão para cortar a corda e completou. — Ele é o único idiota que usaria uma camisa assim.

Permaneci em silêncio, era um assunto delicado para Bill.

— Ele tem mordidas... — Bill falou quase chorando.

— Eu acho que... não queria se transformar, então... — Falei.

— É, acho que não... — Ficamos em silêncio até escutarmos algo.

Ellie achou um carro na garagem daquela casa e estava tentando dar a partida. A bateria que procurávamos estava no carro. Bill enxugou o rosto e voltou para a postura séria dele e foi até o carro.

— A bateria esvaziou, mas as células estão bem. — Bill falou enquanto tirava Ellie do banco de motorista e testava o carro.

— E, aí? — Perguntei.

— E aí que se a gente empurrar e ligar o carro, o alternador carrega a bateria. — Bill respondeu ainda triste.

— Você acha isso? — Perguntei sem confiança.

— Olha, você queria um “plano B”. É o melhor que temos — Bill levantou a voz um pouco, mas sem intenção.

Decidimos que Ellie iria dirigir o carro enquanto eu e Bill empurrávamos. Antes de ir fomos explorar a casa. Acabei encontrando alguns suprimentos e, mais importante, uma carta de Frank para Bill. Eu vou copiar essa carta aqui para você leitor, mas fique à vontade para pular.

“Bem, Bill.

Duvido que você encontre esse bilhete, porque você tinha muito medo de vir para essa parte da cidade. Mas, se por algum motivo veio, quero que saiba que eu te odiava. Fiquei cansado dessa cidade de merda e do teu jeito inflexível. Eu queria mais da vida e você nunca conseguiu entender isso.

E aquela bateria idiota, de que você tanto resmungava... eu a peguei. Mas acho que você estava certo. Tentar sair dessa cidade vai me matar. Mas ainda é melhor que ficar outro dia com você.

Boa sorte,

Frank”

Eu entreguei a carta para o Bill, mas ele leu, quase chorou novamente, e me devolveu com muita raiva. “*Humpf.* Bom, preparado?” foi a única coisa que respondeu sobre a carta, não comentei mais sobre isso. Começamos a empurrar o carro na descida da rampa, ele quase pegou, mas não foi suficiente. Começamos a empurrar pela rua e vários infectados começaram a aparecer. Limpávamos a área e voltávamos a empurrar. Foi complicado, mas Ellie conseguiu fazer o carro funcionar milagrosamente quando descemos o morro. Quase não consegui entrar no carro por causa dos infectados, mas ficamos bem. Deixamos Bill em casa e ele me entregou uma mangueira para conseguirmos gasolina e ficamos quites. Finalmente fomos embora. Não sei o que aconteceu com Bill depois disso, nunca

mais o vi, mas acredito que ainda esteja vivo, sobrevivendo...

Continuamos viagem de carro numa chuva um pouco forte. Ellie acabou roubando algumas revistas em quadrinhos de Bill e ela adorou. Daqui em diante a gente começou a encontrar algumas revistinhas dessas que ela adorava. Ela pegou também uma fita de músicas e colocamos para ouvir no carro. Era muito antigo, então não reconheci a música.

— Acho que seu amigo vai sentir falta disso aqui hoje. — Ellie comentou enquanto pegava uma outra revista. — Não tem muito *pra* ler, mas as fotos são interessantes.

Eu achei estranho e quando me virei para ver o que era, ela tinha pegado uma revista “Playboy” masculina.

— *Ah*, ei Ellie, isso não é para crianças. — Falei ficando um pouco nervoso.

— *Uoou*, como ele consegue andar com essa coisa? — Ellie perguntou impressionada com algo que nem eu sabia o que era.

— Joga isso fora, Ellie!

— Pera aí, eu quero saber por que falam tanto sobre isso. — Ellie continuou folheando as páginas. — *Ah...* Por que as páginas grudam?

— *Ah...* — Tentei achar uma resposta plausível, mas logo ela me cortou.

— Eu *tô* de sacanagem com você. — Ellie falou isso rindo bastante até que arremessou a revista pela janela.

Continuamos de carro até chegar numa bifurcação. Nosso caminho estava travado e não podíamos desistir do carro agora e ir a pé. Eu comentei “Que se dane!” e segui pelo outro caminho entrando na cidade de Pittsburgh, Pensilvânia.

Cinco

Pittsburgh

Continuamos pela estrada de Pittsburgh. Estava tudo muito bem destruído, carros capotados, o asfalto fragmentado com plantas crescendo nas brechas, acho que as únicas coisas que sobreviveram bem ao surto foram as construções. Grande maioria estava inteira, apenas com vinhas crescendo em suas paredes. Paramos algumas vezes para abastecer com carros que ainda tinham gasolina. Ficamos assim até algo novo aparecer.

Um homem que parecia estar machucado apareceu alguns metros de distância do nosso carro. Paramos imediatamente. Eu analisei a situação, havia uma única passagem, um cara apareceu das sombras do nada, carros quebrados empilhados formando uma barreira lateral no único caminho. Isso era claramente uma emboscada. Eu me ajeitei no banco, Ellie até comentou, “Não vamos ajudá-lo?”. Apenas respondi, “Coloca o cinto, Ellie.”, então pisei fundo no acelerador. Nos aproximamos em alta velocidade daquele homem e quando ele percebeu que não íamos parar, ele sacou

uma pistola e atirou na gente. Inúmeras outras pessoas apareceram de trás dos carros empilhados, continuamos apenas acelerando. Quando íamos passar por um cruzamento, um grande ônibus bateu na parte de trás do carro e perdi o controle do carro. Terminamos com a picape quebrada dentro de uma loja de conveniência. Quando retomamos a consciência, um caçador (que era como eles são chamados) pegou Ellie e tentou sequestrá-la, eu ainda tentei segurar ela, mas não adiantou. Um outro caçador me acertou na cabeça e me tirou de dentro do carro, me jogou num frigobar de vidro e tentou fincar meu pescoço num enorme caco de vidro exposto. Eu usei toda minha força para não morrer ali e quando me afastei suficiente, dei uma cotovelada no caçador e o arremessei nele no mesmo caco de vidro. O vi agonizando até a morte com um caco enfiado em seu pescoço.

Estava enfurecido, fui atrás de Ellie. O caçador estava em cima de Ellie tentando sufocá-la. Corri e dei um belo chute na fuça do caçador, estilo o filme “300”, e o derrubei no chão, peguei o cara e o arrastei para uma

bancada e bati com a cabeça dele na quina da bancada várias vezes, até todos os dentes dele caírem e sua boca não abrir nunca mais. Pegamos nossas coisas e mais caçadores apareceram atirando. Nos escondemos e nos preparamos para a guerrilha. O que deixou essa cena um pouco legal era a música do disquete que ainda funcionava e estava tocando vindo do carro, mas a situação ainda era tensa. Depois de mais alguns tiros trocados e um pouco de pancadaria pura, havíamos matado todo mundo. Exploramos o local e entramos num portão que parecia ser alguma espécie de base dos caçadores, pelo menos onde dormiam. Outra coisa interessante que encontrei foi um pequeno saco de pano com um gatilho no seu fundo e bastante pó (farinha, poeira, sabão em pó entre outras coisas) e pólvora misturados. Uma bomba de fumaça, eu analisei com cuidado e aprendi como montar uma, poderia vir a calhar. Seguimos explorando o local, que por acaso estava fedendo muito, subindo por uma escadaria.

— Sobre a armadilha... — Ellie perguntou enquanto subíamos. — Como sabia da armadilha?

— Bom, estive dos dois lados... — Respondi sério.

— Então... Você matou muita gente inocente? —

Ellie perguntou meio tímida.

— ... — Fiquei em silêncio.

— Isso quer dizer que sim. — Falou tentando me provocar um pouco.

— Vamos seguir, ok.

Então seguimos até uma porta que dava para um pequeno lugar fechado, o que parecia ser um quintal. Tinha apenas alguns corpos carbonizados e uma escadaria. Subindo pelas escadas, conseguíamos ver a ponte, a nossa saída. Pulamos da escada para uma rua, enquanto andávamos Ellie voltou a assobiar, isso colocava um sorriso tão grande em seu rosto, chegava dar gosto de ver, mas isso durou pouco. A passagem para um posto de controle militar estava bloqueada por um ônibus e de cima dele saíram alguns inimigos. Um deles era diferente, ele não avançava e não carregava uma arma, ele apenas ficava espreitando e na melhor chance arremessava um molotov em cima da gente. Procurei abater ele primeiro, me mantive escondido e

quando ele foi arremessar um molotov, apareci e acertei um tiro nele. O molotov caiu em cima dele mesmo e ele morreu. O resto dos caçadores eram tranquilos de abater. Subimos por cima do ônibus e avançamos pelo posto de controle. O lugar estava calmo e abandonado já faz muito tempo. Enquanto andávamos, Ellie pegou um pequeno livro fino vermelho, o abriu, leu algo e falou, “Qual a comida que liga e desliga?”.

— Quê? — Perguntei sem entender.

— É uma piada, para aliviar um pouco da tensão.

— Falou Ellie. — Vai, responde!

— *Ahn...* Não sei.

— StrogON, OFF! — Ellie começou a rir com a própria piada.

— *Hum, hum, hum.* — Eu soltei algumas risadas internas e um sorriso.

Realmente tinha dado certo, a tensão tinha sido aliviada, por ora. Tivemos que passar por uma grande biblioteca e encontramos mais alguns dos inimigos padrões, uns três daqueles incendiários e uma nova “classe” que eu vou chamar de brutamontes. Eles eram

peessoas pesadas e grandes carregadas com uma grande quantidade de coletes a prova de balas e um grosso capacete. Ele também era equipado com uma espingarda e um rifle automático pesado, ele não conseguia usar os dois ao mesmo tempo, mas creio que era intencional. Ele eu deixei por último, sua visão era turva e embaçada por causa de sua respiração, ele era apenas um tanque para ir na frente. Eu sempre acabava com os incendiários, depois os padrões e, por fim, eu matava os grandões chegando por trás deles e fincando uma faca em seu pescoço. Ficamos nesse ciclo cansativo até entrarmos num beco. Vimos três esqueletos pendurados num poste e no muro logo atrás tinha escrito, “Mais 3 soldados mortos – Até onde iremos com isso? DESISTAM!”, Ellie ficou um pouco chateada com aquela vista, mas ficou em silêncio.

Após um pouco mais de caminho, chegamos numa rua que estava completamente submersa, mas que dava direto na ponte. Vimos também alguns caçadores entrando por cima de um ônibus que ligava num hotel luxuoso de frente para uma cafeteria. Pedi para Ellie

esperar e fui atrás de uma maneira de como levá-la junto para o hotel. Entrei na cafeteria que era o único lugar que tinha uma entrada, mas estava submerso. Comecei a procurar debaixo da água mesmo e encontrei uma grande tábua que nem a do metrô páginas atrás. A tábua estava travando o portão da cafeteria, subi e dei uma boa respirada e fui tirar a tábua de lá. Depois de algumas tentativas, consegui a tábua e abri o portão. Ellie veio por uma parte mais rasa e pulou de carro em carro até a cafeteria.

— Uou! — Ellie exclamou quando chegou. — Que lugar é esse?

— *Ahn...* É uma cafeteria. — Respondi.

— Você vinha muito em lugares como esse?

— *Aham*, eu adorava esse tipo de lugar.

— *Hm...* E o que você comprava aqui?

— *Ah...* Só, só café. — Falei tentando me lembrar de algo mais. — Era o que eu mais gostava, por falar nisso, até sinto falta de café.

Ellie deu algumas risadinhas tímidas e subiu na tábua. Empurrei ela até o ônibus e me jogou uma outra

tábua mais fina e longa para eu usar de ponte. Eu dei a volta pela cafeteria e finalmente chegamos no hotel.

O hotel era grande e luxuoso, parece que era pelo menos quatro estrelas.

— Uoou! Isso é chique, não é? — Ellie perguntou.

— *Aham*. — Respondi.

— Você já ficou num lugar assim? Antes do surto?

— *Ahn...* Bem, eu queria, mas nunca tive tanto dinheiro assim. — Soltei uma risadinha interna e completei. — Isso aqui era luxo demais para mim.

— Deveria ter sido muito bonito. — Falou Ellie enquanto observava tudo ao redor.

Peguei uma escada de mão jogada por aí e subimos para o segundo andar. Continuamos explorando o hotel até esbarrarmos com dois caçadores conversando. Eles estavam apenas patrulhando o local. Eu fui de fininho por trás de um deles e o agarrei e rapidamente o levei para um quarto próximo e comecei a enforcar o caçador. “Quê? Jack? *Pra* onde *cê* foi?”, foi o que ouvi pouco antes do outro caçador entrar no

quarto, eu estava ferrado, por sorte, Ellie pulou no outro caçador e o esfaqueou até a morte. Acabamos com os dois e seguimos. Enfrentamos mais alguns caçadores pelo andar, inclusive vimos mais uma “classe” deles. Um “lutador”, ele era um cara muito rápido e carregava pouca armadura e um grande porrete de madeira. Eles apenas corriam em minha direção loucos para me espancar até a morte. Eles foram bem chatos de lidar, eram bem rápidos. Descansamos por um tempo e eu cobri algumas feridas com trapos velhos e álcool, depois continuamos.

Subimos por uma escada e este andar estava lotado de lutadores. Eu usei a bomba de fumaça e ela funcionou perfeitamente, deixou os lutadores cegos e eu abati um por um. Continuamos por mais um andar e chegamos no que parecia ser um beco sem saída, com exceção de uma escada de mão dentro de um elevador. Eu forcei as portas do elevador e conseguimos passar. Subimos a escada e ficamos no teto do elevador atravessamos um estreito caminho até o elevador do lado. Pulamos nele e ele não parecia seguro. Estava bem

abaixo da porta do andar acima. Empurrei Ellie pela porta do elevador e o peso da gente fez o elevador ceder. Por sorte estava totalmente alagado na parte debaixo, o que amorteceu a queda. Ellie ficou bem, conseguiu subir pela porta aberta do andar.

— JOEL! — Gritou Ellie. — JOEL!

— ELLIE! — Gritei respondendo. — VOCÊ TÁ BEM?!

— NÃO! VOCÊ ME ASSUSTOU *PRA* CARAMBA, JOEL!

— ... — Fiquei em silêncio procurando um caminho.

— Eu... Eu vou descer aí, *tã*?! — Ellie gritou um pouco mais calma.

— Não! — Logo respondi. — Fica aí em cima! Eu dou um jeito de subir!

— Não faça nada idiota! — Ellie alertou.

— Vou tentar... — Comentei para mim mesmo.

Eu nadei até uma porta e passei por ela. Eu me encontrava num lugar escuro e alagado, a água batia pouco abaixo do meu peito, parecia ser o andar de

manutenção e segurança do hotel. Continuei explorando e procurando por suprimentos não estragados pela água. Tentei passar por uma porta, mas o teto caiu e travou a porta na minha frente. Procurei outra saída, era uma escadaria submersa. Tomei bastante ar e me arrisquei indo mergulhar por ela. Acabei chegando numa área parecida, alguns *corredores*, o que mais me assustou foram os grandes barulhos de coisas quebrando de longe. Cheguei numa saída para, talvez, fora do hotel. Um monte de escombros que levavam para a luz do dia, mas eu não podia sair, Ellie estava me esperando lá em cima e eu não iria abandoná-la. O outro caminho me deixou puto. Esporos saíam da única passagem possível. Lá vou eu pôr minha máscara e me arriscar no desconhecido...

Este lugar era bem mais escuro e fechado que antes, a água, pelo menos, não passava da minha canela. Eu explorei o local e o silêncio dele era ensurdecedor, só não era pior que os sons estranhos que volta e meia me assombravam. Eu encontrei uma porta dupla de correr que dava passagem para uma escadaria,

provavelmente me levaria de volta para Ellie. A porta estava trancada com uma fechadura eletrônica, com isso em mente, eu tinha dois grandes problemas: primeiro, achar alguma coisa e retomar a energia; segundo achar um cartão de acesso que eu não faço ideia de onde possa estar.

Comecei então a procura. Fui atrás do gerador primeiro, passando em sala e sala, com o gotejar assustador de algumas goteiras e silêncio profundo até chegar numa sala com o teto caído formando uma grande rampa e logo do lado disso, um gerador! Eu fiquei tão aliviado e feliz de tê-lo achado. Me aproximei do gerador e ele parecia bem, apesar do teto ter caído atrás dele. Peguei na corda que liga o gerador e puxei uma vez, duas vezes, três vezes e ele finalmente ligou e fez um barulho extremamente alto de motor.

Nada lá embaixo ligou direito, uma lâmpada ou outra que piscavam de vez em quando, o que deixou bem mais assustador o ambiente. Eu limpei o suor na testa e me descuidei por um segundo... Um infectado, que não fez barulho algum, me agarrou pelas costas e

por muito pouco não rasgou meu pescoço, eu coloquei a mão em sua testa no instinto e o segurei. Soltei a mão e dei um soco em seu nariz empurrando-o para trás e me livrando do infectado.

Não era um infectado convencional como o *corredor* ou um *estalador*, na verdade, aquele infectado era um estágio de transição, o perseguidor. Perseguidores são traiçoeiros e mortais, sempre ficam nas sombras a espreita da caça, esperam um deslize na guarda e atacam. Outro detalhe irritante deles é que sempre estão em grupo e conseguem se comunicar e coordenar ataques, por mais que ainda façam isso instintivamente. Eles se aproximam muito aos velociraptors do filme “Jurassic Park”, para quem já assistiu sabe. A aparência desses perseguidores se aproxima muito dos *corredores*, humanos quase normais com sangue em volta dos olhos e boca, o pequeno detalhe são alguns fungos brotando para fora de um dos olhos e os fungos crescendo em volta do corpo começando a criar a pele áspera de um *estalador*. Eu peguei uma faca improvisada que eu havia feito e

finquei em sua cabeça pelo queixo o matando na hora. O infectado caiu no chão, mas não havia acabado, escutei a água se movimentando em volta de mim e corri para a rampa feita de escombros e subi fugindo dos outros infectados. Enquanto subia armei um coquetel molotov e vi pelo menos 4 deles subindo juntos comigo, me virei e arremessei o molotov em cima do primeiro e bloqueando o caminho por algum tempo.

Me escondi e fiquei seguro por um tempo. Continuei a explorar o andar e encontrei uma sala com uma pequena janela. Podia ver alguns televisores e um corpo morto em uma cadeira e preso a ele o cartão de acesso. Forcei a porta para tentar abrir, mas ela estava com alguma coisa a barricando. Parecia ser um armário, então só empurrei a porta. Comecei a empurrar a porta com bastante força tentando não fazer tanto barulho, falhando miseravelmente. Eu empurrei a porta com muita força e o armário caiu. Um estrondo ecoa por todo o local escuro e sombrio e em resposta inúmeros infectados gritando. Nesse momento eu percebi, eu estava fodido. Corri para tirar o cartão, o arranquei do

defunto. Percebi que ao lado dele tinha um grande facão enferrujado, o peguei e corri pelo mesmo caminho, descendo a rampa, que agora não estava mais pegando fogo, e voltei para a sala do gerador. Havia duas portas, ambas com infectados me procurando e estressados com o estrando, que ainda ecoava um pouco. Eu apenas me preparei. Espalhei várias bombas de pregos pela sala e preparei alguns molotovs. Me escondi atrás de uma mesa e gritei, “**PODEM VIR SEUS INFECTADOS DE MERDA!**”, nesse momento eu lembrei das palavras de Ellie, “Não faça nada idiota!”.

Era agora ou nunca. Senti as vibrações na água ao meu redor e quando menos espero, os ouvi entrando na sala. Primeira coisa que eu fiz foi arremessar um tijolo no meio da sala, todos entraram e caíram na armadilha que nem patinhos. Ouvi as bombas explodindo e corpos gritando em agonia voando em pedaços para lá e para cá. Ouvi mais alguns chegando, inclusive *estaladores*, e depois mais algumas bombas, mas eles não paravam de vir. Respirei três vezes rapidamente e me levantei com minha escopeta em uma mão e um molotov na outra.

Avistei pelo menos cinco deles todos juntos e sem pensar duas vezes arremessei o molotov ateando fogo em todos eles. Pulei por cima da mesa que estava escondido e corri enquanto todos estavam pegando fogo em agonia. Corri como nunca tinha corrido antes, eu também ouvia vários infectados atrás de mim. Arremessei mais um molotov em cima deles os atrasando. Eu finalmente fiz uma curva e avistei a porta de saída, vi seu painel ligado com uma luz vermelha nele. Eu soltei algumas bombas de pregos pelo caminho e parei na frente da porta. Minha mão estava trêmula, quase não consegui pegar o cartão em meu bolso, quando fui passá-lo na porta um perseguidor pulou em cima de mim me derrubando e tentando me morder. Eu peguei meu facão e enfiei na lateral da cabeça do infectado, retirei e bati mais uma vez finalmente o matando. Me levantei rapidamente e comecei a procurar pelo cartão em meio a toda aquela água. Percebi mais infectados chegando, arremessei mais um molotov e armei uma bomba de pregos e joguei mais longe. Continuei procurando, ouvi o molotov acertando algum

infectado, depois a bomba explodindo, achei o cartão e me levantei, passei o cartão e atravessei a porta. Vi um infectado pulando para tentar me alcançar, mas, felizmente, a porta se fechou, a única coisa que passou por ela foi o braço do infectado que a porta cortou no ar.

Finalmente alguns segundos de paz. Ouvi um *estalador* no andar acima de mim e fui verificar subindo a tão desejada escadaria. Continuei ouvindo um *estalador* gritando de dor em algum lugar. Fui seguindo o som e abri uma porta que dava nos fundos de uma cozinha, assim que entrei vi um caçador matando o *estalador* com dois tiros na cabeça. Permaneci escondido e fui atrás deles. Não tinham muitos, apenas uns dois padrões, três lutadores, um brutamontes e um incendiário. Eu tive que acabar com os lutadores antes, mas eu criei uma estratégia boa. Armei uma bomba onde eu estava e acertei o incendiário, os três lutadores vieram para cima e eu peguei os três na bomba. Sempre desviando da visão do brutamontes, acabei com os

outros dois padrões e com o meu facão acabei com o brutamontes.

Finalmente tinha acabado. Passei por uma poça de água e subi por uma escada de mão que dava num corredor. Quando subi um outro caçador chutou meu rosto e me derrubou e, com muito azar, caí na poça. A poça era funda suficiente para me afogar e foi exatamente isso que o caçador fez. Ele jogou minha pistola longe, pôs o joelho em meu braço me impedindo de pegar o facão. Parecia que era o fim, eu não iria sobreviver aquilo, eu tentava socá-lo, tentando tirá-lo de cima de mim. Eu tinha aceitado, meus músculos estavam falhando, eu não conseguia segurar a respiração mais... Eu fechei os olhos... E logo depois, ouvi um tiro...

Senti as mãos do caçador fraquejarem e ele cair ao meu lado. Desesperadamente me levantei e voltei a respirar, retomando a consciência e tossindo bastante. Eu me viro e vejo Ellie, parada e assustada com minha pistola em mãos.

— Nossa... Eu... Atirei mesmo no cara... — Ellie disse assustada e cambaleando um pouco.

— É, com certeza atirou... — Falei enquanto me levantava.

Eu estava estressado com tudo que tinha passado e no calor do momento meu orgulho não me deixou dar o mérito para Ellie.

— *Ah...* Eu *tô* enjoada... — Ellie falou enquanto se sentava numa caixa jogada próxima à poça.

— Por que você não esperou como eu disse? — Falei enquanto tomava a pistola de sua mão.

— Ainda bem que não esperei, né? — Ellie falou enjoada.

— Ainda bem que minha cabeça não foi estourada por uma pirralha. — Falei, mas tenho que admitir, fui longe demais.

— Sabe de uma coisa? — Ellie falou com um tom mais alto e se levantando. — Não! Que tal: hey, Ellie, eu sei que não foi fácil, mas era ele ou eu. Obrigado por salvar a minha vida. Porque não me diz algo assim, Joel?!

— ... — Fiquei em silêncio por um segundo e completei. — Temos que continuar.

— Mostre o caminho, não é? — Ellie respondeu provocando.

Voltamos pela mesma escada da qual eu caí. Era um corredor um pouco longo até chegar numa escada. Descemos por ela e continuamos até o fim de mais um corredor. Entramos num grande salão luxuoso com várias mesas e um pequeno palco com um piano nele. Vi uma janela aberta, mas era no segundo andar do salão. Olhei para o piano e vi uma passagem que daria para subir. O piano era extremamente pesado e não consegui empurrar sozinho.

— Ellie, pode me ajudar? — Falei.

— Tem certeza de que confia em mim *pra* isso?

— Ellie falou enquanto se posicionava para empurrar o piano.

— Ellie... — Não terminei a frase, senti que ela tinha direito disso.

Empurramos com força até a parede, então subimos no piano e logo depois ao segundo andar. Por fora da janela aberta havia um andaime. Subimos nele para sair e encontrei um esqueleto sentado numa

poltrona com um rifle de caça. Peguei o rifle de caça e avistei vários caçadores a frente. Logo me abaixei e Ellie veio junto.

— Beleza... — Iniciei a conversa. — Eu vou pular lá embaixo e abrir caminho.

— Mas e eu? — Ellie perguntou.

— Você fica aqui.

— Isso é estupidez! Teríamos mais chances se você me deixasse ajudar! — Ellie falou cochichando.

— Eu deixo! — Respondi. — Bom, parece que você sabe usar uma arma. Acha que pode usar isso? — Eu mostrei o rifle de caça para Ellie.

— *Ah...* Eu já usei um rifle antes... — Ellie respondeu tímida. — Mas para atirar em ratos.

— Ratos? — Perguntei confuso.

— Ar comprimido. — Ellie respondeu.

— Bom, o conceito é o mesmo.

Comecei a explicar para Ellie como usar a arma, como recarregar, alertei do recuo da arma e ensinei a destravar.

— Ouça... Faça os tiros valerem a pena. — Falei enquanto a memória de Tess passava em minha mente.
— Entendeu?

— Entendi. — Ellie respondeu com uma voz firme e confiante.

— Beleza... — Falei enquanto ia até a escotilha para descer do andaime. — E para esclarecer... Era mesmo ele ou eu... — Eu descii logo após.

— De nada. — Ellie comentou para si mesma.

Fiquei abaixo do andaime ainda escondido. Observei a área e eram pelo menos 10 caçadores, todos comuns pelo menos. Eu vi que tinham três juntos no meio da praça em que todos nós nos encontrávamos. De repente, um outro caçador apareceu gritando desesperado, “ESTÃO TODOS MORTOS! OS 36 VIGIAS! ESTÃO TODOS MORTOS!”, nesse momento, os três que estavam juntos se levantaram e foram escutar o caçador. Outros três dos dez primeiros se juntaram também, então, com todos juntos, arremessei uma bomba de pregos no meio deles, logo depois um molotov para garantir que todos iriam

morrer. Assim que o molotov caiu acertando apenas metade deles, a bomba completou matando todos. Pelos meus cálculos, sobraram mais quatro, mas eles rapidamente se esconderam. Eu fui a procura deles. Ouvi sons de garrafas atrás de uma pilastra, logo me esgueirei para e me revelei com minha escopeta, mas... Não tinha ninguém atrás da pilastra, era uma armadilha. Logo dois deles apareceram atrás de uma pequena plataforma com um jardim em cima, eu mirei em um deles e quando fui atirar, um deles tomou um belo tiro em sua cabeça. O outro logo se escondeu novamente. Ellie havia atirado naquele homem. Senti orgulho e um pouco mais seguro. Continuei avançando e agarrei e matei o segundo.

Quando finalizei, os outros dois restantes se renderam e largaram suas armas e colocaram as mãos para cima. Eu coloquei suas cabeças em fileira e matei os dois com um único tiro. Eu não estava disposto a deixar alguém para trás e muito menos ter algum prisioneiro. Chamei Ellie que rapidamente desceu

enquanto eu pegava a pistola de um dos caçadores mortos.

— Como eu fui? — Ellie perguntou tímida e preocupada com a resposta.

— Que tal algo mais... — Falei enquanto entregava a pistola. — Do seu tamanho? Ei, só para emergências.

Continuamos por uma construção que parecia ser os fundos de uma lanchonete. Quando chegamos na vitrine, vimos duas pessoas correndo apavoradas e logo após um grande carro militar com um grande rifle automático preso em seu teto. O carro estava perseguindo aquelas pessoas e logo atirou acabando com as duas. Dois caçadores saíram da caçamba do carro e começaram a verificar os corpos, inclusive, uma das pessoas ainda estava viva e tentava se arrastar em nossa direção, mas o caçador foi mais rápido e atirou, finalizando a mulher que estava no chão. Quando foram embora, seguimos pela loja até uma rua mais aberta. Enfrentamos mais alguns caçadores e fomos em direção a uma escada de incêndio.

— Ir aos limites do universo e voltar. Perseverar e sobreviver. — Ellie comentou.

— Quê? — Perguntei.

— Savage Starlight! — Ellie respondeu. — Os gibis que venho colecionando.

— *Hm...* Entendi... — Falei mesmo sem entender.

Subimos na escada de incêndio e pulamos por um muro muito próximo e seguimos por um beco e nele algo chamou a atenção de Ellie.

— Tem mais um! — Ellie exclamou. — Esses cartazes estão em toda parte.

— *Humpf*, eu assisti logo antes do surto. — Comentei.

— Você assistiu? — Ellie falou com seus olhos que cheios de brilho olhando para mim. — Ele estripa ela no final?

— Quê? Ninguém é estripado, é apenas um filme bobo para adolescentes. — Respondi indignado com o filme.

— E quem te fez assistir isso? — Ellie perguntou curiosa.

Eu apenas suspirei e falei para continuarmos, sem entregar uma resposta a Ellie. O cartaz era de um filme com lobisomens e vampiros, o nome era “Anoitecer dos Lobos Parte Dois”.

Seguimos por um beco até uma rua, enfrentamos alguns caçadores, mas um deles conseguiu fugir. No início eu não me preocupei, mas depois isso começou a martelar a minha cabeça e não demorou muito para termos que correr. Aquele caçador voltou com aquele grande carro militar atirando na gente. Nos escondemos na primeira casa aberta que encontramos. No lado que estávamos não tinha saída para nenhum lugar, mas avistei do outro lado da rua um beco que poderia ser nossa saída. Tivemos que ficar nas sombras. Desviamos de alguns caçadores, mas para chegar no beco tínhamos que correr. Alertei Ellie, depois nos preparamos, contei até três e então corremos. Vários dos caçadores nos viram e correram atrás de nós e o carro acelerou e atirou na gente, mas, felizmente, o caçador do fuzil não era bom de mira. Nos escondemos num prédio e esperamos a poeira baixar.

Finalmente desistiram de nos procurar. Subimos pelo prédio e passamos por uma ponte na escada de incêndio que levava para a borda do outro prédio em frente. Chegamos na parede do outro prédio e nos encostamos. Um deslize e morreríamos na queda. Continuamos até entrarmos na janela.

Quando entramos fui agarrado. Eu rapidamente me soltei e comecei a socar várias vezes o cara que me agarrou até escutar Ellie gritar meu nome.

— Joel! — Ellie gritou. — Joel, para!

Quando eu viro meu olhar, vejo um menino negro de cabelos raspados, usando um casaco amarelo fosco e uma calça jeans comum e um tênis parecido com o de Ellie. Ele estava segurando uma arma e apontando para mim. Eu me levanto e vejo o homem que eu espancava. Um jovem adulto, também negro, com um cabelo curto e cacheado usando uma regata branca bem suja e uma calça jeans padrão.

— Solta ele! — O garoto gritou.

— Calma, filho. Muita calma... — Respondi.

— Tá tudo bem... — O jovem adulto falou enquanto se levantava. — Eles não são caçadores. — Nossa! Cê bate com força em.

— Bom, eu estava tentando te matar. — Respondi.

— É, eu também achai que você era um deles, até ver ela. — O adulto disse enquanto aponta para Ellie. — Se não percebeu, eles não aceitam crianças. Sobrevivência do mais forte. — O adulto disse enquanto pegava algo na mochila do garoto. — Eu sou Henry e este é meu irmão, Sam. E acredito que você seja o Joel.

— Ellie. — Ellie disse se apresentando.

Seis

Fuga

Finalmente conhecemos pessoas que não queriam nos matar, isso é bem raro para falar a verdade. Henry e Sam pareciam ser pessoa boas.

— Vocês estão em quantos? — Perguntei ainda desconfiado.

— Estão todos mortos... — Sam falou rápido.

— Ei! — Henry exclamou. — Não sabemos disso, *tá*. Tinham um monte deles. — Henry continuou. — Então alguém teve a brilhante ideia de entrar na cidade e procurar suprimentos. Aqueles idiotas estavam de tocaia e nos dispersaram. — Henry ficou um pouco irritado com isso enquanto falava. — O que importa agora é sair dessa merda de cidade.

— Podemos nos ajudar. — Ellie comentou.

— Ellie, calma. — Falei.

— Segurança em números e tal.

— Ela *tá* certa. — Henry respondeu. — Podíamos nos ajudar. — Completou. — Temos um esconderijo perto daqui, seria mais seguro conversar lá.

— *Tá*, nos leve. — Falei ainda meio relutante.

Sáímos do pequeno quarto que nos encontrávamos e notei que Ellie e Sam estavam se enturmando bem enquanto andávamos.

— *Ah...* Desculpa pela arma. — Sam falou.

— Tudo bem, provavelmente eu faria o mesmo.

— Ellie respondeu e continuou. — De onde você é?

— Lá de Hartford. — Sam respondeu.

— Sêrio? Dizem que lá acontecem umas coisas horríveis.

— É, os militares abandonaram a zona. Por isso fugimos — Sam explicou. — Provavelmente está como esse agora.

Continuamos para fora do apartamento, seguindo um corredor do prédio que estávamos. Henry tentou puxar conversa algumas vezes, mas eu não estava muito afim. “É só você e sua filha?”, Henry disse e eu apenas respondi que prometi alguém que cuidaria dela. Descemos uma escadaria e atravessamos para o prédio ao lado. Era uma loja de brinquedos infantis, estavam meio acabados, mas um ou outro ainda se mantiveram

em bom estado. Assim que entramos ouvimos o carro forte passar em nossa vitrine. Rapidamente nos escondemos e, felizmente, não nos viram.

— Cara... Essa merda de caminhão... — Henry falou. — Está nos perseguindo desde que chegamos nesta maldita... Sam? O que você está fazendo? — Henry falou quando observou seu irmão pegando um brinquedo que parecia um boneco do *megazord*. — Sam, joga isso fora.

— Mas... Minha bolsa tá praticamente vazia... — Sam respondeu.

— Qual é a regra sobre pegar coisas, Sam? — Henry caminhou até Sam como se estivesse dando uma bronca.

— Está muito leve.

— A. Regra, Sam... Qual é?

— Só pegamos o que precisamos... — Sam falou cabisbaixo e jogando o brinquedo no chão.

— Exato, agora vamos.

Eu não comentei nada, não queria me meter nos problemas familiares das outras pessoas, apenas fiquei em silêncio. Por outro lado, Ellie esperou todos irem na

frente e pegou o boneco e guardou em sua mochila. Eu a vi fazendo isso quando me virei para chamá-la, também não comentei nada. Seguimos por uma porta atrás do balcão do caixa.

A porta levava para fora da loja. Assim que saímos encontramos alguns caçadores rondando por aí. Henry e Sam pareciam estar juntos a muito tempo, sabiam o que fazer nessas situações. Permanecemos escondidos e acabamos com todos os caçadores.

— Beleza, conseguimos. — Henry comentou. — Nada mal, coroa.

Apenas ignorei. Subimos por um caminhão e subimos num telhado que ficava cercado pelos outros prédios, era apenas o telhado para estacionar os caminhões de brinquedos. Andamos por uma ponte feita de tábuas de madeira e atravessamos para a janela de um prédio, passamos por um corredor e chegamos no esconderijo de Henry. Era apenas uma sala larga de trabalho executivo trancada com uma chave que só ele tinha.

— Então... — Sam falou meio tímido. — Quantos anos você tem?

— Eu? Catorze. — Respondeu Ellie. — E você? Quantos você tem?

— *Ah...* Mesma idade. — Sam respondeu depois de pensar por um segundo.

— *Ah*, então você tem catorze agora? — Henry comentou.

— É... Quase.

— *Hum, hum, hum, tá bom*, então. — Henry falou soltando algumas risadas internas. — Bom, chegamos.

Henry andou até o fim da grande sala e entrou, usando a chave, num escritório privado e mais reservado ao fundo. O lugar estava bem conservado. Uma mesa de centro com algumas poltronas na parede, de frente uma mesa de trabalho com uma cadeira mais robusta e bem feita atrás e mais uma poltrona simples a frente. Tinha vários quadros e uma escrivaninha com algumas gavetas e em cima uma máquina de café, isso me lembrou a conversa com Ellie sobre café mais cedo. As janelas

estavam bastante sujas, mas a luz ainda passava bem, já estava anoitecendo.

— Há quanto tempo vocês estão escondidos aqui? — Ellie perguntou.

— Alguns dias, mas achamos um pouco de comida. — Respondeu Sam. — Vem cá, vou te mostrar.

— Mirtilos. — Henry falou. — Achamos um estoque deles, quer um pouco?

— Não. — Respondi.

— Ei, cara, relaxa. Estamos seguros.

— Então, por que não foram embora?

— Esperando a oportunidade certa.

— E? — Perguntei.

— Vem cá, olha isso. — Henry foi em direção a uma janela quebrada. — Olha lá todos esses filhos da puta.

Henry me mostrou um posto de controle cheio de caçadores. Estávamos na entrada da ponte, atravessando aquilo estaríamos livres.

— A noite, sobram apenas um bando de esqueletos. — Disse Henry confiante. — No pôr-do-Sol,

é a nossa chance, passamos despercebidos sem a maioria deles.

— É... Pode funcionar. — Falei.

— Há! Vai dar certo, com certeza vai. — Henry exclamou ainda bem confiante.

Henry desviou o olhar por um segundo e viu uma cena incrível. Seus olhos se encheram de brilho ao observar Ellie e Sam. Os dois estavam brincando e rindo bastante arremessando mirtilos para o ar e tentando pegar com a boca.

— Já faz um tempo desde que aquele garoto deu um sorriso... — Henry falou orgulhoso. — Ela nem parece incomodada com tudo isso.

Ver Ellie brincando com Sam me lembrou de Sarah... Fiquei feliz por Ellie estar se divertindo e esquecendo por alguns minutos a crueldade desse mundo. Continuei sério mantendo a postura de líder e falei:

— Então, aonde vocês estavam indo? — Puxei uma cadeira e Henry outra.

— Ouvi falar que os Vaga-lumes têm uma base no Oeste. — Henry disse entusiasmado. — Vamos nos juntar a eles.

— É... *Humpf*. — Falei com uma risada interna ainda desacreditando nos Vaga-lumes.

— Algo engraçado? — Henry perguntou.

— É que parece que tem muita gente apostando tudo nos Vaga-lumes ultimamente.

— É, talvez tenha um motivo para isso.

— Então não sabem onde eles estão e vai arrastar ele pelo país para encontrá-los? — Falei pensando em toda a ironia da minha frase.

— Vou te dizer uma coisa: quem sabe eu me preocupo com meu irmão e você com sua garota? — Henry falou um tom mais adulto e ameaçador.

— Calma. — Falei. — Também estamos procurando os Vaga-lumes.

Henry assumiu sua postura de jovem adulto elétrico de novo e me mostrou um pedaço de um mapa que tinha guardado.

— Aqui. — Ele apontou no mapa. — Tem uma estação de rádio militar abandonada, saindo da cidade. Qualquer sobrevivente do nosso grupo tem que nos encontrar lá, amanhã. — Continuou. — Se você e ela quiserem vir junto, vai ser esta noite.

— Então, vamos descansar. — Falei concordando com o plano.

Henry ficou feliz e tímido, provavelmente orgulhoso consigo mesmo também. Eu me arrumei numa cadeira e adormeci, horas depois Ellie me acordou avisando que era hora de ir. Quando levantei vi Henry com as mãos nos ombros de Sam falando para ele não se desgrudar. Perguntei se ele já tinha feito isso antes e ele respondeu que sim, eu não confiei muito na resposta, mas também não questionei. Descemos alguns lances de escada e na base do prédio já tinha alguns caçadores. Não pareciam ser muitos, mas tínhamos que tomar cuidado. O ambiente estava bem escuro e silencioso, um passo em falso e tudo ia por água abaixo.

Havia duas torres, uma em cada lado do portão do posto de controle. Henry falou para eu acabar com

os vigias das torres, ele me cobriria com os que estavam em chão. Peguei o rifle de caça que não usara até então, poupei munição dele para enfrentar inimigos a longa distância, essa era a hora de usá-lo. Estava escuro e eu não tinha mira telescópica, mas ainda assim acertei a cabeça de um dos vigias. Todos os outros entraram em alerta e vieram em nossa direção, mas Henry, Sam e Ellie me protegeram, apenas ignorei os outros caçadores e atirei mais uma vez, agora no segundo vigia, porém errei miseravelmente. No cartucho do rifle tinha apenas três balas antes de recarregar, eu tinha apenas uma chance para não ferrar mais a gente, eu não podia errar. Me preparei mais uma vez, peguei visão do vigia, preendi a respiração para estabilizar melhor a arma e puxei o gatilho.

Acertei precisamente o olho do vigia, então rapidamente guardei o rifle, saquei minha escopeta e parti para a briga contra os caçadores restantes. Quando terminamos, todos pareciam bem, nos dirigimos até o portão e forçamos um pouco para abri-lo, mas para o nosso azar o carro forte apareceu. Nos apressamos e

fechamos o portão e corremos em direção a um caminhão para irmos embora. Dei pezinho a Henry depois escutamos um estrondo no portão. O carro forte estava tentando entrar, bateu uma, duas vezes e estava quase conseguindo passar. Enquanto o carro batia eu joguei Sam e Ellie para Henry e me preparei para subir, mas Henry olhou para o portão e gritou, “JOEL, ACHE OUTRA SAÍDA, NÃO POSSO ARRISCAR A VIDA DE SAM!”, então Henry e Sam correu me deixando para trás. Ellie tentou convencer eles a me ajudar, mas não restava tempo. Corri para um portão atrás de mim e comecei a forçar, não ia dar tempo, mais uma batida e o portão principal cederia. Então eu escuto alguém caindo do caminhão e vindo me ajudar, era Ellie.

Forçamos juntos o portão e conseguimos abrir, ao mesmo tempo o carro forte finalmente entrou e começou a atirar. Atravessamos o portão e o fechamos. Corremos e passamos por uma porta chegando num bar chique, nele tinham alguns caçadores, mas os ignoramos. Entramos já atirando em todo mundo e os pegando de surpresa e atravessando rapidamente o bar.

Chegamos numa rua que dava na ponte, mas o carro forte tinha dado a volta e ia nos alcançar. Corremos aproveitando da nossa vantagem de distância sempre desviando dos tiros passando atrás de algumas barricadas feitas de carros e ônibus. O carro forte já estava muito próximo e continuou vindo, ele não iria desistir e muito menos a gente. A ponte estava lotada de carros, mas isso não os impediu de nos perseguir, sempre encontravam alguma brecha e empurram alguns carros. Estávamos correndo contra o tempo, não tínhamos mais para onde ir, era uma linha reta até que chegamos num beco sem saída.

A ponte estava destruída, partida ao meio, abaixo apenas as fortes correntes de um enorme rio. Saquei minha arma e olhei para trás, vi alguns infectados saindo de dentro de um ônibus e atacando o carro forte, mas não fez tanta diferença. Eu estava preparado para lutar até minha morte, mas Ellie não hesitou.

— Vamos pular, Joel! — Gritou Ellie.

— Não, é muito alto e você não sabe nadar. —

Respondi.

- Vão nos matar!
- Ellie, quantas balas ainda tem?!
- Droga, Joel, sem tempo para discutir!

Ellie correu e pulou da ponte, eu corri logo atrás. Sobrevivemos a queda, mas a correnteza estava muito forte. Gritei por Ellie algumas vezes tentando não me afogar, mas eu não a encontrei e não recebi resposta, estava desesperado até que... Tudo ficou preto.

Sete

Adeus

Eu abri meus olhos lentamente e a primeira coisa que eu vi foi Ellie depois Sam. Eu me levantei e olhei ao redor avistando Henry. Acordei numa praia deserta, não conseguia ver a ponte ao longe, apenas um barco encalhado mais adiante. Depois da praia havia um grande morro rochoso. O céu estava nublado, eu não conseguia ver o Sol, mas sabia que ele já estava nascendo pela luz.

— Henry! Ele está acordado! — Ouvi Sam gritando.

— Ei, Joel. — Ouvi Ellie com uma voz calmante e suave. — Estamos vivos.

— *HA HA HA!* — Ouvi Henry rindo e logo fiquei estressado enquanto me levantava. — Viu? O que eu disse, hein? — Henry continuou. — Ele *tá* bem, tudo bem! — Ele continuou falando, mas eu não estava muito interessado, apenas me levantei e, com muita raiva, fui em sua direção. — Sabe, foi o Sam que viu vocês. Tinham se molhado *pra* caramba quando... — Eu o

empurrei com força e o derrubei, peguei sua pistola e aponte para sua cara.

— PRA TRÁS, GAROTO! — Aponte a arma para Sam e logo voltei para Henry.

— EI, EI, EI... — Gritou Henry ainda no chão. — Ele *tá* irritado, mas não vai fazer nada.

— TEM CERTEZA?! — Gritei dando mais um passo a frente.

— Pare! — Sam gritou.

— Joel! — Ellie falou logo após.

— ELE NOS DEIXOU LÁ PARA MORRER! — Exclamei.

— Não. Vocês tinham uma boa chance de sobreviver e conseguiram. — Henry falou. — Mas voltar por vocês significava arriscar a vida dele. — Henry falou enquanto apontava para Sam. — Se fosse o contrário, você teria voltado por nós? Eu salvei vocês.

Ficamos em silêncio até ser quebrado por Ellie:

— Ele também me salvou. — Olhei para Ellie ainda com raiva e escutei o que ela tinha a dizer. — A

gente ia se afogar, você bateu numa pedra bem grande no rio.

Fiquei em silêncio por mais um segundo quando abaixei a arma e a joguei no chão.

— Ainda bem que nós vimos vocês. — Henry falou. — E a torre de rádio fica do outro lado desse penhasco, vamos. O lugar *tá* cheio de suprimentos, vai ficar feliz por não ter me matado.

Eu me acalmei e seguimos pela praia em direção ao barco. Assim que Ellie botou os pés no barco ela disse:

— Uauu!

— O que foi? — Perguntei.

— É minha primeira vez num barco.

— *Hum, hum, hum*, bom, é meio diferente na água. — Soltei umas risadas enquanto falava.

— Um passo de cada vez, Joel.

Após esse breve comentário continuamos. Seguimos por um pequeno riacho de água de esgoto e parecia que era nossa única saída, pelo menos chegava até o outro lado sem precisarmos dar a volta pelo morro.

Encontramos a entrada do esgoto e seguimos. O esgoto era incrivelmente fedorento e escuro, bem, o que eu esperava, né? Continuamos até chegarmos numa bifurcação, eu e Ellie seguimos pela direita e pela esquerda Henry e Sam. Achamos um pequeno “quarto” (era uma salinha aberta sendo fechada apenas por uma grande com uma porta) com a entrada barricada por uma grande caixa. Ellie sugeriu para ir por uma tubulação para atravessar e abrir a porta para mim e assim foi feito. Quando entrei, achamos alguns suprimentos, mas o que me chamou atenção foi uma escrivaninha com um quadro cheio de recortes de jornais pregados e um bilhete na mesa.

“Fique fora por alguns meses e o mundo não perde tempo em ficar uma merda. Para todo lugar que você vira tem infectados e não infectados tentando te matar. Humanos não estão mais no topo da cadeia alimentar, amigo! Estou meio chocado por ter sobrevivido tanto tempo.

Esses esgotos são bem seguros. Saídas e entradas limitadas facilitam a defesa, e se alguém entrar aqui, posso despistá-los no labirinto. Posso não ser durão, mas sou rápido

Talvez eu precise esperar por aqui até que as coisas se acertem lá em cima. Acho que me tornarei um homem-toupeira dos esgotos.

Deseje-me sorte.

— Ish”

Não havia mais caminho por ali, seguimos Henry e Sam. Chegamos até uma grande bacia de tratamento de água e por mais que cheia, sem funcionar. Tinha um grande portão pesado ao lado e uma plataforma que usaríamos para atravessar, o único problema era que o gerador que movia a plataforma ficava do outro lado. Eu não conversei muito e mergulhei, queria sair dos esgotos logo. Era um pedaço de um cano que emperrava a porta, eu o removi e abriram a porta para mim. Quando atravessei ouvi dois *estaladores* na sala ao lado, a porta estava fechada então não me incomodei. Derrubei na água uma daquelas tábuas que usei anteriormente para

levar Ellie pela água. Antes continuar, eu fui checar. Matei os dois *estaladores* e encontrei bastante munição e suprimentos e mais um bilhete.

“Ontem eu encontrei algumas pessoas que não atiraram assim que me viram. Chocante eu sei. Nós trocamos alguns suprimentos e seguimos nossos caminhos

Eles tinham crianças e elas pareciam um pouco assustadas. Eu quase os contei sobre esse lugar, o que aconteceria se eles gostassem do lugar? E se...

Quer saber? Eu não me importo, qual o objetivo da sobrevivência se você não tem ninguém para rir de suas piadas idiotas?

Amanhã eu vou procurar por eles e ver se eles gostariam de se juntar a mim.

— Ish”

Eu fiquei um pouco nervoso sobre este lugar, e se encontrássemos essas pessoas? Esse tal de Ish? Voltei para o grupo e levei Ellie até o outro lado. Ela ligou o gerador e seguimos adiante sem perder muito tempo. Andamos por um corredor e Ellie comentou:

— O que é isso?

— Não sei. — Sam respondeu. — Será que tem gente lá dentro?

— Só há uma maneira de descobrir. — Henry falou enquanto abria a porta dupla a nossa frente.

O que todos nós estranhamos era os desenhos pintado nas paredes. Desenhos de crianças, desenhos infantis e um grande castelo envolta da porta dupla como se a porta completasse o portão. O que era isso? Uma creche? Bem, talvez. Assim que abrimos ativamos uma armadilha, olha que ótimo. Uma corda soltou quando a porta se abriu e derrubou uma caixa cheia de garrafas fazendo muito barulho. Aquilo era algum tipo de alerta ou alarme, mas poderia atrair infectados para gente, ficamos alerta. Continuamos em frente. Encontramos num corredor com vários itens interessantes, mas que não serviriam para a viagem como uma caixa de som antiga, alguns livros (nenhum de interesse de Ellie) entre outras coisas. Parecia mesmo que “Ish” vivia bem aqui, mas o que diabos aconteceu? Bem, não me importava. Encontrei um item

extremamente útil dessa vez, uma escopeta de cano curto, algo bem parecido com uma escopeta normal que eu tinha, porém pequena suficiente para carregar como uma pistola. Era uma combinação poderosa, forte e compacto.

Fomos até o final do corredor e Ellie encontrou algo interessante.

— Ei, Sam, olha isso! — Ellie exclamou enquanto levava uma bola de futebol na mão.

— Uoou! Que incrível, Ellie. — Sam olhou ao redor e se posicionou de costas para uma parede com algo desenhado em giz nela, sim, era um gol, uma trave improvisada.

Ellie logo se posicionou e pôs a bola no chão, tomou um pouco de distância, correu e chutou e Sam agarrou. Os dois pareciam bem contentes.

— Ei, Henry, você viu isso? — Falou Sam com um grande sorriso no rosto.

— Vamos fazer silêncio, ok? — Henry respondeu mais sério.

— *Ah...* Ok, desculpe. — Sam colocou a bola num canto e voltou a explorar o local.

Continuamos por um outro corredor, abrimos uma porta e dela saiu alguns infectados. Vários *corredores* e um *estalador*. Gastamos algumas balas, mas nada que não iríamos recuperar aqui mesmo. “Bom, acho que sabemos o que aconteceu com essas pessoas.”, Ellie comentou.

Seguimos explorando, inclusive eu encontrei mais um bilhete de Ish perto de uns barris de plástico azuis embaixo de um vão no teto, acho que eram para conseguir água.

“*Ei, Susan.*

Eu só queria te escrever uma mensagenzinha e dizer que esses coletores de chuva foram uma ótima ideia. Super inteligente coletar água sem ter que sair do lugar. Espero que não se importe, mas dei às crianças umas arminhas de água. Então, é claro... Tenho ficado ensopado o dia inteiro.

Se não quiser que eles usem, me avise e eu pego de volta.

Te vejo na janta hoje à noite. Quem avisa amigo é: o Kyle está fazendo seu “pão de carne” especial de novo.

— Ish

Nada de útil sobre o lugar. Andei até uma porta mais na frente que dava numa sala com um defunto e mais um bilhete em sua mão. O bilhete estava ensanguentado e amassado.

“Estamos presos. Acho que todo mundo está morto. Algumas das crianças estão comigo. Fui infectado batendo na porta. Não sei por quanto tempo aguentaremos. Se Ish e os outros estiverem vivos, talvez eles possam nos encontrar.

Se precisar, farei com que seja rápido.

— Kyle

Parece que foram invadidos, isso me deixa mais seguro, o lugar estava abandonado então muito provavelmente não vamos encontrar ninguém não infectado aqui. Também encontrei corpos de crianças espalhados no chão... Seguimos pelo corredor, não

deixei nem Sam e nem Ellie entrar na sala. Disse que já tinha olhado tudo.

Eu não sei onde essas pessoas erraram, mas tudo parecia bem, crianças viviam aqui, brincando e tendo uma infância minimamente decente (na base do possível). Eu imagino um dia se conseguiremos voltar ao que éramos antes, principalmente para Ellie já que ela não teve como ter uma infância... Você, leitor, deve esperar que tudo dê certo para gente, mas eu te alertei no início do livro que não é algo fofinho o nosso final e eu digo isso com propriedade, afinal eu sei como termina... O intuito de eu estar citando essas cartas é exatamente esse, mostrar para você o mundo em que vivemos não é nada divertido.

Seguimos até grande portão pesado de ferro, pelo menos estava aberto. Logo após uma grade com uma porta. Eu fui na frente e abri a porta, assim que abri outra armadilha de som ativou, mas não só isso, um som de correntes soltando soou e o grande portão atrás de nós quase esmagou Sam, mas ele conseguiu desviar ficando preso a mim. Henry e Ellie ficaram do outro

lado do portão. Chegamos perto de uma pequena janela na porta com barras de metal.

— SAM! — Gritou Henry. — VOCÊ ESTÁ BEM?!

— Calma, sim, eu *tô* bem. — Sam respondeu.

Não demorou muito até escutarmos infectados chegando.

— Droga... Sam! Fica perto dele, ok?! — Henry disse.

— Você também, Ellie! — Gritei também. — Não sei de perto do Henry.

Eu vi vários *estaladores* se aproximando por um cano grande de esgoto perseguindo-os. Não sei o que aconteceu depois, mas não podíamos ficar parados, então atravessamos a porta.

Quando atravessamos, eu não ouvi nada e isso me lembrou os perseguidores do hotel... Senti calafrios. Saquei minha escopeta e pedi para Sam ficar perto e atento então seguimos. Comecei a ter uma sensação de estar sendo observado e já estava ficando um pouco paranoico. Estávamos numa grande sala com grandes

colunas grossas e algumas áreas divididas por alguns degraus. Encontrei vários colchões espalhados, algumas estantes, inclusive encontramos uma churrasqueira e uma outra área infantil. Encontrei alguns itens interessantes e mais um bilhete, porém não era de “Ish”, era de uma criança, ela havia desenhado duas pessoas muito bem equipadas e armadas e as nomeou como Ish e Kenny e abaixo escrito “Nossos protetores!”... Isso me deixou um pouco mal, mas tínhamos que seguir.

Quando me virei, Sam estava resistindo contra um perseguidor. Corri para ajudá-lo acertando a cabeça do infectado com meu facão e tirando-o de cima de Sam, logo depois acertei o infectado mais uma vez e o matei. Procurei pelo corpo e encontrei um crachá com uma identificação... Aquele perseguidor era Ish... Ish que havia dado abrigo a todos essas pessoas, crianças... Ish era uma boa pessoa, talvez ingênua demais em acreditar que as coisas se resolveriam fora desses esgotos, mas pela primeira vez em vinte anos temos esperança e você me motivou a continuar, eu precisava chegar até Ellie...

Não havia mais nada para ver naquela sala e Sam parecia bem, só um pouco chateado. Passamos por um corredor onde havia alguns quadros brancos e letras maiúsculas e minúsculas desenhadas e um jogo de forca desenhado.

— Isso era uma sala de aula? — Sam perguntou.

— Acho que sim. — Respondi.

— Nossa... Por que será que isso aconteceu?

— Eu queria saber se Deus sabe que eles não mereciam isso...

No fim do corredor tinha uma parede com uma escada de mão levantada e uma outra passagem, joguei Sam para cima da parede e ele desceu a escada e assim que subimos ouvi tiros e Ellie gritando “MALDITA COISA!” mais à frente. Andamos um pouco e ouvimos uma porta dupla perto da gente e mais tiros vindos dela. A porta estava barricada com uma grande caixa, Sam e eu começamos a empurrar e a porta se abriu. Era Henry e Ellie, finalmente!

— Meu Deus, Joel! — Ellie gritou assim que me viu.

— Sam! Ainda bem que está bem! — Henry falou.

— Droga! Estamos sem tempo, corram!

Muitos *estaladores*, *corredores* e perseguidores estavam chegando e só havia uma saída, uma outra porta dupla. Fomos até ela e a trancamos, mas isso não ia segurar os infectados por muito tempo. Continuamos desesperados procurando por uma saída, subimos por uma longa escadaria e entramos por uma sala. A sala era larga e aberta apenas com uma mesa cheia de materiais, acho que Deus sabia que iríamos precisar. Fiz vários molotovs e plantei armadilhas enquanto Henry jogava Sam e Ellie por uma janela acima de uma porta para passarmos.

Ouvi os infectados, Henry se juntou a mim e nos preparamos... Havia muitos deles, não estava confiante, mas não iria desistir. Ficamos e resistimos, assim como Ellie disse “Ir aos limites do universo e voltar. Perseverar e sobreviver.”. Os infectados chegaram, primeiro os perseguidores, eram mais rápidos que os *corredores* e mais atentos. Tentaram nos cercar, mas eu e meu facão cuidamos deles, Henry ajudou bastante em arrumar o

resto das armadilhas de pregos. Logo depois chegaram os *corredores* ainda enquanto lutávamos contra a primeira onda. Ficávamos correndo e acertando os infectados, sempre próximos a paredes para não sermos pegos de surpresa pelas costas e assim resistimos. Ouvimos os *estaladores* e eles eram a esmagadora maioria de infectados ali. Não podíamos usar nada que nos deixasse um metro dos *estaladores*, rapidamente fomos encurralados perto da saída ainda fechada. Ouvimos Ellie e Sam forçando para abrir a porta enquanto atirávamos incessantemente nos monstros. Não havia mais espaço, enquanto um atirava o outro recarregava, a munição estava acabando, quando ouvimos um “click” vindo da porta, Sam abriu a porta e todos passamos. Quase não conseguimos barricar de novo, mas tudo deu certo no final.

Descansamos por alguns minutos.

— *Ah*, mas que merda! — Ellie falou depois de alguns segundos de descanso.

— Eu não acredito... — Sam logo respondeu.

— Só pode ser brincadeira. — Henry logo após

Quando me dei conta, havia um texto pintado na parede ao lado da porta, “AVISO: INFECTADOS NO INTERIOR”, rimos um pouco por isso, pois acima de tudo era uma ironia engraçada por mais que a experiencia tenha sido péssima.

Fomos em direção a torre de rádio, bastava atravessar algumas várias ruas. Avistamos a torre ainda um pouco longe e descemos as ruas de um subúrbio. Passamos por um carrinho de sorvete, um daqueles que tocavam músicas e eram bem coloridos para chamar atenção.

— Ei, Ellie, como você *tá*? — Perguntei enquanto descíamos a rua.

— Bem, o de sempre... — Ellie respondeu. — Quando eu estava com Henry, eu matei uns infectados sozinha. Você ficaria orgulhoso... — Ellie continuou com um sorriso tímido.

— É... Ficaria mesmo, mas o mais importante é que você não morreu. Agora, vamos.

Andamos mais um pouco e entramos numa casa para cortar o caminho e ver se acharíamos algo útil,

então Ellie e Sam se sentaram num sofá e conversaram um pouco enquanto eu e Henry explorávamos.

— Então... — Sam começou. — Como vocês se conheceram?

— Oh... Bem... — Ellie pensou bem antes de responder e continuou. — Uma amiga minha, Marlene, pediu para me levar até os Vaga-lumes.

— Parece que vocês se dão bem.

— Bom, agora eu mando nele. — Ela falou com um sorrisinho no rosto. — Não é, Joel?

— *Humpf*, definitivamente. — Respondi.

Encontrei na casa um bilhete da família que Ish levou para os esgotos, eles estavam fugindo de saqueadores, provavelmente os mesmos que nós. Henry comentou de quando era pequeno e pouco antes do fungo se espalhar quando Ellie perguntou. Ele tinha 5 anos quando o surto começou e o que mais lembrara era do cheiro dos vários churrascos que a família fazia, ele disse. Passamos também por um caminhão de sorvete.

— *Ah...* O que é isso? — Ellie perguntou.

— Isso? É um caminhão de sorvete. — Sam respondeu. — Henry me contou que eles vendiam sorvete no caminhão.

— Quê? *Tá* brincando, né? — Ellie falou surpresa. — Joel, é verdade?

— É verdade... — Ri um pouco antes de começar. — Essa coisa passava tocando músicas estranhas bem alto e as crianças compravam sorvete.

— *Nah! Cê tá* inventando tudo isso. — Ellie disse desacreditada.

— Não, não, é sério. — Falei.

— Cara, você vivia em uma época estranha. — Ellie riu alto e falou.

No caminho encontramos alguns cachorros selvagem. Tomamos um pouco de cuidado, mas conseguimos afagar um deles que estava mais calmo. Encontrei um último bilhete de Ish e fiquei feliz ao lê-lo.

“Uma porta aberta. Foi tudo que precisou. Um de nós esqueceu de fechar a porta e uma horda daqueles

monstros invadiu nosso acampamento. Trancamos eles lá e escrevemos um aviso no lado de fora.

A Susan e algumas crianças estão comigo. Até onde sei, somos os únicos sobreviventes. Precisei segurar Susan para ela não voltar para lá. Voltar para os corpos. É perigoso demais. Ela perdeu os filhos e eu não faço ideia do que dizer para ela.

Cada membro do meu ser quer desistir. Seria tão fácil render-se a este mundo. Mas não posso fazer isso. Tenho muita fé na humanidade. Vi que ainda somos capazes de fazer o bem. Conseguiremos. Preciso continuar forte... Por ela.

— Ish”

Ish estava vivo, havia pelo menos algumas pessoas boas vivas andando por aí. Notei que eu tinha matado Kenny, o outro “protetor” do desenho que estava com a identificação de Ish. Sinto muito por você Ish, espero que esteja bem.

Em uma das casas, Sam e Ellie disputaram um jogo de dardos para ver quem era melhor de mira e Ellie ganhou, por mais que Sam afirmava ser um empate.

Mais a frente em uma outra casa, matamos alguns infectados e um deles tinha um arco recurvo e um rifle de caça com uma mira ótica. Isso era ótimo, mas eu não podia segurar duas armas grandes e um arco. Presenteei Ellie com o arco e algumas flechas, ela ficou muito feliz e passou o resto do caminho assobiando e testando o arco em árvores.

Durante esse último trajeto notei que Sam estava andando mais devagar e extremamente desanimado, não fazia ideia do que o garoto estava pensando, mas Henry logo pediu para ele apertar o passo e seguimos até a torre de rádio. Finalmente chegamos nela depois de um longo caminho florestal. Já estava escuro e não encontramos nenhum dos amigos de Henry lá. Finalmente ficamos em paz por uma noite, mas isso era apenas uma calmaria antes da tempestade...

— *Hahahaha*, não cara, cala a boca! — Henry riu enquanto conversávamos.

— Seríssimo... — Respondi. — Era aniversário do Tommy. Tudo o que ele queria era alugar duas Harleys e viajar pelo país.

— *Ah*, cara! Eu morreria feliz se pudesse dar uma volta no quartoirão com uma dessas! — Henry comentou. — Como foi?

— *Humpf*, foi bom.

— Bom?! Dá *pra* acreditar nesse cara? — Henry perguntou a Ellie. — Vamos, conte os detalhes! Descreva!

— Quer saber? — Ellie falou. — Vocês merecem um pouco de privacidade.

— Não, não, Ellie, essa não é só uma moto normal, *tá?* Você sobre nessa malvada e sente o motor! Não tem nada igual!

— *Ah*, é? Como você sabe?

— Eu a vi nos meus sonhos. *Vrum, vrum, vruuuuum... Hahahahahaha* — Henry respondeu. Ele parecia estar se divertindo muito.

Ellie foi até o quarto ao lado onde Sam estava desde que chegamos. Eu não sabia o que tinha acontecido com o garoto e deixei Ellie ir até ele. A própria me disse que entregou aquele boneco para ele nessa noite...

— Acho que ninguém do nosso grupo vai aparecer. — Henry comentou um pouco mais baixo assim que Ellie saiu.

— Sim. — Respondi.

— A pior parte de tudo é ter que explicar para o Sam...

Ellie me contou como foi a conversa entre Sam e ela.

— Bom, com certeza esses dois ficaram amigos.

— Ellie falou assim que entrou. — O que você *tá* fazendo?

— Estocando toda a comida que encontramos hoje. — Sam respondeu muito chateado e triste com algo.

— Certo... — Ellie falou mais animada tentando animá-lo. — E como estamos com os pêssegos em lata?

— O Henry mandou você? — Sam perguntou mais sério.

— Não, por que o Henry me mandaria?

— Para garantir que eu não faça nenhuma cagada...

— Nossa, acho que nos saímos muito bem lá trás, especialmente você.

Sam se levantou e ficou olhando para a janela.

— *Tá* tudo bem? — Ellie perguntou.

— *Aham...* — Henry respondeu curto e grosso.

— Certo... Bom, boa noite.

— Como... Como é que você nunca tem medo?

— Quem disse que eu não tenho?

— Beleza, então do que você tem medo?

— Vamos ver... *Ah...* Escorpiões são muito assustadores... — Sam se virou de volta para a janela como se não fosse isso que ele queria escutar. — Ficar sozinha... Tenho medo de terminar sozinha... Bem, e você?

— Dessas coisas aí fora... E se as pessoas ainda estiverem dentro delas? E se elas estiverem presas, sem controle do próprio corpo? Tenho medo de que isso aconteça comigo...

— Bom, agora nós somos uma equipe. Vamos nos ajudar e depois, bem, eles podem parecer pessoas, mas a pessoa não está mais lá dentro.

— Henry diz que, “Eles seguiram em frente.”, que estão com suas famílias, tipo no céu...

— Você acha que é verdade?

— Às vezes sim, às vezes não... Tipo, eu gostaria de acreditar...

— Mas não acredita...

— É, acho que não.

— É... Nem eu.

— *Ah!* Esse papo sério quase me fez esquecer. — Ellie tirou o boneco da bolsa. — Aqui, se ele não souber que existe, não pode tirá-lo de você. Agora, eu vou indo, tô com sono.

No outro dia, Ellie se levantou depois de Henry e eu, Sam ainda não havia saído do quarto. Ellie foi direto acordar ele, mas assim que abriu a porta e chamou seu nome... Sam pulou em cima de Ellie e começou a bater nela sem motivo nenhum, seus olhos não eram mais os mesmos olhos de uma criança, sua boca estava salivando e sedenta por sangue, alguns brotos de cogumelos saiam de suas bochechas... Sam havia se transformado... Eu imediatamente fui até minha

bolsa pegar uma arma, mas Henry se levantou desesperado e atirou na minha frente me impedindo de chegar na mochila.

— ESSE É MEU IRMÃO, PORRA! — Henry gritou.

— Que se dane! — Eu respondi e voltei até minha bolsa.

Henry disparou mais uma vez, mas não foi em mim ou em Ellie... Ele acertou a Sam...

— Sam? — Henry falou começando a chorar. — Sam...

— Henry, ei, abaixa a arma. — Falei enquanto me aproximava cuidadosamente.

Henry apontou chorando e tremendo a arma para mim.

— É SUA CULPA! — Henry falou.

— Não é culpa de ninguém, Henry.

— É SUA CULPA!

— Henry! Henry, não!

Henry não conseguiu suportar a dor da perda... Então disparou contra sua própria cabeça...

Oito

A Barragem

Passamos mais alguns outros dias para chegar em Jackson County, Missouri, mas durante todos esses dias o clima era tenso e triste, Ellie continuava a mesma, mas como se tivesse uma cicatriz enorme no peito, já eu, eu sinceramente não sei o que faria se perdesse o meu irmão, muito menos se tivesse que atirar nele... Já era outono e o clima já estava ficando bem frio. Passamos a usar roupas de inverno, Ellie usava um casaco rosa com uma única listra branca no meio e eu coloquei um casaco xadrez cor vinho. Passávamos por uma estrada de terra que ficava num morro ao lado de um rio e do outro lado da estrada um outro grande morro e caminhamos até encontrar uma placa verde.

— Jackson County. — Ellie disse com uma voz suave. — Significa que estamos perto de Jackson City, certo?

— Devem ser só alguns quilômetros.

— *Tá* pronto para ver seu irmão?

— Estou pronto para chegar.

— *Tá* nervoso?

— Não sei o que sinto.

Andamos até desviarmos o caminho morro abaixo até o rio, a estrada estava bloqueada por uma enorme árvore que havia caído.

— O que aconteceu entre vocês dois? — Ellie perguntou.

— Como assim?

— Você e Tommy... Vocês não estão juntos, então é claro que algo aconteceu *pra* isso.

— Tivemos um desentendimento, só isso.

— *Ah...* — Suspirou Ellie. — Lá vamos nós... Por quê?

— Tommy via o mundo de um jeito e eu de outro.

— Foi por isso que ele se juntou aos Vaga-lumes?

Seguimos o caminho pela margem do rio passando por debaixo de uma ponte chegando numa barragem, uma hidrelétrica.

— É, sua amiga Marlene prometeu esperança a ele. — Falei e continuei explicando. — Isso o manteve

ocupado por um tempo, mas como o Tommy é, acabou abandonando isso também.

— Como foi a última vez que o viu?

— Acho que as últimas palavras dele foram “Nunca mais quero ver a sua cara.”.

— Nossa... Mas ele vai nos ajudar?

— Só há um jeito de descobrir.

— Bom, com ou sem a ajuda dele, vamos chegar lá. — Ellie falou determinada.

A barragem não era muito grande, tivemos apenas que passar nos molhando um pouco. Procurei uma daquelas tábua flutuantes para Ellie atravessar e abrir caminho por uma ponte feita com um limitador da barragem, bem pelo menos eu acho que era isso. Inclusive ela comentou assim que eu cheguei do outro lado, “Isso aí, trabalho em equipe” e levantou a mão para um *high five*, que obviamente eu completei. Subimos por uma escadaria, mas ela estava quebrada, não tinha como atravessar. Encontramos outro caminho por direção contrária à da escada o que nos levou até uma guarita, nela eu encontrei uma arma que eu chamei

de “El Diablo”. Era uma pistola que carregava apenas uma bala por pente, mas era um tiro potente, sua bala era a mesma do meu rifle de caça e ainda por cima vinha com uma mira ótica incrível.

Continuamos até chegarmos num grande portão e assim que tentei abrir, pessoas apareceram nas torres de controle de ambos os lados do portão e apontaram para gente.

— Nem pense em pegar sua arma. — Falou uma mulher loira que parecia ser a líder do grupo. — E pede *pra* garota largar a dela.

— Ellie... — Falei me afastando do portão calmamente e com as mãos sempre a mostra. — Faz o que a moça diz.

— *Tá...* — Ellie respondeu nervosa.

— Espero que estejam perdidos. — A moça falou.

— Não sabíamos que o lugar estava ocupado. — Falei. — Só estamos tentando passar.

— Passar *pra* onde?

— *Tá* tudo bem! — Um homem jovem gritou através do portão e logo o abriu.

Eu reconheceria aquela voz a quilômetros. Quando o homem pôs a cabeça para fora, era ele, Tommy.

— Conheço ele... — Tommy falou. — Esse aí é o meu irmão.

— Tommy...

— É você mesmo, Joel?!

Nos encaramos por um segundo antes dele vir me abraçar. Tommy parecia bem mais adulto e em forma do que antes e descrito no início do livro, deixou uma barba crescer junto ao cabelo também, usava um casaco jeans e uma camisa azul claro meio suja e uma calça bege, seu rosto continuava o mesmo como o de uma criança de barba. Eu achei que ele ia me dar um soco ou algo do tipo, mas não, apenas um abraço caloroso de alívio por nenhum de nós dois estarmos mortos. Por mais que tínhamos brigado, estava feliz em ver meu irmãozinho...

— Nossa, Joel! — Tommy exclamou depois do abraço. — Como você *tá* velho!

— *Ha ha*, calma, sua hora também vai chegar.

— Essa é a Maria. — Tommy me apresentou àquela mulher loira. — Seja legal com ela, ela é a chefe aqui.

— Moça, obrigado por não estourar minha cabeça... — Respondi.

— É, teria sido complicado, já que você é meu cunhado, né? — Maria respondeu com um tom irônico, porém real.

Eu olhei para Maria, depois Tommy, eu estava surpreso e perplexo, meu irmãozinho tinha se casado, pena que não me convidou para o casamento.

— Todos nós brigamos em algum momento... — Tommy disse.

— Ellie, né? — Maria perguntou.

— *Aham...* — Ellie respondeu tímida.

— Bom, por que vieram para cá? — Maria perguntou para Ellie.

— *Ah...* Longa história.

— Vamos levá-los para dentro. — Tommy sugeriu.

— Ok. — Maria concordou. — *Tá* com fome, garota?

— Nossa, faminta.

Entramos na hidrelétrica. O lugar era bem grande e havia muita coisa jogada por aí, em geral um monte de caixas e canos de ferro gigantes. Maria explicou a hostilidade, parece que eles vêm sofrendo ataques de bandidos e saqueadores. Disseram-me que estavam tentando reativar a usina, eles tinham energia... E o que mais chamou atenção de Ellie foram os cavalos, mas por incrível que pareça, Ellie já havia montado num cavalo antes, em Winston, um soldado a ensinou. Notei também que tinha muita gente, muita gente mesmo todos trabalhando duro para manter o local em ordem... Por quê eu não vim logo pedir desculpa *pro* Tommy?

Alguns operários usaram um rádio e avisaram Maria de que iam ligar a usina de novo, ela mandou Tommy e eu fui junto e deixei Ellie com Maria, o que Ellie não tinha gostado muito da ideia de ser deixada com outra pessoa, não sei o porquê.

Assim que nos separamos, Tommy explicou que estavam na usina já fazia uma semana e esta era a sexta tentativa de reativá-la, mas isso só era papo furado para vir com um assunto mais sensível.

— *Ah... Joel... Tenho algo pra te contar.* — Tommy falou. — No ano passado fui ao Texas, para casa. A maioria das nossas coisas não estavam mais lá, a maioria. — Ele falou enquanto se aproximava de uma bolsa e pegava algo de dentro dela. — Toma isso.

Tommy me entregou algo, era uma foto, uma foto minha e de Sarah depois de um jogo de futebol, ela segurava o troféu que seu time tinha ganhado na época, foi um ótimo dia, mas eu não podia aceitar, eu não consegui aceitar aquela foto, eu não estava preparado e mesmo vinte anos depois eu não havia aceitado que Sarah tinha ido para sempre e a culpa ainda pesava meus ombros por não ter conseguido salvá-la...

— Não precisa... — Falei quando olhei para a foto por pouquíssimo tempo.

— Certeza?

— Sim...

— Ok... Eu vou guardar *pra* você.

— Olha, Tommy... Eu preciso falar com você...

Em particular...

Eu estava nervoso, o que eu pretendia fazer desde o início era deixar Ellie com Tommy e ele a levaria até os Vaga-lumes, ele conhecia o caminho e saberia onde eles estariam... Eu não tinha fé em mim mesmo para este trabalho que eu prometi a Tess, Tommy era mais qualificado...

— *Ah...* Ok, ok, deixa eu só ver como meu pessoal *tá*.

Tommy passou o caminho falando sobre a cidade de Jackson, ele disse que tinham mais de vinte famílias vivendo lá, que Maria e seu pai criaram esse lugar e o fizeram autossustentável. Tinham agricultura e pecuária. Ele disse que lembra quando achávamos que ninguém podia mais viver assim, porém ele estava vivendo. Eu fiquei surpreso e impressionado com o que ele tinha construído. Eles criaram um sistema de proteção com portões e cercas eletrificadas e os adultos se revezavam entre si vigiando o perímetro.

Chegamos numa sala com dois engenheiros que estavam trabalhando para fazer tudo aquilo funcionar. Os outros trabalhadores começaram a posicionar uma proteção para uma grande turbina e tentaram ligar, não demorou muito para funcionar pela primeira vez numa semana. Os operários comemoraram junto aos engenheiros e foram avisar Maria. Continuamos andando até uma sala mais reservada e começamos a conversar.

— Que equipe você tem aqui, hein. — Falei assim que fechei a porta.

— É, são gente boa. — Tommy respondeu. — Aqui é uma segunda chance para eles... Uma segunda chance para todos. — Ficamos em silêncio por um tempo até que Tommy se virou para mim e falou. — Por que saiu de Boston?

— Estou em uma aventura, irmãozinho. — Respondi.

— Acredito que tem a ver com a garota.

— *Humpf*, tem tudo a ver com a aquela garotinha.

— Bom... Me conta.

— Ela é imune.

— Mas a quê?

— Eu a vi...

— *Ah*, fala sério, Joel.

— Eu a vi respirar esporos que acabariam com vários homens... E nada. — Conteí como se fosse história de pescador e continuei. — Eu também não acreditaria, mas eu posso mostrar.

— Tudo bem... — Tommy respirou e se sentou.

— Eu acredito... Mas por que trouxe ela?

— Bem, eu tinha que entregá-la para os Vagalumes... Bom, você é amigo deles, então você termina o trabalho e coleta todo o pagamento.

— Ha! *Tá* bom, eu não vejo um Vaga-lume há anos.

— Mas vocês sabem onde estão, certo? Olha, Tommy, eu não estou pedindo muito. Só quero alguns equipamentos, o suficiente para ir embora.

— Por que acha que eu faria isso por você?

— Não é por mim, Tommy, é por sua maldita causa.

— Minha causa é minha família agora. O que você *tá* pedindo não é tão fácil assim.

— Porra, Tommy... Pede *pra* Maria mandar alguns dos seus amiguinhos fazer isso.

— Eles têm famílias também, Joel.

— Tommy, eu preciso disso.

— Quer equipamento? Legal. Mas eu não vou ficar com essa garota.

— É assim que você me paga, é?

— Pagar?

Ambos nos levantamos, ambos estávamos irritados e estressados.

— Por todos esses anos que cuidei de nós. —
Respondi.

— Cuidou? Chama isso de cuidar? Eu só tenho pesadelos daqueles anos, Joel.

— Você sobreviveu graças a mim.

— Não valeu a pena.

Eu o empurro com força contra a parede.

— Eu trago a cura *pra* humanidade e você quer brincar de irmãozinho irritado?

— Nós não estamos em casa. Coloque as mãos em mim de novo e isso não vai acabar bem.

Em meio a essa tensão, um alarme começou a tocar.

— O que é isso? — Perguntei.

— Estamos sendo atacados. — Tommy falou correndo para pegar seu rifle e saindo do cômodo. — Ainda lembra como matar, não é?

— Você não sabe o que eu passei para chegar aqui.

Vi os trabalhadores correrem para se armarem e um grande tiroteio começou. A maioria dos saqueadores estavam bem equipados com coletes e capacetes, o que foi uma dor de cabeça. Tivemos que calibrar na mira nessa batalha. Eu consegui flanquear bem a maioria deles, então corremos para fora e fomos ajudar o resto do pessoal. Passamos por várias áreas e enfrentamos vários inimigos até chegarmos na cantina. Encontramos Ellie e Maria que logo surgiram de trás do balcão.

— Joel! *Ah*, cara! — Ellie começou a falar freneticamente. — Eles estavam vindo de todas as direções, aí a Maria disse: “*Temos que correr!*” aí derrubamos umas mesas e um cara gigante entrou com uma escopeta.

— Ellie... — Tentei interromper. — Ellie, calma, devagar, deva...

— Então... — Ela tentou continuar, mas não deixei segurando seus ombros e a balançando.

— Ei, ei, você está ferida?

— Não!

Tommy teve seu coração amolecido com a visão que teve de Ellie falando comigo, talvez tenha o lembrado de mim e Sarah. Ele foi conversar com Maria e logo começou uma discursão séria. Ellie ouviu uma gritaria e veio falar comigo.

— O que *tá* acontecendo? — Ela perguntou. — Algo a ver comigo?

— Falamos sobre isso mais tarde. — Respondi.

— Ele disse onde é o laboratório?

— Falamos sobre isso mais tarde, Ellie.

Ellie pareceu um pouco sentida com o que eu disse e saiu andando cabisbaixo. Maria finalmente aceitou e veio enfurecida falar comigo, “Se alguma coisa, qualquer coisa! Acontecer com ele, a culpa é sua!”, logo após ela se retirou com passadas fortes.

— É... — Tommy suspirou. — Eu vou levá-la aos Vaga-lumes. Não se preocupe.

— É... É melhor assim. — Respondi.

— Isso pode gerar algo bom.

— Preciso falar com Ellie antes.

Assim que fui atrás de Ellie, meu irmão pegou o *walkie talkie* e gritou logo em seguida que Ellie havia fugido com um dos cavalos. Pegamos mais dois cavalos e juntos fomos atrás de Ellie seguindo seus rastros. O caminho que seguimos era uma estrada de asfalto coberta de musgos e bastante terra. Era uma estrada tranquila e suave para uma caminhada, um piquenique ou acampar, mas toda essa serenidade era quebrada por onde passávamos. A preocupação que, eu principalmente, emanávamos era quase visível. Entramos por um bosque e seguimos os rastros até uma

grande casa de campo em meio a floresta, não me importava em fazer barulho ou coisa do tipo, não estava nem aí para qualquer bandido ou infectado no meio do caminho, inclusive tivemos que enfrentar alguns saqueadores no caminho, mas estávamos com pressa então não demoramos e fomos bem mais brutos, sem economizar munição, a prioridade era Ellie agora.

Acabamos com todos muito rápido e fomos em direção à casa que estava Ellie havia deixado o cavalo. Pedi para Tommy cuidar do perímetro em deixar falar com ela sozinho.

Subi para o segundo andar e gritei por ela... Não houve respostas, mas logo a achei num quarto de porta aberta. Ellie estava pensativa e calma até demais para o de costume, estava sentada com os joelhos encolhidos em cima de um banquinho ao lado de uma janela lendo um livro que eu desconhecia.

— Elas só se importavam com isso? — Ellie comentou. — Garotos... Filmes... Decidir qual blusa combina com qual saia? Que bizarro. — Ela parecia estar

lendo um diário de antes do surto de alguma garota qualquer.

— Ainda bem que está bem, agora vamos embora.

— E se eu disse não? — Ellie respondeu com uma voz calma, confiante e um pouquinho melancólica.

— Você sabe o que sua vida significa? Hein? — Falei como se estivesse dando uma bronca nela. — Fugindo assim. Pondo sua vida em risco... É uma tremenda idiotice.

— Então estamos os dois decepcionados um com o outro.

— O que você quer de mim?

— Admita que queria se livrar de mim o tempo todo. — Ellie ergueu a voz um pouco mais.

— O Tommy conhece essa área...

— *Ah*, dane-se, Joel!

— Desculpe, mas acontece que eu confio mais nele do que em mim!

— Pare de besteira. Do que você tem medo? De que eu termine como o Sam? Eu não me vou infectar! Eu posso cuidar de mim mesma!

Eu não consegui responder na hora, mas o meu maior medo era de que ela acabasse como Sarah... Aos meus braços... Sem vida...

— Quantas vezes quase morremos? — Falei.

— É, acho que estamos indo bem até agora!

— E agora você vai ficar melhor ainda com o Tommy!

— Eu não sou ela, sabia? — Ellie baixou o tom de VOZ.

— Quê?!

— Maria me contou da Sarah. E eu...

— Ellie! — Gritei depois baixei o tom com um ar mais pesado. — Esse assunto é muito delicado.

— Sinto muito pela sua filha, Joel, mas também perdi pessoas...

— Você não faz ideia do que é perder...

— Todos que eu gostava morreram ou me deixaram... — Ellie falou enquanto se aproximava. —

TODOS, MENOS VOCÊ! — Ela gritou e me deu um empurrão.

— ENTÃO NÃO ME DIGA QUE FICARIA MAIS SEGURA COM OUTRA PESSOA, PORQUE NA VERDADE EU SÓ FICARIA COM MAIS MEDO!

— Tem razão... — Falei mais baixo com uma feição desapontada, indignada e melancólica. — Você não é minha filha e com certeza eu não sou seu pai. E nós vamos nos separar.

Tommy arromba a porta com um chute e avisa que mais saqueadores chegaram e nos preparamos. Não eram muitos e eu já estava enfurecido. Ellie estava chateada e nem se importou em se proteger ou algo assim. Derrubei o primeiro que subiu e arremessei uma bomba de fumaça no andar de baixo, logo após, eu e Tommy acabamos com todos. Apenas voltamos para Jackson City calmamente e tranquilamente aproveitando o passeio banhado em tristeza e ódio. Eu tomei esse tempo que demoramos para voltar até Jackson para pensar em tudo que Ellie havia dito e

conversado e havia me decidido... Paramos em cima de um morrinho que levava direto para a cidade e apreciamos a vista.

— Ela está lá... — Tommy falou sobre Maria. — As crianças vão assistir filmes hoje à noite.

— Onde é o laboratório deles? — Perguntei.

— Lá fora, Universidade do Leste do Colorado, ULC.

— *Ah...* — Suspirei. — Ellie, desça do cavalo e devolve para o Tommy. Vou ficar com o amigo aqui, se estiver tudo bem por você, Tommy. Vamos, Ellie, não me faça repetir tudo.

— *Ahn?* O que *tá* fazendo? — Tommy perguntou confuso.

— Sua mulher me assusta e não quero ela atrás de mim.

— Volta *pra* cidade, vamos conversar pelo menos.

— Você me conhece, já me decidi. — Falei já determinado. — Universidade do Colorado... Onde encontro esse laboratório?

— Fica no prédio de ciências, parece um espelho gigante, não tem como errar.

— Cuide da sua mulher.

— Tem lugar *pra* você aqui, você sabe, né?

— *Tá* bem? — Perguntei a Ellie.

— *Tô* bem... — Ela respondeu com um sorriso tímido depois que subiu no meu cavalo, eu senti novamente que aquela garota se sentiu segura novamente.

— É... Adiós, irmãozinho.

Nove

A Universidade

— Deixa eu ver se entendi. — Ellie falou. — Se você estragar o quarto *touch down*, tem que dar a bola para o outro time?

— Isso se chama reviravolta. — Respondi.

— E se você passa pelas jardas você volta para o primeiro?

— Primeiro *touch down*, isso mesmo.

— Cara, que confuso...

— Você tem que jogar algumas vezes, aí sim tudo vai fazer sentido.

Essa foi a conversa que tivemos até chegarmos na universidade. O clima estava bom e tranquilo, não passamos por nenhum perigo no caminho. Já estava escurecendo e o outono já estava para acabar. Assim que entramos no enorme campus da ULC, não encontramos nada que parecesse um espelho gigante, como Tommy havia dito. O campus era grande e tinha vários prédios variados, a maioria eram dormitórios e salas de aulas típicas americanas, nada de muito diferente do comum.

Fomos em direção a sede, lá poderíamos ver maior parte do campus. Eu já estava intrigado com o fato de não haver ninguém, absolutamente ninguém protegendo o perímetro ou alguém para nos receber... Estávamos sozinhos.

Entramos por um grande rombo na parede de um dos prédios para dar a volta numa barricada de arame farpado. Quando entramos, chegamos num grande salão com duas escadarias que levavam até o segundo andar, lugar onde estavam duas salas de aula de química da universidade. Achamos também o portão que usaríamos para atravessar o prédio, mas ele estava sem funcionar, sem energia. Eu segui alguns cabos e o nosso cavalo começou a se agitar um pouco e bateu o casco algumas vezes no chão alertando alguns infectados. Eram *corredores* e os seus gemidos vinham da sala de química. A sala em que todos eles estavam confinados era a sala de um grande gerador, eu iria ter que entrar lá de qualquer jeito. Pedi para Ellie cuidar de Callus, nosso cavalo, então fui acabar com todos. Por sorte eu achei um lança-chamas, não tinha muito gás

nele então gastei com esses infectados, sem perder tempo.

Era um lança-chamas caseiro bem simples e bem leve. Tinha uns canos juntos, um para acender uma espécie de isqueiro e outro para soltar o gás. Ele estava enrolado com bastante fita e tinha uma corda para eu carregá-lo, e já que era bem leve, não me incomodei em levá-lo comigo. Liguei o gerador e voltei para Ellie.

Eu estava voltando e Ellie falou assim que eu cheguei:

— Ei, eu *tava* pensando e... Eu gostaria de ser astronauta.

— De verdade? Astronauta?

— É... Você pode imaginar estar lá em cima sozinho? Não seria legal? Bem, só estou dizendo.

Eu comecei a mexer nos fios do portão e o fiz funcionar enquanto Ellie falava.

— Mas... E você? O que gostaria de ser? — Ellie perguntou dessa vez mais relaxada e tranquila, diferente das outras vezes em que sempre estava meio tímida, talvez ela estivesse se acostumando...

— *Ah...* Bom, quando eu era criança, eu... Queria ser cantor... — Falei meio tímido.

— *Hahahaha*, ai, ai... Espera aí, é sério?

— Sim, eu *tô* falando sério.

— Canta alguma coisa, então.

— *Ah*, não.

— Vamos, Joel! Eu não vou rir.

— *Nah...* Fica *pra* próxima.

— *Ah...* — Ellie suspirou.

Chegamos no centro do campus. Era uma enorme praça com árvores, alguns bancos aqui e ali, canteiros de plantas e uma grande fonte no meio com uma estátua que eu acreditava ser do fundador da escola. A sede da escola estava após a fonte e próximo dali o refeitório. Ellie ficou impressionada com tudo aquilo, mas logo encontramos macacos, sim, macaquinhos pequenos e fofos correndo pela praça, o que tirou a atenção dela totalmente.

— Isso é muito legal. — Ellie falou com um largo sorriso no rosto.

— É a primeira vez que vê um macaco?

— É a primeira vez que vejo um macaco.

Continuamos andando e procurando por algum sinal de vida e o grande prédio-espelho, mas não achamos nada.

— Já deveríamos ter visto alguém?

— Hum... Talvez esses caras sejam discretos... —
Falei com desconfiança.

Chegamos a mais um portão, ele estava funcionando e com energia dessa vez, mas só dava para abrir do outro lado. Fui sozinho dar a volta pelos dormitórios entrando por uma passagem na parede. Eu dei uma voltinha e encontrei o que menos esperava, um quarto cheio de gás para o lança-chamas, acho que o garoto que fez esse projeto de ciências aqui foi um tal de Harry Davies, o garoto é um gênio. Enfim, eu continuei num longo corredor cheios de portas e mais portas até chegar num grande buraco no chão. No andar de baixo ficavam algumas das salas de aula, porém estavam trancadas pelo lado de fora. Eu escutei alguns *estaladores* e mais alguma outra coisa “roncando” lá dentro, eu tive uma ideia do que era. Eu equipei minha

escopeta e meu lança-chamas, coloquei minha máscara e desci.

O local estava destruído e a minha visão obstruída por causa dos esporos, o som dos *estaladores* era perturbador. Fiz um pouco de barulho ao cair, mas logo peguei um tijolo e arremessei longe de mim... Um monte de *estaladores* se amontoaram, mas o grande problema era o grandalhão que veio logo após... Um *baiacu*, um enorme *baiacu* se juntou aos seus amigos e não podia existir chance melhor. Arremessei uma bomba de pregos e depois um molotov acertando todos eles. Todos os infectados morreram, com exceção do grandão que ainda estava de pé. Eu não estava muito paciente, então, com calma, procurei na sala se tinha mais algum infectado, arremessei tijolos e garrafas, mas nada apareceu. Peguei mais um molotov e o lança-chamas e desci o cacete no *baiacu* o finalizando com o facão. O facão estava meio enferrujado e parecia um pouco frágil, mas ignorei, não acreditei que ele poderia se partir... Não demorou muito para o *baiacu* morrer e cair no chão.

Achei uma saída no sombrio lugar que me encontrava com mais garrafas de gás e fui até Ellie para abrir o portão. Andamos mais um pouco no vasto e bonito campus passando por alguns bosques quando finalmente encontramos o grande prédio espelhado. Demos a volta por uma rua e escalamos o prédio com uma lata de lixo até uma janela quebrada. Tudo estava destruído e bagunçado, também não tinha ninguém lá por algum *caralho* de motivo. Eu já estava ficando estressado com esses Vaga-lumes que não conseguem ficar num lugar só...

Ainda tinham muitos suprimentos lá, inclusive achei uma nota explicando como melhorar molotovs caseiros.

— Iuuuhuuuuu! Vaga-lumes?! Cura da humanidade aqui! Alguém? — Ellie começou a gritar por qualquer pessoa que a atendesse.

— Vamos fazer silêncio até descobrir o que está acontecendo.

Andamos até um corredor aberto em torno de uma grande árvore no centro, formando uma espécie de

sacada em torno dela. Encontramos algumas coisas empacotadas próximas a uma escadaria e com uma prancheta com a lista de várias coisas rabiscadas ao entrarmos por uma porta depois da árvore.

— Nada útil aqui... — Ellie comentou enquanto verificava uma caixa.

— Não tem nada aqui, só um monte de porcaria de médico.

— Eu não entendo. O que aconteceu?

— Parece que todo mundo fez as malas e saiu às pressas. — Respondi.

Escutamos um barulho de coisas caindo e quebrando no andar de cima e fomos verificar.

— É, talvez nem todo mundo tenha ido.

Não encontramos nada no andar de cima, apenas mais alguns suprimentos e uma gravação de um cientista. Este prédio era basicamente formado *por* um ou dois *corredores* longos com várias salas de aula abertas com janelas, várias cadeiras e bancadas jogadas por aí.

“Perdemos mais dois guardas em ataques de infectados. Humpf, vão fazer outra droga de reunião

sobre a segurança deste laboratório. Todo nosso equipamento está aqui. Todos os nossos dados estão aqui. Todo o pessoal se acostumou a morar aqui. Vou fazer outro teste... Caso contrário essa incompetência vai me deixar louco.”

Então eles já planejavam se mudar, muitos ataques de infectados... Continuamos procurando por mais alguma pista de para onde eles foram. Entramos numa área com várias macas e itens médicos, inclusive um raio-x de um infectado e logo ouvimos mais um barulho vindo de uma porta próxima. Abrimos a porta e encontramos apenas alguns macacos que estavam assustados e derrubaram algumas vidrarias para química. Exploramos a sala e vimos muitas gaiolas de animais amontoada, provavelmente dos macacos.

Encontrei também mais um gravador do mesmo médico.

“São quatro contêineres de equipamentos de laboratório embalados e prontos para ir. Ah... Agora, a grande pergunta é o que fazemos com vocês. Dizem que o lote contaminado precisa ser eliminado. Sabe o que eu

acho? Que se dane. Quem fez um sacrifício maior que vocês, não é? Se alguém merece ser livre, são vocês. EI, CALMA! AAAAH... MERDA!.. Ah, não... Ele me mordeu... Ah, meu Deus!”

Aparentemente os macacos estão infectados... Não vamos chegar perto deles. Ainda não tínhamos terminado de explorar. O último quarto estava emperrado, então eu forcei um pouco e abri a porta... Encontramos o esqueleto do médico das gravações com um buraco no crânio... E um último gravador.

“se você está procurando os Vaga-lumes, foram todos embora. Estou morto ou estarei em breve. Tive um tempo para refletir.” Eu não estava a fim de papo furado, então acelerei o gravador até alguma parte que interessasse. *“... procurando os outros, eles voltaram para o hospital Saint Mary’s em Salt Lake City. Você vai encontrá-los lá. Ainda tentando salvar o mundo. Boa sorte com isso.”*

Finalmente! Encontramos algo, mas fiquei preocupado, Salt Lake City não é tão perto assim... Não deu tempo de muita conversa, vimos algumas luzes ao

longe no mesmo prédio... Eram saqueadores, mais desses imbecis, eles logo atiraram e nós logo fugimos. Ao tentarmos sair um dos saqueadores agarrou Ellie, eu rapidamente peguei meu facão e o cortei no pescoço, mas para minha sorte, o facão quebrou... *Ah...* Mas que merda, enfim, nós corremos dali e descemos pela mesma escadaria de antes e quando eu fui abrir a porta para irmos embora um saqueador apareceu e me empurrou contra a sacada de onde estávamos. A sacada estava velha e bastante enferrujada. O saqueador continuou forçando e o corrimão não resistiu, ambos caímos...

Senti meu coração batendo mais forte, senti meus músculos fraquejarem, minha audição estava péssima e minha visão estava muito turva e embaçada. Quando percebi eu tinha caído numa estaca de ferro... Eu estava perdendo muito sangue... Ellie veio me ajudar e arrancou com força a estaca de meu abdômen, me ajudou a levantar e começamos a andar, tínhamos que fugir, não importa o que custasse... Ellie enfrentou alguns saqueadores sozinha, ela foi bem forte, estava

determinada... Minha visão estava escurecendo, mas eu não queria aceitar que isso aconteceu, eu não queria aceitar que esse seria meu fim... Depois de tudo que passamos... Não podia ser em vão...

Vi uma luz, para minha alegria era apenas a saída do prédio. Me apoiei em Ellie e saímos do prédio. Ellie assobiou e chamou por Callus que logo apareceu. Subimos no cavalo e continuamos... Eu pensei que estava tudo bem, que iríamos sair dali, que iríamos conseguir, mas eu havia perdido muito sangue... Meu corpo não aguentava mais... Eu estava muito pálido... Foi quando minha visão se inclinou e começou a escurecer... Escutei Ellie gritando por mim de muito longe, mas não conseguia abrir meus olhos... Fiquei ali deitado... Esperando pelo melhor... Escutei Ellie chamar por mim mais uma vez e alguns empurrões... Depois disso, eu não lembro de mais nada... Eu perdi a consciência...

Dez

Abandonada

Ah... Okay... Caro leitor, eu sou Ellie. Eu vou escrever os próximos dois capítulos porque o Joel não está em um deles e este primeiro será um grande flashback. Joel disse que eu poderia escrever o que eu quisesse nesse trecho, então tomei a liberdade de falar um pouco da minha história... Mais especificamente como eu me infectei. Então com isso em mente, lá vou eu.

Era uma noite chuvosa. Eu estava dormindo usando uma regata listrada e um shortinho moletom confortável, quando alguém abre minha janela e entra em meu quarto.

AH! — Eu gritei e logo peguei meu canivete embaixo do meu travesseiro e apontei para Riley, minha melhor amiga. — Quê? Riley?

Riley foi a primeira pessoa que eu conheci e conversei quando cheguei em Boston, por mais que o início de nossa amizade tenha sido um pouco... Turbulento. A gente aprendeu a se gostar, ou melhor, se

amar. Riley era uma menina morena da minha idade, tinha seu cabelo preto preso, seu rosto era lindo com um sorriso quase sempre estampado, seus olhos castanhos sempre cansados, mas nunca desatentos e seus lábios rosados carnudos com uma minúscula cicatriz no de cima, ela sempre estava animada e brincando me pregando peças e contando piadas, ela era perfeita. Estava usando uma camisa branca básica com um colete com mangas curtas de tecido fino azul escuro, usava também uma calça azul quase branco com um tênis comum. Ela tinha ido embora já fazia algum tempo, fugiu da quarentena de Boston por algum motivo desconhecido, mas hoje, ela voltou, entrou pela minha janela e fingiu ser a porra de um infectado se aproximando de fininho por trás do meu pescoço e fazendo um barulho estranho.

— *HAHAHAHA!* — Ela começou a rir depois que eu a derrubei no chão. Ai... Eu caí de bunda.

— Que inferno, em! Achei que tinha sido mordida. — Falei assustada.

— *Hehe*, eu sei... E foi muito massa. — Ela respondeu. Eu estava sem acreditar nos meus olhos. — Você não vai me matar, né?

— Eu não te via... Há não sei quanto tempo.

— Quarenta e cinco dias. Bom, quarenta e seis na real... *Tá* a fim de saber o que andei fazendo?

— Todo esse tempo... Eu achei que você já era...

— É... — Riley me entregou seu mais novo colar, ela entrou para os Vaga-lumes. — Aqui, olha.

— *Ah...* Não pode ser... — Eu estava chocada, não acreditava que ela tinha fugido para realmente virar uma Vaga-lume.

— Dormindo sozinha? — Riley perguntou olhando para meu beliche. — Eu tive que dormir com a Liz por três anos, e ela cheirava mal.

Meu quarto era pequeno, não tinha muita coisa. Eu estudava numa escola preparatória militar da quarentena e como eu não tinha pais, tive que ficar no dormitório da escola, pelo menos não tive que dividir o quarto.

— Você é uma Vaga-lume... — Falei ignorando o que ela disse sobre Liz.

— *Ah*, você ainda tem! — Riley falou quando se aproximou da parede e pegou uma foto muito antiga nossa. — Quê? Quê que você *tá* fazendo?

Eu finalmente percebi que havia uma Vaga-lume no meu quarto, eu me apressei para verificar se tinha alguém no corredor e garantir que nenhum militar ia chegar até Riley.

— Garantindo que eu não seja pega com uma Vaga-lume no meu quarto. — Respondi.

— Relaxa, Ellie. — Riley falou despreocupada. — Não tem nenhum soldado nesse andar.

— Aqui, meus parabéns, mas vo... — Falei meio chateada com Riley e entregando o pingente de volta.

— Ei! — Riley segurou minha mão com um rosto de preocupação. — *Tamos* de boa?

— *Tamos* de boa? — Eu perguntei soltando a mão dela bruscamente.

— Eu sumi, e você *tá* brava...

— Sim...

— E... eu te devo uma explicação... Vamos sair daqui e eu te conto tudo.

— É quase de manhã e eu tenho treinamento militar. Sabe, *pra* aprender a matar Vaga-lume.

— *Ah*, deixa disso, veste uma calça logo e vamos.

— *Ah...* — Suspirei. — Sou tão burra.

— *Ah*, qual é? Alguma vez a gente se deu mal? — Riley falou com um sorrisinho de canto de boca.

Só atualizando todos vocês do que estava acontecendo com Joel, eu o arrastei até um shopping próximo para conseguir estabilizá-lo. Joel não estava morto, estava com febre, eu precisava de antibióticos, mas por enquanto eu só achei fita e usei uma camisa vermelha minha e cobri a ferida. Ficamos numa loja de iogurte.

Eu e Riley saímos do meu quarto e fugimos, quase fomos pegos pelos militares, por sorte entramos num prédio que parecia estar abandonado.

— Nossa, essa foi por pouco, hein. — Riley falou.

— Você foi bem rápida. *Tô* impressionada.

— *Humpf*, valeu. — Respondi.

— Vem, vamos subir.

Subimos por uma escadaria próxima.

— Beleza, como você encontrou os Vaga-lumes?

— *Hahaha*, ai, ai... — Ela riu e começou a contar.

— Lembra daquele Vaga-lume que você mordeu e roubou a arma?

— É, eu lembro dele.

— O nome é Trevor. Então, eu vi ele descendo a rua e fui atrás dele. O segui até o beco e esses Vaga-lumes me emboscaram. Eles me levaram direto *pro* esconderijo deles. *Pra* Marlene.

— Você ficou com medo?

— Apavorada. Achei que dessa vez ela ia atirar em mim de verdade. Mas em vez disso ela disse: “Por que demorou tanto?”. Ela estava me esperando.

— Ela fez de você uma Vaga-lume?

Passamos por um quarto depois subimos numa geladeira e entramos num buraco no teto indo para o andar de cima. Riley parecia saber onde estava indo, então apenas a segui.

— Algo assim. Aquela coisa de tentar me matar foi um teste. Queria saber se eu estava mesmo envolvida.

Eu vi uma pichação na parede do quarto que estávamos e era o símbolo dos Vaga-lumes com seu icônico slogan, “Procure a luz”, escrito.

— Você já encontrou a luz? — Perguntei.

— *Ha, ha, ha*. Riley riu pausadamente.

— *Ah*, desculpa. Não queria ofender seu povo. — Falei num tom sarcástico. — Mas então? Acredita nessa besteira agora?

— Tudo que eu sei é que não sou soldado. — Riley respondeu prontamente.

O alto-falante começou a falar alertando que não havia infecções pelo *Cordyceps* há trinta dias.

— Trinta dias uma ova. — Falou Riley. — As pessoas ficam infectadas o tempo todo. Eles só estão escondendo.

— Você encontrou mais infectados? — Perguntei.

— Como parte da minha iniciação, eles me fizeram matar esse... — Ela parou no meio da frase como

se eu fosse ficar incomodada com algo. — Sabe, vamos falar de outra coisa.

Estávamos andando sobre o telhado dos prédios quando Riley viu uma luz, o farol de um carro militar. Ela ficou muito desesperada e gritou para gente se esconder. Os carros passaram e nada aconteceu.

— Desculpa... Eu ando meio tensa. — Falou Riley, depois continuamos por uma tábua para o prédio ao lado.

— Ei, então... — Falei meio tímida. — Quem sabe eu devesse entrar para os Vaga-lumes.

— Ellie, foi a primeira coisa que eu perguntei para a Marlene. Ela quer você protegida nessa escola idiota.

— Explicou Riley. — Eu nem deveria vir aqui ver você.

— E ela com isso?

— Ela não quer que eu coloque você em confusão.

— *Humpf*, até parece. Eu já arranjo confusão muito vem sozinha.

Nessa época eu era bem revoltada com tudo e todos. Desde que entrei na escola, eu passava mais tempo na diretoria do que em sala de aula.

— Ei, lembra quando eu trouxe você aqui? — Riley perguntou assim que entramos num shopping velho e abandonado, todo destruído.

— O que estamos fazendo aqui, Riley? — Perguntei nervosa.

— Tenho uma surpresa *pra* você.

— O que é? — Perguntei curiosa. — É um dinossauro?

— Talvez. — Riley falou com um sorriso no rosto.

— Vou ser sua amiga de novo se for.

— Você vai ter que esperar para ver.

Enquanto andávamos pelo shopping, vi uma plaquinha de armas d'água e comentei:

— Sabe, eu as peguei de volta.

— Nossas arminhas d'água? Mentira. — Falou Riley desacreditada. — *Tá* me dizendo que o Cabo Babaca, devolveu?

— Claro que ele não devolveu. Peguei no escritório dele. — Respondi. — Riley, eu estava com elas nas mãos!

— *Humpf*, mas te pegaram. — Riley disse rindo um pouco.

— Mas me pegaram.

— O que ele fez *pra* você? — Riley perguntou.

— Duas semanas esfregando o chão. Banheiros

— Nossa, Ellie. — Riley falou decepcionada. — Eu tô sempre te falando *pra* desistir delas. Elas nunca vão voltar.

— Hum, vou pegá-las de volta. — Comentei para mim mesmo.

Chegamos numa barraquinha amarela da F.E.D.R.A. onde um ex-soldado, Winston, vivia. Winston era um velho rabugento que a gente conhecia, vínhamos pegar coisas emprestado dele de vez em quando e foi esse soldado que me ensinou a cavalgar. Ele era ranzinza, mas era gente boa, queria nosso bem em meio a esse apocalipse.

— Não acredito que o Winston se foi. — Riley falou em negação.

— Você soube?

— *Aham*. Sabe como aconteceu?

— Disseram que ele caiu do cavalo. Enfartou ou algo assim.

— Cara! — Riley exclamou. — Quantos conseguem morrer de causas naturais nesse mundo?

— Ninguém que eu saiba.

— Exato. Agora vamos ver o que ele nos deixou.

— Sério mesmo?

Entramos na pequena barraquinha, não tinha muita coisa lá a não ser por uma cama e duas mesas de cabeceira. Eu encontrei uma foto muito antiga do Winston, até achei ele bonitinho quando jovem. Riley achou uma garrafa de whisky, até me ofereceu um pouco e aceitei, mas nossa como eu me arrependo, era incrivelmente forte, desceu rasgando e queimando minha garganta. Bebemos apenas um gole.

— O que aconteceu com a Princesa? — Riley perguntou, Princesa era o cavalo de Winston.

— Eu achei que, depois que Winston morreu, levaram ela. Pobre animal, deve estar apavorada.

Seguimos adiante até chegarmos num monte de destroços. Riley queria atravessar por baixo deles, então pegou uma barra de ferro e usou como uma alavanca para levantar um helicóptero que tinha caído ali, mas a barra não aguentou. Decidimos passar por uma loja próxima e darmos a volta. Era uma loja de fantasias de halloween. A porta estava trancada, mas havia uma janela quebrada acima da porta. Joguei Riley pela janela e esperei ela abrir a porta. Alguns segundos se passaram, chamei por Riley e ela não respondia, depois mais alguns segundos e a porta se abriu, ficando apenas uma frestinha. Quando entrei Riley apareceu soltando um grito assustador com uma máscara de palhaço assassino horrível.

— *AAAH*. — Gritei.

— *HAHAHAHA* — Riley riu.

— Babaca! Essa foi a segunda vez hoje, Riley!

— Como a gente nunca achou esse lugar? Vem cá, achei a máscara perfeita para você.

Riley me levou até uma máscara de um lobisomem com dentes grandes e amarelos, olhos arregalados e orelhas pontudas e bastante pelo saltando em volta do rosto.

— *Hehehe!* Maneiro, vamos, agora dá um rugido.

— Riley falou.

— *Grr.* — Soltei apenas algo bem fraco, ainda estava desanimada e chateada com Riley.

— Sério, Ellie... Ruge, porra!

— *Gggrrrrrrrrraaaaaaaaaaouuuwww.* — Acumulei força e fôlego e soltei um rugido enorme para acabar logo com o sofrimento, mas eu até me diverti um pouco.

— Aí sim! Boa, Ellie! Agora vamos ver o que mais tem nesse lugar.

Ficamos brincando e fazendo imitações trocando de máscara mais de uma vez, primeiro peguei a de uma bruxa depois a cabeça de um pássaro. Passei por uma pequena caveira com olhos esbugalhados em cima de uma almofada roxa com adornos em dourado e um grande cartaz atrás dela que dizia “A Caveira Vidente! Faça uma pergunta se tiver coragem.”, então eu peguei a

caveira, balancei e perguntei “A gente vai morrer hoje?” e olhei embaixo da caveira que dizia que não iríamos. Bom, eu comentei que era algo improvável, queria poder estar errada. Continuamos brincando por mais um tempo na loja até enchermos o saco e saímos da loja.

Andamos um pouco mais e estávamos no segundo andar do shopping. Riley parou um segundo e pegou um tijolo e propôs uma competição.

— *Tã* vendo os dois carros lá embaixo?

— *Aham*.

— O vermelho é seu, o azul é meu. Jogamos tijolos e quem quebrar todas as janelas primeiro ganha.

— *Tá* brincando? Eu sou fera nisso.

— *Humpf*, tá bom, quem perder... — Riley parou para pensar por um segundo. — Responde uma pergunta. Sem sarcasmo.

— *Hm*, o que é isso? Verdade ou verdade? Enfim, eu *tô* dentro.

Começamos a arremessar tijolo por tijolo, dando a volta nos carros para acertar todas as janelas. Foi uma competição acirrada, nenhuma de nós queria perder, se

bem que era apenas uma pergunta. Ficamos ali um tempo até eu ganhar!

— É isso aí! Mestra suprema dos tijolos! — Gritei.

— As janelas desse eram bem fortes.

— É, pode crer, perdedora. *Tá*, hora de pergunta.

— Que medo...

— *Hmm...* — Pensei um pouco. — Beleza. Por que você foi embora sem me avisar?

— Eu estava meio que... Num tempo ruim... Olha, eu não contei para ninguém.

— Mas... Eu não era apenas qualquer uma. Ou era?

— Não, é que... *Ah...* — Riley suspirou. — Você precisa ver isso e nós estamos quase lá.

Ela desistiu do assunto e eu não a pressionei, apenas continuamos. Descemos por uma escadaria e entramos numa porta. Estávamos num lugar escuro, era a área de manutenção do shopping, era um grande corredor com várias salas. Chegamos até uma que parecia ser a da energia.

— O que a gente está fazendo, Riley? Esse lugar me assusta.

— Então, lembra que a gente achava que energizavam só as áreas da cidade?

— Sim?

— Então, eles energizam a cidade inteira, apenas desligam os disjuntores, aí... — Ela parou para quebrar o cadeado do painel dos disjuntores. — É só a gente ligar de novo.

— *Ah*, é claro que isso não vai funcionar. — Falei enquanto levantava a alavanca.

Tudo se acendeu, o lugar escuro que estávamos se iluminou completamente. Continuamos até voltarmos para o shopping. Paramos na frente da porta que levava até o segundo andar, onde estavam os carros.

— Ei, Riley, espera. — Falei antes dela abrir a porta. — Eu só... Queria dizer que eu estou muito feliz por você não estar morta. Quero dizer... Eu *tô* feliz que estamos juntas de novo e...

— Não era verdade... — Ela respondeu. — Tudo de que eu disse antes de ir embora. Não era verdade.

— Riley... Como você é tão dramática. — Então eu comecei a sorrir e depois rir.

— Poxa, você que começou. Bom, *tá* pronta?

— Pode crê. — Abrimos a porta e tudo estava tão claro como num dia ensolarado.

Mas antes de eu contar o que nós vimos, vou atualizar do que eu estava fazendo para salvar Joel. Eu encontrei um helicóptero no segundo andar do shopping que eu estava. Era um helicóptero médico, provavelmente tinha antibióticos nele. E lá vou eu atrás deles. Entrei por uma porta que me levou até uma garagem de caminhões. Precisava ligar o gerador para acessar a porta e subir pela escada rolante. Nessa garagem um monte de *perseguidores* apareceram por causa da droga de um gato, um fodendo gato derrubou umas coisas e chamou a atenção dos infectados, mas que merda em. Procurei gasolina nos tanques dos caminhões que tinham e achei um pouco. Liguei o gerador e mais infectados apareceram. Eu estava ficando boa nisso, matar infectados.

Cheguei no helicóptero. Assim que pisei dentro dele, quase caiu. Escorregou um pouco e se estabilizou novamente. Eu vi uma caixinha de primeiros socorros e fiquei pedindo por tudo que era mais sagrado que estivesse cheia e, graças a Deus, estava.

Quando eu e Riley abrimos a porta dupla ficamos vislumbradas com um grande carrossel cheio de luzes e funcionando. Riley ligou o carrossel que travou um pouco no início, mas começou a andar normalmente, eu subi em um dos cavalos e Riley veio logo depois se sentar ao meu lado. Não demorou muito até o carrossel parar de girar e ficarmos apenas olhando uma para a cara da outra.

— Bom, eu adorei. — Falei.

— *Ah*, sim! — Riley exclamou enquanto pegava um pequeno livro vermelho de sua bolsa. — Tem mais uma coisa que eu quero te mostrar.

— O que é isso?

— O que a esquerda disse para direita? — Riley falou depois de limpar a garganta.

— Meu Deus! Eu não acredito!

— Isso não tem sentido. — Ela respondeu a piada.

— Você achou outro livro de piadas!

— O que o canibal vegetariano come quando está com fome?

— *Ahn...* — Pensei um pouco, mas não consegui achar uma resposta.

— A batata da perna! — Então nós duas começamos a rir muito por mais que bem besta a piada.

— Aqui, esse livro é seu.

— *Hm*, sabe, você pode voltar a ser a minha pessoa favorita. — Falei enquanto folheava o livrinho. — Só *tô* dizendo.

— Conheço minha garota. Só *tô* dizendo.

— Certo, pronta? — Disse enquanto saíamos do carrossel.

— Definitivamente.

— Então lá vai. — Falei procurando uma piada. — O que um cromossomo disse ao outro? Cromossomos felizes!

Ficamos um tempo contando piadas uma para a outra até dizer chega.

— Ei, obrigado por conseguir isso *pra* mim. —
Falei.

— De nada. — Riley falou e logo viu algo atrás de mim que chamou sua atenção. — Ellie! A cabine de fotos está ligada!

Tiramos quatro fotos se abraçando e fazendo caretas e quando fomos imprimir, a máquina perguntou se queríamos compartilhar no facebook. Bom, não sabíamos o que era um facebook, então pulamos essa parte e tentamos imprimir normalmente, mas a impressora estava quebrada. Riley deu uns socos na máquina o que fez ela desligar. Ficamos lá, sozinhas sentadas uma do lado da outra por trás da cortina da máquina de fotos, no escuro, não sabíamos o que falar. Nos encaramos por um segundo e Riley quebrou o gelo perguntando se eu queria continuar explorando, então saímos da cabine de fotos.

Subimos por uma escada rolante funcionando, inclusive era nossa primeira vez numa, e chegamos até um fliperama. Todos os jogos estavam quebrados com exceção de um jogo de luta ligado, porém com uma tela

azul. O que eu mais queria era jogar algo e fiquei chateada por não poder jogar, mas Riley não ia deixar por isso mesmo. Ela me mandou fechar os olhos e começou a narrar toda uma aventura comigo sendo a personagem Angel Knives. Logo um inimigo apareceu, era Blackfang e uma briga imaginária começou. Ela falava para eu apertar vários botões de uma vez e volta e meia eu acertava Blackfang, mas eu era péssima com sequências de golpes e toda vez que eu errava alguma Riley falava que ele me acertava. E por muito pouco, eu finalmente ganhei a luta. Riley narrou uma finalização épica com muito sangue e o coração de Blackfang voando. Então com a batalha terminada, eu senti que estava bom e já estava para amanhecer, uma mulher avisara no megafone, mas Riley queria continuar e seguir uma música suave que começou a tomar do nada.

— Riley, calma. — Falei impedindo-a de seguir a música. — Acho que eu devia volta.

— Você tem muito tempo.

— Riley... Eu não tenho mais fichas para jogar nesse lugar. Amanhã a gente continua de onde parou.

- Não posso. — Riley suspirou cabisbaixo.
- Continuamos outro dia, então.
- ... — Ela ficou em silêncio e negou com a cabeça.
- Ok, garota Vaga-lume, quando?
- Me mandaram embora.
- Como assim?
- Boston. Tenho que me juntar a um grupo em outra cidade. — Riley começou a falar muito triste e chateada. — Eu pedi para me deixaram ficar aqui, mas você sabe como a Marlene é. Nada é fácil com ela. Tudo é um teste. Eles vão me buscar amanhã.
- Ok... — Falei num tom de voz triste e pensativo.
- Só isso?
- O que quer que eu diga, hein?
- Sei lá, que tal um conselho de amiga?
- *Hahaha*. — Dei uma risada indignada.
- É sério.
- Por que me trouxe aqui, afinal?
- Eu queria ver você.
- Não, por que aqui, neste lugar?

— Eu sei lá.

— *Humpf*, eu sei lá... — Repeti. — Quer meu conselho? Vai. *Vamo*, se despede logo.

— Eu vou ver qual é dessa música...

Então Riley, me deixou no fliperama e atravessou a porta atrás dela. Eu demorei alguns segundo, mas ainda assim eu a segui. Comecei a procurar por Riley gritando seu nome indo em direção a música até encontrá-la olhando para uns três manequins com roupas bonitas e uma música e luzes tocando de fundo.

— Acabou a nossa conversa? — Perguntei de maneira rude.

— Sei lá, acabou? — Riley falou no mesmo tom.

— Você não tem motivo para ficar brava comigo. Eu que *tô* brava com você.

— Por quê? Por perguntar sua opinião?

— Desde quando você se importa com minha opinião? A gente *tava* bem. A gente estava muito bem, aí você me disse *pra* cair fora depois simplesmente sumiu. — Subi um pouco o tom de voz junto com toda a tristeza que sentia enquanto desabafava. — Esse dia

inteiro... Se sente culpada? Quer perdão? Eu, eu...
Então eu te dou.

— Era *pra* eu estar escondida do outro lado da cidade. Se eu for pega como Vaga-lume, *tô* morta.

— Não foi culpa que me fez passar por tantos soldados, Ellie. E sim, eu erreí com você e não sei como me desculpar, mas... Estou tentando. *Humpf*, falando nisso. — Ela tira sua mochila e joga no chão aberta deixando as nossas duas arminhas d'água caírem.

— As armas que você queria... Quase morri por elas. Surpresa. — Ela falou num tom irônico.

— Ok... — Eu disse enquanto pegava as duas armas e entregava uma para ela. — Primeiro, eu vou destruir você, depois conversamos.

O clima se alterou completamente, foi de algo pesado com ar sombrio para algo mais leve e divertido em segundos. Nós gritávamos e corríamos atirando água uma na outra. Riley acabou ganhando dessa vez então fomos para outro round, mas dessa vez quem fosse acertada primeiro perdia. Estávamos numa loja de eletrodomésticos, havia fileiras de fogões e outros

utensílios domésticos, então usamos isso ao nosso favor e nos escondemos e procuramos uma pela outra enquanto aquela mesma musiquinha calma com violino e pianos tocava. Novamente Riley ganhou e eu contei até cinco dando tempo para ela se esconder. Dessa vez eu a acertei primeiro e empatei o jogo, um a um, eis o round final. Ela me viu de longe e rapidamente me acertou.

Riley sugeriu para jogarmos de novo, mas então disse que eu precisava voltar.

— Olha, eu sei que fui muito grossa, mas é isso que eu penso. — Falei. — Você devia ir. Isso é uma coisa que você queria fazer... Sabe, há tempos, então... Quem sou eu para impedir.

— *Humpf*, é a única pessoa que pode.

— Não... Por favor, não se vá! Eu vou ficar tão triste sem você! — Falei num tom sarcástico. — Não se preocupa, eu vou ficar bem e você também e a gente vai se ver de novo.

— Toma, fica com elas — Riley me entregou as arminhas. — Você ainda anda com aquele walkman?

— *Humpf*, sempre. — Então o entreguei a Riley.

- O que tem nele?
- Aquela fita que você me deu.
- *Hm*, você vai mesmo ficar triste sem mim.
- *Ha ha*, cala a boca.
- Ellie, vem cá.

Riley me levou até um aparelho de som que estava tocando a música calma, conectou meu walkman e aumentou o volume. Então subimos num bloco de vidro expondo uns aparelhos eletrônicos e começamos a dançar, uma de frente para a outra. Até que eu paro de dançar e fico a encarando nos olhos.

- Não vá... — Eu disse.

Riley então pega seu pingente Vaga-lume o arranca de seu pescoço e o joga no chão. Logo em seguida eu me aproximo lentamente e a roubo um beijo.

- Desculpa... — Falei envergonhada.
- Pelo quê?
- O que a gente faz agora?
- A gente vai dar um jeito, mas acho que a Marle...

— RILEY! — Eu gritei quando avistei infectados chegando.

Riley sacou sua arma e atirou.

Mas antes de continuarmos, vamos voltar um pouco a mim, Joel e o kit médico. Assim que desci do helicóptero, escutei um tiro, fui verificar como Joel estava e acabei esbarrando em saqueadores, os mesmos que encontramos na universidade, eles estavam com raiva de nós por termos matados os amigos deles, então estavam nos perseguindo. Dois deles foram mortos por um *estalador*, mais três apareceram e se separaram para me encontrar, eu peguei o arco de um dos saqueadores mortos e acabei com os que sobraram vivos. Eu fui fazendo meu caminho até Joel matando infectados e saqueadores, inclusive usei os próprios infectados para matar os saqueadores. Eles ficaram se matando até sobrar apenas um saqueador, eu o finalizei rápido. Finalmente cheguei até Joel.

Já eu e Riley fugimos, eram muitos *corredores* atrás de nós, mas felizmente conseguimos passar por um portão depois por uma porta e enquanto corríamos mais

e mais *corredores* apareciam. Um dos *corredores* me alcançou e outro apareceu na nossa frente segurando Riley. Conseguimos sobreviver a eles e barricamos a porta, não havia mais infectados... Mas...

— Ellie... — Riley falou com um rosto preocupado. — Seu braço...

Quando olhei para ele, não consegui acreditar... Uma mordida... Na época eu obviamente não sabia que era imune e muito menos Riley que também tinha sido mordida.

Quando cheguei em Joel, tentei me acalmar. Mas não adiantou muito... Peguei a agulha e fio que tinham no kit médico e me preparei para fechar o buraco em Joel.

Eu me sentei ao lado de Riley depois de pegar um cano e começar a quebrar um monte de vasos velho por aí de tanta raiva que estava.

— O que a gente vai fazer?

— Eu acho que a gente tem duas opções... — Riley respondeu com sua arma em mãos. — Opção um: o caminho mais fácil. — Então ela levantou a arma. —

Rápido e indolor. Mas eu não curto a opção um. Dois: lutamos.

— Lutar pelo quê? Vamos virar uma daquelas coisas.

— A gente já podia ter morrido de um milhão de maneiras... E ainda temos um milhão de maneiras de morrer.

Amarrei Joel numa maca velha que havia caído do helicóptero e depois em Callus e fui embora.

— Mas lutamos... Por cada segundo que pudermos ficar juntas. Sejam dois minutos... Ou dois dias. Não desistimos. Eu não quero desistir. Meu voto... Só vamos esperar. A gente pode... A gente pode ser poéticas e enlouquecer juntas...

— Qual a terceira opção? — Perguntei melancolicamente.

— Desculpa. Vamos, vamos sair daqui.

Riley acabou se transformando... E eu a tive que matar... Com minhas próprias mãos...

Onze

Trauma

Inverno. Finalmente tinha chegado no inverno, não que isso fosse algo muito bom para mim ou para Joel. Tudo estava coberto de neve, as árvores sem folhagem e lá estava eu, caçando sozinha no meio de uma floresta próxima a um vilarejo, que eu nem sabia o nome, abrigada no porão de uma casa qualquer ainda tentando salvar Joel. Ele ainda não tinha acordado e como já estava assim há alguns dias, resolvi caçar algo para comermos.

Eu acertei um pequeno coelho cinza com uma flecha e o amarrei a sela de Callus e fui atrás de algo maior, foi quando eu avistei um veado de pelagem marrom com dois chifres, não tão grandes, em sua cabeça. Me abaixei e me escondi repentinamente e isso o assustou, mas eu não desisti. Continuei seguindo os rastros de pegadas até encontrá-lo novamente. Vi o veado correndo e fui atrás dele. O esperei parar um pouco e o acertei. O veado recebeu uma flechada em seu torço, mas ainda estava de pé, firme e forte, então,

assustado, o veado fugiu mais uma vez de mim. Voltei a procurá-lo e o acertei mais uma vez, porém ainda não tinha acabado. O veado correu para umas barricadas numa rua e passou por um grande casarão destruído no meio do nada. O pobre veado já estava cansado e sangrando muito, ele já ia morrer, bastava eu conseguir acompanhá-lo.

Acabei chegando no que aparentava ser uma mina de carvão, bem, pelo menos as construções de casas ao redor diziam isso. Eu fui verificar se o veado já estava morto e ouvi barulhos de arbustos e galhos quebrando atrás de mim.

— QUEM TÁ AÍ? — Gritei com o arco apontado. — Vamos, apareça!

De trás de uma árvore apareceram dois homens adultos e armados. O que apareceu primeiro e começou falando usava uma calça jeans grossa e sapatos parecidos com o de Joel, usava também um agasalho vinho e por cima um outro casaco cinza, também usava luvas vermelhas combinando com o agasalho. Ele tinha uma barba e bigode bem feitos e um cabelo penteado ambos

de cor marrom escuro. O segundo parecia ser bem mais jovem com um rosto sem vestígios de barba, usava um gorro preto e suas roupas eram uma calça mais escura que a do primeiro, também mais escuros e um longo cachecol.

— Oi... — Falou o de barba estendendo a mão. — Só queremos conversar.

— Se fizer algum movimento brusco, eu atiro na sua testa. — Falei impondo medo. — O garotão ali também. — Apontei para o de gorro que deu um pequeno pulinho de susto e levantou ambas as mãos. — O que vocês querem?

— Meu nome é David e esse é meu amigo James. — Disse David. — Estamos com um grupo maior com mulheres, crianças... Temos muita fome.

— É, eu também, mulheres e crianças, todos famintos. — Falei.

— Bom, talvez a gente possa trocar algo por essa carne. Do que precisam? Armas, munição, roupas...

— Remédio! — Cortei David. — Vocês têm antibióticos?

— Temos, claro. No acampamento. Você pode nos seguir e...

— Eu não vou seguir ninguém. — Falei num tom ameaçador. — O garotão aí pode buscar. — Apontei para James. — Ele volta com o que eu preciso e o veado é de vocês. E se alguém mais aparecer...

— Você atira na minha testa. — David falou um pouco assustado.

— É.

— Dois vidros de penicilina e uma seringa. — David falou para James. — E seja rápido.

James saiu aos poucos, relutante, até sumir de minha vista.

— Certo, agora passa o rifle. — Falei a David

— *Ah*, claro. — David, cuidadosamente, largou o rifle no chão em minha frente. Eu guardei o arco e peguei o rifle.

David sugeriu que nos abrigássemos por causa do frio e para a carne não estragar. Eu apenas fiquei apontando a arma e ele arrastou o veado até uma

pequena cabana com algumas tábuas nas janelas, montamos uma fogueira e esperamos.

— Uma menina como você não deveria andar por aí sozinha. — Disse David puxando assunto.

— Não gosto de companhia. — Respondi curto e grossa.

— Entendi. Bem, qual o seu nome?

— Por quê?

— Olha, eu sei que não é fácil confiar em dois estranhos. É claro que você se importa com quem está machucado. Tenho certeza de que vai ficar tudo bem.

— É, veremos.

Poucos segundos depois começamos a ouvir barulhos de um *estalador* vindo de fora e, do nada, um infectado passou pela porta aberta. Eu não sabia bem o que os tinha atraído para cá, talvez o sangue do veado, mas não havia só um único *estalador*. David atirou no *estalador* com uma outra arma que tinha escondido e depois correu para fechar a porta.

Vários *corredores* começaram a aparecer e invadir o local. A cabana se conectava a uma outra

construção por uma porta interna vermelha, mas não pretendíamos sair dali se não fosse extremamente necessário, porém os infectados não paravam de aparecer, barricamos parte das janelas com um grande móvel de metal e ainda assim não adiantou, corremos para a porta vermelha. Corremos por uma escadaria mais e infectados pareciam e saltavam das janelas. Não podíamos parar. David barricou a porta para travar os infectados e seguimos por uma grande sala cheia de máquinas e caminhos. Ficamos um pouco perdidos e matamos mais alguns *estaladores* nessa sala. Usamos uma escada de mão para subir numa parte alta da sala e seguimos por um longo corredor feito de madeira com algumas janelas e chegamos numa outra sala. Havia corpos mortos naquela sala, de pessoas que não resistiram ao frio lá dentro. Nos preparamos para o pior e ouvimos gritos e grunhidos de mais infectados vindo. Conseguimos segurar as ondas de infectados, inclusive tivemos que matar um daqueles grandões *baiacus*. Finalmente o silêncio se estabeleceu. Não havia mais

infectados. Voltamos pelo mesmo caminho que viemos de volta para a primeira cabana.

— Uhuu! Estamos vivos! — Exclamou David. — Você, você foi muito bem lá trás. Acho que formamos uma boa equipe.

— Pse, tivemos sorte. — Respondi friamente.

— Sorte? Não, não... Sorte não existe. Eu acho que tudo acontece por um motivo.

— *Aham*, claro.

— Eu acho, posso, inclusive, provar... Esse inverno, especialmente este, foi cruel. Há algumas semanas, eu... Mandeí um grupo de homens para a cidade procurar comida. Poucos voltaram. Eles disseram que os outros tinham sido, *ah*... Assassinados por um maníaco e olha que engraçado. — David olhou nos meus olhos com um olhar enfurecido e vingativo. — Esse maníaco estava acompanhado por uma garotinha... Uma garotinha bem parecida com você. Está vendo? Tudo acontece por um motivo.

Eu não falei nada, apenas me levantei, peguei o rifle e comecei apontar para ele.

— *Humpf*, não fique triste. Não é sua culpa. Você é só uma criança. James abaixe a arma.

Quando me virei James havia chegado e estava apontando com sua pistola para mim.

— Não, David! Não vou deixá-la escapar! — James falou.

— Abaixe. A. Arma, James. — David respondeu pausadamente. — Agora dê o remédio a ela.

— Os outros não vão gostar disso.

— Bom, isso não é problema seu.

Eu comecei a sair da cabana com os remédios.

— Você não vai durar muito lá fora. — Disse David calmamente com um olhar frio. — Eu posso proteger você.

— Não, obrigada. — Respondi e saí correndo de volta para Joel.

Voltei em segurança para a cidade e deixei Callus dentro da garagem e fui verificar Joel no porão. Peguei a seringa e peguei um pouco do remédio que David havia me dado e logo apliquei em Joel próximo a ferida dele. Eu o mantive bem aquecido em um colchão velho

da casa e um pequeno travesseiro. Eu dormi ao seu no chão apenas com minha mochila como travesseiro.

No outro dia, acordei com algumas vozes vindas do lado de fora da casa. Eu havia sido seguida... Tão estúpida... Eu tinha que tirar a atenção deles de Joel, então subi em Callus e fui dando a volta nos saqueadores, só que isso não deu muito certo... Eu fui vista por um deles e rapidamente começaram a atirar. Eu acelerei com Callus e passei por todos eles, desviando dos tiros e tentando fugir. Meu plano primário estava funcionando, Joel estava seguro. Eram muitos saqueadores, quando perceberam que não adiantava muito atirar em mim, um deles gritou para atirar no cavalo. Não demorou muito até acertarem Callus e cairmos por um pequeno morro desviando da estrada principal. Callus estava morto... A cidade continuava descendo o morro e eu não podia lamentar a morte de Callus, então eu corri para a primeira casa que eu vi. Começou a nevar, não muito, mas começou.

Nessa parte mais baixa da cidade, eles não sabiam onde eu estava, apenas passei por todos eles em

silêncio e os confundindo com o som de tijolos que eu arremessava. Essa pequena parte da cidade era beiramar e no final dela tinha uma escadaria feita de pedra numa pequena montanha e após uma ponte de madeira destruída que rodeava esse morrinho. Fiquei nervosa ao atravessar a ponte por uma única tabuazinha fina que sobrou, se eu caísse eu não ia nem morrer para os saqueadores e sim de hipotermia. Passei por uns dois canos grandes de esgoto e cheguei numa grande casa, parecia ser de alguém bem rico. Tinham quadriciclos, trenós e um parque bem espaçoso. Tinham alguns saqueadores lá também, mas eu passei por eles sem me notarem. Percebi que a frente da casa levava de volta para a cidade inicial, então eu voltaria para Joel e sairia dali... Mas quando eu cheguei numa porta dupla de vidro, David chegou e me agarrou pelo pescoço, me segurando ali até eu desmaiar...

Eu acordei no chão frio de uma cela com alguém cortando pedaços humanos numa mesa como se fosse algum açougue... Eu me assustei e caí de bunda no chão, foi quando James percebeu minha presença, ele estava

cortando braços e pernas de um defunto... Bem, a partir de agora esses caras não serão chamados de saqueadores, eles são os canibais... Após James me ver, sem falar uma palavra, saiu da sala deixando o grande facão de açougueiro em cima da mesa. Eu parecia estar numa dispensa ou uma cozinha, eu não prestei muita atenção nisso, tentei abrir a porta da minha cela, mas estava trancada com uma corrente. Poucos segundos depois David apareceu.

— Como você está? — Ele perguntou com um tom irônico e com uma bandeja de comida, carne e um copo de água.

— Ótima. — Respondi no mesmo tom.

— Aqui, precisa comer. — Ele passou a bandeja por debaixo da porta.

— O que é isso?

— É o veado.

— Com um pouco de humano *pra* acompanhar?

— Não... Eu juro. É apenas veado.

— Você é um animal. — Eu me abaixei e comecei a comer, eu estava faminta.

— Você está julgando muito rápido. Considerando que você e seu amigo mataram... Quantos homens?

— Não tivemos escolha.

— *Hm* e acha que temos escolha? É isso? — Ele falou num tom ameaçador. — Você mata *pra* sobreviver... Bem, nós também. Temos que cuidar dos nossos. De qualquer jeito.

— Então você... Você vai me cortar em pedacinhos?

— *Hm, hm, hm...* — David soltou uma risada interna macabra. — Espero que não. — Me diz o seu nome.

— Você está mentindo. — Eu joguei a bandeja por debaixo da porta de novo.

— *Humpf*, pelo contrário. — Respondeu enquanto arrumava a bandeja novamente. — Eu estou sendo, *ah...* Muito honesto com você. Mas agora é a sua vez. Só assim poderei convencer os outros.

— Convencer eles de quê?

— De que pode se arrepender. — Ele começou a se aproximar da grade da cela, enquanto eu já estava lá. — Você é corajosa, é leal e... Especial. — David falou num tom mais suave colocando sua mão em cima da minha pela grade.

Calmamente eu coloquei minha outra mão em cima da dele e quebrei seu dedão, me agachei um pouco e pus meu braço inteiro pela grade tentando pegar a chave em sua cintura, mas não deu muito certo quando ele se recompôs, segurou meu braço e me puxou várias vezes batendo minha cabeça contra a grade.

— GAROTINHA IDIOTA! — Ele exclamou enfurecido enquanto eu parava o sangramento do meu nariz. — Assim vai ser muito difícil manter você viva! O que eu vou dizer aos outros agora?

— Ellie.

— Quê?

— Diz isso *pra* eles... — Falei enquanto limpava um pouco de sangue olhando nos olhos de David com um olhar assustador e ameaçador. — Ellie é a garotinha que... **QUEBROU A PORRA DO SEU DEDO!**

— Como disse? Hein? Pedacinhos, né? Te vejo de manhã, Ellie...

Joel finalmente acordou. Ainda sentia dores e algumas pontadas em seu ferimento, mas nada que parasse aquele homem. Joel saiu da casa e já teve que enfrentar alguns canibais. Eram apenas três deles e por mais que não estivesse na melhor forma, Joel, ainda assim, ganhou o duelo. Ele capturou dois canibais e os amarrou em duas cadeiras diferentes numa casinha escura e macabra, perfeita para um interrogatório. Um deles não conseguia ver o que estava acontecendo, mas ouvia claramente os gemidos de tortura de seu colega sendo espancado por Joel.

Joel se direcionou até o que estava de costas e perguntou:

— A garota... — Ele falou num tom assustador, enfurecido e com o rosto sério. — Está viva?

— Que garota? Eu não conheço nenhuma garota!
— O canibal.

Joel fincou uma faca em sua perna. — Presta atenção, se concentra aqui. Agora eu vou arrancar a merda do seu joelho se você não responder.

— Ela... Está viva. Ela é a nova mascote do David!

— O canibal respondeu grunhindo e gemendo de dor.

— Onde? — Joel girou a faca ainda fincada.

— AAAAAAAHH! MERDA! — O canibal soltou um grito de dor agonizante. — NA CIDADE, NA CIDADE!

Joel arrancou a faca e colocou o cabo na boca do canibal e o fez marcar num mapa com o próprio sangue.

— Certo, agora aponta no mapa... E é melhor que seja no mesmo lugar que o seu amigo ali atrás apontar.

Depois dele marcar no mapa, Joel se levantou e o sufocou até a morte e depois pegou um cano velho jogado no chão a frente do segundo canibal.

— Vai a merda, cara! Ele disse o que você queria!

— O segundo canibal falou assustado e se contorcendo tentando fugir. — Eu, e-eu, não vou te falar nada!

— *Isso mesmo... Eu acredito nele.* — Joel ergueu o cano de metal enquanto o canibal implorava pela sua vida e o bateu até a morte.

Na manhã seguinte, James e David apareceram do nada e me acordaram bruscamente me levantando e me puxando para a mesa de corte do “açougue humano”, mas antes de chegar lá eu mordi a mão de David. Me colocaram deitada na mesa de madeira ainda suja de sangue seco e quando James fora me cortar, eu gritei:

— EU TÔ INFECTADA!

— *Humpf, ah* é? — David respondeu desacreditado e parando o movimento com o cutelo no ar.

— E agora você também. — Falei mais tranquila e com segurança estampada no rosto. — Bem aí, arregace a manga!

David ficou o cutelo na mesa e viu a mordida.

— Tudo acontece por um motivo, não é? — Falei num tom irônico.

— Que diabos foi isso? — James começou a ofegar e se desesperar soltando uma das mãos do meu braço.

— Já teria se transformado! — David respondeu.
— Não pode ser real!

— Parece bem real *pra* mim, David!

Então David se desconcentrou por um segundo olhando a mordida, nesse momento eu peguei o cutelo fincado na mesa e o arremessei na cabeça de James num movimento só, rolei para o lado contrário a David e corri para a porta. Por sorte encontrei meu canivete preso numa prateleira e pulei por uma janela. Estava bem claro o dia, mas visibilidade ainda estava péssima. Lembra que estava nevando? Bom, agora era uma nevasca muito forte. Não enxergava mais de cinco metros na minha frente, apenas sombras de algumas casas e algumas luzes amareladas por causa de fogo em barris de metal. Eu comecei a correr e acabei entrando num pet shop pelos fundos e tive que desviar de alguns dos maníacos atrás de mim. Passei para a casa ao lado e atravessei a rua correndo e entrei por um beco e andando escondida por trás das casas até entrar num

grande restaurante rústico. Era um restaurante bem bonito com várias mesas grossas e largas ornamentadas de madeira. Eu não queria demorar muito, então corri até a porta de saída, porém... David apareceu e me derrubou no chão e quebrando uma lamparina ateando fogo próxima a porta, não que isso importasse a ele.

Eu rolei e me escondi atrás de uma das mesas. David veio atrás de mim, então eu dei a volta pela mesa e pulei em suas costas fincando meu canivete nele, mas ele me derrubou. Eu me escondi novamente e ele sacou uma grande machete e veio atrás de mim. Eu fiquei escondido e tentei dar a volta por ele mais uma vez, mas, como eu sou muito azarada, eu pisei em alguns cacos de pratos quebrados, o que chamou a atenção dele. David correu em minha direção, mas eu consegui desviar do golpe dele e o agarrei pelas costas novamente. David resistiu mais uma vez, já estava bem fraco (e eu bem cansada), mas de pé. O fogo já estava começando a se espalhar. Eu usei um dos pratos para atraí-lo e o agarrei mais uma vez. Ambos caímos no chão e David soltou seu machete...

Enquanto isso, Joel acaba de chegar na cidade por um posto de gasolina e atravessando uma grande barricada de carros empilhados feita pelos canibais. Joel teve que massacrar vários dos canibais e começou a explorar o local procurando por mim. Ele achou minha bolsa e minhas coisas e quando saiu para a rua principal, viu apenas um casarão em chamas.

Eu e David retomamos a consciência segundos depois. Eu vi o machete um pouco distante na minha frente, então comecei a engatinhar até ele. David correu e me chutou forte no estômago.

— Eu sabia que você tinha coragem. — Falou David. — Sabe, não tem problema em desistir. Não tenha vergonha nisso.

Eu comecei a me arrastar mais uma vez, David estava confiante de que a batalha já havia terminado.

— *Humpf*, acho que não. Não é seu estilo, né? — David falou e me chutou mais uma vez no estômago, subiu em cima das minhas costas e puxou meu cabelo. — Pode tentar implorar, se quiser.

— Vai à merda! — Falei com o pouco de fôlego que me sobrava.

David então me virou, olhou nos meus olhos e começou a me enforcar.

— Acha que me conhece? Hein? — Ele falou enfurecido em cima de mim. — Bom, deixa eu dizer uma coisa. Você não tem ideia do que eu sou capaz.

David se aproximou do meu rosto e não notou meu braço... Eu peguei a machete no último segundo, quando ele ia me beijar... Eu o golpeei uma, duas, três, quatro... Eu perdi as contas... Fiquei ali, com o restaurante pegando fogo, batendo com a machete na cabeça dele várias e várias vezes, eu estava chorando, com os olhos fechados, desesperada, não sabia o que fazer... O rosto de David estava completamente deformado e já havia uma grande poça de sangue em meu redor... Eu não parava de batê-lo mesmo já estando bastante morto...

Foi quando senti alguém me agarrando pelas minhas costas...

— DROGA, NÃO, ME SOLTA SEU DESGRAÇADO, NÃO ENCOSTA EM MIM, PORRA! — Eu gritei desesperada...

EI, ELLIE, CALMA, CALMA! SOU EU, SOU EU, JOEL!

Quando eu finalmente ouvi a voz de Joel e percebi que não era alguém me agarrando para me matar e sim um abraço apertado e calmante... Eu não me segurei... Comecei a transbordar lágrimas, eu estava desesperada, tive que me virar sozinha por um bom tempo e fiquei aliviada que pude salvar Joel...

— Calma, garotinha, olhe, olhe! — Joel me segurou e me fez olhar bem para seu rosto.

— ELE TENTOU... — Joel me cortou com mais um abraço apertado. — Joel...

— Está tudo bem agora, garotinha, *tá* tudo bem...

Eu fiquei surda de desespero, eu estava em choque... Apenas ouvi a voz de Joel ecoando para eu pegar minha mochila. Eu a peguei então fomos embora... A machete completamente banhada em

sangue ficou fincada na cabeça destroçada de David... O
desgraçado teve o que merecia...

Doze

Vaga-lumes

Primavera... Já era primavera... Estávamos quase no hospital dos Vaga-lumes.

— Ellie. — Eu a chamei, mas não tive resposta. —
Ellie! ELLIE!

Quando percebi, Ellie estava concentrada observando o ornamento de um veado num muro qualquer.

— *Ahn?* Quê? — Ela respondeu.

— Você me ouviu? — Ela estava muito dispersa desde o encontro com os canibais.

— Não.

— Olha lá, o hospital. — Apontei para o nosso destino. — É para lá que vamos.

Continuamos andando agora com roupas novas para essa nova estação. Eu estava usando o básico de sempre, uma camisa verde-musgo social com as mangas arregaçadas e uma calça jeans com dois sapatos marrons, já Ellie, estava usando uma camisa cinza de manga cumprida e um colete de tecido vermelho vinho de

mangas curtas aberto, uma calça verde bem clarinho e suave e seu clássico tênis all-star.

— *Tá* sentindo essa brisa? — Perguntei calmamente e tranquilo. — Em um dia assim, eu sentaria na varanda e tocaria violão. — Ellie não falou nada. — É quando terminamos com isso, vou ensinar você a tocar violão. Acho que você gostaria. — Ainda sem resposta. — Ellie, *tô* falando com você.

— Hein? *Ah*, claro, parece legal. — Ela respondeu e não falou mais nada, ainda estava com pensamento bem distante. — Eu sonhei que estava voando outro dia.

— *Ah*, é?

— *Aham...*

— Vamos, me conte.

— Eu... Estava num avião cheio de gente... E todos gritavam e berravam porque o avião estava caindo. Então, eu fui até a cabine, abri a porta e não tinha piloto. Eu tentei usar os controles, mas obviamente eu não sei pilotar um avião. Por fim, logo antes de cair, eu acordei. Eu... Nunca entrei num avião, não é estranho?

— Bom, sonhos são estranhos.

Continuamos seguindo pela rua com vários carros quebrados até chegarmos numa nova zona de quarentena, abandonada. Entramos por um grande prédio que parecia ser uma estação de ônibus. Ellie se sentou num banco e ficou lá parada olhando para o chão meio cabisbaixo enquanto eu explorava o local.

— Está tudo bem? — Perguntei.

— *Aham.*

— Você está bastante quieta hoje.

— *Ah... Desculpa.*

— Não, eu não estou brigando... *Tá* tudo bem.

Eu me encostei numa parede e chamei por Ellie pedindo para jogar uma escada de mão que para mim. Ela não atendeu de primeira e muito menos de segunda, mas ainda assim veio. Ellie então pegou a escada e quando ia jogar para mim, ela viu algo por fora da estação e derrubou a escada. Ellie ficou com olhos arregalados e empolgada e correu para ver o que era. Eu tive que pegar a escada e subir por mim mesmo. Quando subi, estava Ellie olhando algo pela janela.

— Você tem que ver isso! — Ela falou e correu depois.

— O que? — Ela não respondeu, cheguei perto da janela. — Não vejo nada.

Entramos por um corredor mais fechado com as janelas sujas e vimos apenas a sombra da cabeça de um grande animal... Estávamos no segundo andar... Seguimos corredor após corredor, até que Ellie parou e ficou observando uma grande girafa comer algumas folhas presas na parede do andar que estávamos. Eu me aproximei da girafa e pedi para Ellie vir junto, então comecei a fazer um carinho nela e logo depois Ellie. Pouco depois a girafa se juntou ao resto do grupo dela e nós apenas ficamos observando do terraço um monte de girafas andando. Eu parei na frente da porta da qual iríamos sair, mas antes de abri-la falei:

— Não temos que fazer isso. — Falei relutante para Ellie. — Sabe disso, né?

— Qual é a outra opção? — Ellie perguntou confusa.

— Voltar para o Tommy e... Esquecer toda essa droga.

— Depois de tudo que passamos? De tudo que eu fiz. Não pode ser em vão.

Ela então abriu a porta atrás de mim e desceu as escadas... A realidade era que eu tinha medo... Medo de perdê-la... Eu tinha medo dos Vaga-lumes terem que ficar com ela eu nunca mais a veja novamente...

— Olha, eu sei que você tem boas intenções, mas não existe meio termo aqui. Quando terminamos vamos para onde você quiser, ok? — Ellie falou sendo sincera.

— Bom, eu não vou sair sem você. — Eu falei num tom normal respondendo ela, mas o que eu disse era verdade... Eu não iria sair sem ela daquele hospital.

Finalmente chegamos até a estação de ônibus propriamente dita, um telhado no meio de duas ruas que deveriam passar ônibus por elas, mas tinham apenas um ou outro quebrado com alguns tanques militares e barracas, eles estavam usando esse lugar para evacuar a cidade.

— Esse lugar me traz lembranças. — Eu falei.

— De quê?

— Bom, foi logo depois que as coisas se descontrolaram. Eu terminei em uma triagem como essa. — Eu comentava sobre o caos que passei. — Nossa, em toda parte havia... Famílias destruídas. Parecia que o mundo estava do avesso da noite para o dia.

— Isso foi depois que perdeu a Sarah?

— É...

— Eu... Eu não sei como deve ser perder alguém que ama tanto. Perder tudo que você conhece... Sinto muito, Joel.

— Tudo bem, Ellie.

Continuamos a explorar a área e encontramos alguns materiais interessantes e criei algumas garrafas de molotov, bombas de pregos e bombas de fumaça. Antes que pudesse passar por um ônibus quebrado, Ellie chamou minha atenção.

— Joel... — Ela falou tímida. — A Maria me mostrou isso e eu *ah*... Roubei... Espero que você não se importe. — Ellie então me entregou aquela mesma foto minha e da Sarah segurando um troféu...

— É... Não importa o quanto você tenta. Acho que não dá para fugir do passado... Obrigado.

Nesse momento... Nesse momento eu não só parei de fugir do meu passado, eu o aceitei... Isso era o que me formava e não dava para correr dele... Eu aceitei a morte de Sarah... Finalmente aceitei... Continuamos por um longo túnel que levava direto para o hospital.

O grande problema desse túnel... Bem, ele estava infestado de infectados... Continuamos seguindo com cuidado, mas não demorou muito até alguns *corredores* nos ver e nos atacar, mas isso era pior do que parecia... Eles alertaram todos os outros infectados que começaram a nos perseguir... Eram muitos e eu não iria recuar. Eu gastei muita munição, mas acabamos com todos, porém o pior ainda estava por vir... Não um, mas dois dos grandões dois dos *baiacus*, dois daquelas coisas horrendas e assustadoras... Mas eu me preparei, comecei juntando os dois e Ellie me ajudou com isso depois arremessei um molotov em ambos, então esperei pararem de pegar fogo e armei uma bomba de pregos em meus pés e corri para longe. Obviamente eles

correram em minha direção e acertei os dois, aproveitando que estavam parados, arremessei mais um molotov. Eles pareciam bem fracos então fiz a mesma coisa, porém invés do segundo molotov finalizei ambos com um tiro de escopeta em cada. Em meio todo aquele caos, encontrei uma machadinha e a guardei. Parecia em bom estado.

Seguimos pelo túnel, porém ele estava alagado e havia uma correnteza incrivelmente forte. Segui junto a Ellie pela lateral do túnel que era uma estação de metrô. Ficamos sem saída, apenas uma ponte feita por um ônibus encalhado. Ambos pulamos e não parecia estável o ônibus. Precisei jogar Ellie para cima de canos de ventilação e quando eu iria subir, a porta do ônibus em que eu estava em cima quebrou e eu caí dentro do ônibus indo até a outra porta do ônibus. Ellie pulou em cima da porta acima de mim e começamos a forçar. Comecei a ouvir rangidos e notei que o ônibus estava se movendo. Ellie conseguiu tirar de lá, mas logo aquela carcaça enorme bateu em algo e ambos caímos. Eu nadei junto a correnteza atrás de Ellie, mas ela não estava

acordada, havia batido em algo. Continuei assim até encontrar Ellie desmaiada no fundo do túnel. A peguei e a levei para a saída. A coloquei fora d'água e comecei a massagem cardíaca com desespero...

Eu estava em choque, não podia perdê-la... Não agora... Fiquei lá mais um tempo e Ellie não dava sinal algum de vida até que eu comecei a escutar alguns soldados Vaga-lumes chegando.

— EI, VOCÊ, MÃOS AO ALTO!

— Ela não está respirando. — Falei para o soldado enquanto não parava de tentar acordar Ellie.

— EU FALEI MÃOS AO ALTO, PORRA! — O soldado se aproximou e eu apenas ignorei.

Eu tomei uma coronhada do soldado e apaguei...

Quando acordei, estava num quarto de paciente do hospital e ao meu lado sentada numa cadeira, Marlene.

— Bem-vindo aos Vaga-lumes. Desculpe pelo... — Ela apontou para o meu machucado e depois percebi que o soldado que tinha me dado a coronhada estava de

frente para minha cama. — Eles não sabiam quem vocês eram.

— E a Ellie?

— Ela está bem. A trouxeram para cá. Você veio até aqui... Como... Como conseguiu?

— Foi ela... Ela lutou como louca para chegar aqui. Talvez fosse o destino. — Falei enquanto me levantava da cama.

— Perdi maior parte da minha equipe cruzando o país... Praticamente tudo. Então você aparece e encontramos vocês bem a tempo de salvá-la... Talvez realmente seja o destino.

— Me leve até ela.

— Você não precisa mais se preocupar com ela, nós vamos cui...

— Eu me preocupo. — Falei. — Deixa eu vê-la, por favor.

— Você não pode. Ela está sendo preparada para a cirurgia.

— Como assim cirurgia? — Eu me levantei de vez e Marlene também.

— Os médicos me disseram que o *Cordyceps* que cresceu nela sofreu algum tipo de mutação e por isso ela é imune. Quando for removido, eles poderão fazer uma engenharia reversa e criar uma vacina... Uma vacina...

— Mas ele cresce no cérebro.

— Sim.

Nos entre olhamos e ela já sabia o resultado... Ellie teria que morrer para removerem o fungo do cérebro dela.

— Não, ache outra pessoa. — Falei mais sério e ameaçador.

— Não tem mais ninguém.

— Escuta aqui, você vai me mostrar onde... — Eu comecei a me aproximar de Marlene e o soldado que estava na sala me derrubou.

— Pare! Eu já entendi, mas isso que você pensa que está sentindo nem se compara com o que eu passei. Eu a conheço desde que ela nasceu e prometi à mãe dela que cuidaria dela.

— E por que vai deixar isso acontecer?

— Porque não depende de mim, nem dela. **NÃO EXISTE OUTRA OPÇÃO!**

— *Humpf, tá* continue dizendo essa mentira para si mesma.

— Tirem ele daqui. Se ele tentar alguma coisa, atirem.

— Não desperdice esse presente, Joel. — Marlene falou num tom ameaçador depois saiu do quarto.

O soldado apontou a pistola para mim e mandou eu me levantar. Assim que saímos do quarto vi minha mochila e minhas armas num balcão bem próximo. Eu parei repentinamente e o soldado pôs a arma nas minhas costas. Eu bati na arma com o cotovelo e abaixei a cabeça, ele atirou e errou, eu peguei a pistola e bati na cabeça do desgraçado com o cabo, depois o pressionei contra a parede e depois apontei a pistola em sua cintura.

— Onde é a sala de operações?

O soldado não respondeu.

— Não tenho tempo *pra* isso. — Então atirei. — Onde? — Novamente sem resposta, então atirei mais uma vez. — ONDE?!

— No último andar, no fim do corredor... — Ele respondeu sem fôlego.

Eu peguei minhas coisas e me escondi quando ouvi mais soldados chegando. O hospital era bem grande. Havia um longo e espaçoso corredor por qual todos os soldados chegaram. Eu pulei uma das grandes janelas para dentro de uma sala de pacientes e me espreitei por eles. Eram cinco, dois se separaram para vasculharem a sala em que eu estava e a do outro lado do corredor, os outros três seguiram e foram verificar as mais na frente. Eu tive que enfrentar o que veio para o meu lado, mas eu o peguei de surpresa e o nocauteei rapidamente. Esperei o outro ir adiante pelo corredor e atravessei uma porta dupla que dividia duas alas do hospital. Barriquei a porta atrás de mim com umas poltronas próximas e segui.

A ala que eu estava era bem mais aberta, uma recepção e logo depois um cruzamento com várias salas

mais abertas ao redor, tudo coberto por uma capa plástica amarela, como se fosse para evitar infecções. Eu evitei confusão com os soldados que vinham chegando. Usei uma bomba de pregos para atraí-los para longe e acabar com o máximo que conseguia deles. Eu entrei em mais uma outra ala igual a primeira, porém com a porta da escadaria que me levaria até o último andar. Eu corri como se tudo que eu mais amava dependia disso... Bem, dependia... Mas assim que eu coloquei a mão na maçaneta, um soldado chutou a porta e me jogou contra a parede e usou a arma para me segurar. Ele começou a gritar avisando os outros e isso me desesperou. Eu lembrei que havia pegado uma machadinha no túnel e o deixei pressionar meu pescoço para poder pegá-la. Eu fiquei sem ar por um segundo, mas logo retomei o fôlego após acertá-lo com a machadinha. Eu escutei um único soldado que veio na frente aparecer, mas eu arremessei a machadinha nele o matando e logo depois me escondendo num balcão da recepção do andar. Armei um molotov e uma bomba de pregos, arremessei a bomba primeiro o que fez todos os soldados pararem

de frente a ela. Eles foram mais espertos dessa vez, se afastaram e atiraram na bomba liberando a passagem, mas eu fui bem mais. Fazendo isso eu limitei a passagem deles e todos se acumularam naquele corredor, arremessei dois molotovs o que acabou me liberando passagem para a escada.

Quando entrei, havia alguns entulhos e carrinhos com grandes caixas. Os usei para barricar a porta e subi as escadas. Quando saí no último andar, eu vi pela janela o longo e grande corredor que eu teria que atravessar para chegar até Ellie. Muitos soldados se esconderam atrás de caixas e se prepararam para mim. Eu estava com pressa, mas não para brincadeira... Eu arremessei um tijolo no meio deles o que os distraíram, depois arremessei uma bomba de fumaça, uma bomba de pregos e finalmente avancei no meio de tudo e todos com meu lança-chamas. Eu não parei por nada nem ninguém, não soltei o gatilho a não ser para recarregar no meio do caminho. Arremessei mais uma bomba de fumaça e depois uma outra bomba. Eu finalmente tinha

acabado com todos... Era apenas o resto do longo corredor e a sala de cirurgia no final dele...

Eu entrei na sala e a primeira coisa que eu vi era uma grande janela fechada por uma cortina com a sombra de três médicos lá dentro. Além disso, havia uma grande pia abaixo da janela e ao lado a porta. Eu não pensei duas vezes, apenas chutei a porta com força e vi Ellie em cima de uma maca desacordada. Não haviam começado a cirurgia... Estavam apenas se preparando. O cirurgião apareceu e tomou a frente com um bisturi. Ele era destemido, mas eu estava melhor armado. Tentei tirá-lo da frente, mas ele tentou me cortar na mesma hora. Eu peguei minha pistola e atirei em sua cabeça. Havia apenas outras duas enfermeiras auxiliando na cirurgia, elas estavam amedrontadas por mim, então não fizeram nada. Tirei alguns cabos de Ellie que verificavam seus batimentos e a peguei nos braços. Mais soldados apareceram e eu comecei a correr...

Eu comecei a ter um déjà vu... Eu lembrei de mim... Correndo para fora da cidade no início de tudo com Sarah em meus braços, era a mesma sensação... E

era exatamente por isso que eu não podia deixar Ellie ir... Eu não estava preparado para perder outra filha...

Soldados começaram a atirar em mim, mas eles não podiam acertar Ellie. Isso me deu uma grande vantagem me fazendo alcançar o elevador. Eu entrei no elevador e fui até a garagem, a ideia era fugir com algum carro. Eu cheguei na garagem bem espaçosa do hospital e cheia de carros. Peguei o primeiro que estava aberto e coloquei Ellie deitada no banco de trás. Quando me virei para entrar no carro e sair dali, Marlene apareceu apontando sua arma para mim.

— Não pode salvá-la. — Marlene falou. — Mesmo que tire ela daqui, e depois? Quanto tempo até ela ser despedaçada por um bando de *estaladores*? Isso se ela não for estuprada e morta antes.

— A decisão não é sua. — Eu a respondi com um rosto sério e determinado.

— É o que ela gostaria... — Eu olhei para Ellie em meus braços. — E você sabe disso... Olha... Você ainda pode fazer a coisa certa... — Marlene parou cuidadosamente de mirar em mim levantando as mãos.

Eu fiquei em silêncio por um tempo... Marlene começou a se aproximar... Mas eu já estava decidido... Eu atirei em Marlene, ela sangrou até a morte ali mesmo... Eu entrei num carro e fugi...

Treze

Paz

Eu peguei a estrada de volta para Jackson. Já estava amanhecendo, eu dirigi a noite toda. Ellie começou a acordar.

— Que porra é essa que eu *tô* usando? — Ela perguntou confusa.

— Vai com calma... O efeito das drogas está passando. — Falei num tom calmo e reconfortador.

— O que aconteceu?

— Encontramos os Vaga-lumes... Na verdade, tem vários outros como você, Ellie. Pessoas que são imunes. Dezenas. Para falar a verdade... Eles pararam de procurar uma cura. Vou levar a gente para casa.

Ellie apenas se virou o rosto para o banco e voltou a descansar... Eu apenas falei “me desculpe.” logo depois, tentando amenizar seja lá o que ela estava sentindo...

— *Espera!* — *Marlene falou ofegante no chão com um tiro na cintura. — Me deixa ir!.. Por favor...*

— *Você iria atrás dela. — Então eu atirei na cabeça de Marlene, garantindo que não teria mais problemas com os Vaga-lumes.*

Ficamos sem gasolina depois de um tempo e o carro quebrou. Ellie se vestiu e parecia cabisbaixo, ficou observando sua cicatriz, sua mordida, tentando entender o porquê de tudo ter sido em vão. Paramos bem próximos a Jackson City, onde Tommy e Maria iriam nos abrigar. Seguimos por um pequeno bosque, passando por ele chegaríamos direto a Jackson, naquele mesmo morrinho que havíamos nos despedido de Tommy.

— *Ah...* — Suspirei. — Sinto minha idade agora.

— *Humpf.* — Ellie soltou uma única risada interna, quase imperceptível.

— Acho que nunca contei, mas Sarah e eu fazíamos caminhadas assim. Ela era boa, eu tinha que correr para acompanhá-la... Acho que... Vocês duas teriam sido boas amigas. Acho que você gostaria dela e tenho certeza de que ela gostaria de você.

— *Aham.*

Subimos por uns troncos de árvores derrubadas e atravessamos um riacho e pudemos ver a cidade.

— Olha lá, estamos quase chegando. — Falei pouco antes de subirmos no morrinho e ficarmos de frente para a cidade.

A vista era incrível, fiquei apenas alguns segundos apreciando, mas assim que eu comecei a descer o morro, Ellie me parou e começou a falar.

— Espera, Joel. — Ellie falou nervosa e preocupada. Lá em Boston... Quando fui mordida. Eu não estava sozinha... Minha melhor amiga estava lá e foi mordida também. Não sabíamos o que fazer então ela disse: *A gente pode esperar, ser poéticas e enlouquecer juntas...* Ainda estou esperando a minha vez.

— Ellie... — Tentei interromper o assunto.

— O nome dela era Riley e ela foi a primeira a morrer... Depois a Tess... E depois o Sam...

— Nada disso foi culpa sua. — Falei.

— Não, você não entende...

— Eu tive que lutar muito para sobreviver... E você... Haja o que houver, não importa o que aconteça,

você está sempre lutando por alguma coisa. Eu sei que não é o que você quer ouvir agora, mas...

— Promete! — Ela falou me cortando e num tom mais alto. — Promete para mim, que tudo que você disse sobre os Vaga-lumes é verdade.

Eu olhei fundo em seus olhos... Ela só queria saber a verdade... Mas eu não tive a coragem de dizer a ela...

— Eu juro. — Eu respondi.

— *Tá.*

Meses depois... Nos acostumamos com as regras e pessoas da cidade de Jackson, tudo era muito bem-organizado e ao longo dos anos as coisas ficaram cada vez melhores. Tínhamos plantações, gado, cavalos, restaurantes e bares, até mesmo creches para recém-nascidos... Mas Ellie ainda não estava satisfeita com a minha resposta...

Então no outono seguinte, eu confessei tudo para Tommy quando saímos numa patrulha juntos. Ele jurou que levaria isso para o túmulo se necessário. Depois, eu apenas fui ao quarto de Ellie fazer uma pequena

surpresa. Ellie passou a morar no quintal da minha casa, numa cabaninha com um banheiro ligado ao quarto e nada mais. Quando cheguei, vi Ellie desenhando alguma coisa e escutando música em seu *walkman*. A chamei umas duas vezes, mas ela não respondia, a música estava alta demais, então empurrei sua cadeira de leve, o que fez ela tomar um pequeno susto.

— *Wow!* Quer me matar do coração? — Ellie logo fechou o que parecia ser seu diário, eu havia a presenteado com ele pelo seu aniversário.

— Eu bati na porta, mas... Bem, e aí?

— Que foi, Joel? — Ela estava meio tímida, ainda não tinha se acostumado com a vida nova.

— Só queria te ver... O pessoal *tá* falando... Sabe, falando de como você é impressionante e como está sendo prestativa.

— Que ótimo.

— O Tommy e eu saímos um dia desses e... Ele me contou uma piada que me fez lembrar de você, era... Droga, agora eu esqueci... Tinha a ver com um relógio...

— *Ah*, Joel... — Ela me cortou. — Já está meio tarde e eu tenho que acordar daqui umas horas...

— *Ah*, é, eu sei, eu sei... Eu já vou te deixar em paz... Eu só queria... Te mostrar uma coisa.

Eu saí do quarto dela e busquei um violão feito a mão por mim (carpintaria era um antigo hobby meu).

— *Humpf*, quê que é isso? — Ellie sorriu de canto de boca.

— O pessoal chama isso aqui de “vi-o-lão”, não sei se você sabe o que é... — Falei num tom sarcástico.

— *Humpf*, Palhaço.

— Eu falei para você que queria ser cantor... Lá na universidade.

— É, falou.

— Bom, quer ouvir um negócio?

— Pode ser. — Ellie abriu mais o sorriso de canto de boca.

— Só me promete que não vai rir, ok?

— Eu não vou, eu prometo.

— *Humpf*, vou confiar...

Então eu comecei.

*“If i ever were to lose you
I’d surely lose myself
Everything I have found dear
I’ve no found by myself
Try and sometimes you’ll succeed
To make this man of me
All my stolen missing parts
I’ve no need for anymore
I believe
And I believe ‘cause I can see
Our future days
Days of you and me”*

Era uma música da minha época, *Future Days* de *Perl Jam*.

— *Tá aí. O que achou?*

— Então... — Ellie abriu um sorriso maior ainda.

— Não foi horrível.

— *Humpf*, por mim, *tá valendo*.

Eu me levantei e com o violão em mãos, o entreguei a Ellie.

— Esse é seu.

— Quê? Não, não, não, não... Eu nem sei como tomar isso aí...

— Eu prometi que te ensinaria a tocar, não prometi?

— É mesmo...

— Que tal uma primeira aula amanhã? À noite?

— *Tá!* — Ellie olhou para o violão depois abriu um sorriso para mim.

— Beleza... Beleza... — Falei feliz por estar melhorando as coisas enquanto saía do quarto.

— Ei, Joel... — Ellie me chamou quando eu estava quase fechando a porta. — Você lembrou da piada?

— *Ahn...* — Parei um segundo para pensar com um grande sorriso tímido no rosto. — Por que é ruim jogar relógio fora? — Ellie tentou pensar em algo, mas apenas fez uma careta de “*sei lá*”. — Porque é perda de tempo.

— *Hum, hum, hum...* — Ellie deu algumas risadinhas. — Essa é boba.

— Pois é... Bem, boa noite, garotinha...

— Boa noite, Joel...

Acompanhe um pedaço de
The Last Of Us: Parte 2

Um

4 Anos Depois

Knock, Knock, Knock... Eu acordei em meu quarto escutando alguém batendo na porta. Eu estava cansada por causa da noite anterior e ainda com muita raiva... Eu não consegui processar o tanto de informação que fora arremessada em cima de mim, tudo de uma vez... Eu havia acabado de acordar e ainda estava com sono, mas seja lá quem era na porta, não me deixava em paz. Eu me levantei e gritei “Já vou, cacete!”. Fui cambaleando até a porta e minha visão é ofuscada com a brilhante luz do Sol refletida na branca neve do quintal de Joel... E menos importante, Jesse, que estava na porta com uma mão apoiada na porta e a outra na cintura.

— E aí? — Perguntei pondo a mão no rosto e coçando o olho.

— Bom dia! — Jesse falou com uma expressão sarcástica no rosto.

— *Ah*, merda, desculpa, eu acabei dormindo demais. — Falei lembrando do que tinha que fazer hoje.

— Espera aí que eu me visto rapidinho.

— Disseram que o bicho pegou depois que eu saí.

— Jesse pôs a mão na porta me impedindo de fechá-la.

— Ah... Eu... — As memórias todas voltavam para minha mente como se eu estivesse sendo atropelada por um trem. — Olha, ela me beijou. A Dina tem dessas coisas, sabe? Não significou nada *pra* ela.

— Eu estava falando da briga com o Seth. — Jesse falou franzindo as sobrancelhas confuso. — Mas pera... Você beijou a Dina?

— *Ah*. — Fiquei sem palavras com uma *cara* de “*cú*” olhando para Jesse.

— A gente terminou faz uma semana e você dá em cima dela? — Jesse falou um pouco mais sério.

— *Ah*, não... Ai, acho que ela só queria te deixar com ciúme. Eu não... Eu nunca... — Eu parei e soltei um suspiro. — Caralho, mas que climão...

Jesse abre um sorriso no rosto e perde completamente a postura séria e se solta um pouco mais.

— *Tô* zoando com a sua *cara*! Eu não ligo. — Jesse falou e soltou algumas gargalhadas depois. — Vai lá, se veste.

— *Ah*... Você é um saco, sabia? — Falei.

— Ei... — Jesse segurou a porta novamente quando tentei fechá-la com mais força. — Mas é meio escroto *cê* ter feito isso.

— *Ah*, cala boca vai. — Finalmente eu fechei a porta.

— Pega suas coisas, a gente *tá* atrasado! — Jesse gritou através da porta.

Jesse era um jovem adulto um pouco mais velho do que eu. Jesse era um *cara* brincalhão e besta, suas origens eram orientais, seu cabelo era curto e castanho escuro, usava uma camisa de manga comprida vermelha com capuz, uma grossa jaqueta de tecido marrom, uma calça jeans clara com um sinto bem aparente e botas grandes. Jesse era um cara muito legal, era meu melhor amigo junto a Dina.

Eu me viro e tenho uma visão panorâmica do meu quarto inteiro. Na minha frente havia uma mesinha baixa em cima de um tapete brega e um sofá na altura da mesa encostado na parede, ao lado da porta uma cômoda com meu fiel canivete fincado nela. De frente para o sofá minha cama de lado encostada na parede

com uma janela em cima, na frente da cama uma grande
tevé num grande móvel de mesa com algumas gavetas e
um *Playstation 3* funcionando. Acima da minha cama
um quadro com algumas fotos legais com o Joel, Dina,
Cat, Jesse e... Riley... Vários quadrinhos jogados por aí e
alguns outros livros e ao fundo, parede contrária a porta,
minha escrivaninha onde eu costumo escrever e ficar
escutando música, ao lado algumas estantes e prateleiras
e logo após, a porta de um banheiro comum.

Eu gosto muito do meu quarto, é exatamente
como eu gostaria que fosse... Enfim, eu dei uma leve
cheirada em meu sovaco e comentei “*É... Não tá ruim*”.

Eu também já estava vestindo uma calça jeans de ontem
com uma calça mais fina por baixo, um casaco cinza com
uma camisa qualquer por dentro. Estava muito frio lá
fora, então peguei uma jaqueta jeans verde musgo que

eu tinha deixado na minha cadeira, ao lado minha mochila azul com detalhes em marrom com alguns broches, depois coloquei botas grandes para caminhar na neve, peguei na minha escrivaninha meu diário, no qual estou escrevendo esse livro, e, por último, meu canivete.

— O Joel *tá* de pé? — Falei enquanto pegava o canivete e calçava as botas.

— Chegaram relatos de infectados ao norte. — Jesse respondeu. — Maria mandou ele e o Tommy fazerem reconhecimento.

— *Ah...* Que saco.

— É, não devem ter dormido muito... Bem, muito menos que você, com certeza.

— *Ah*, vai à merda. Eu já *tava* levantando.

— *Aham...*

— *Tava*, sim.

— Pegou suas coisas?

— Peguei. — Falei enquanto colocava luvas de frio que esqueci no bolso do casaco.

— Então bora. — Jesse falou, depois começamos a andar. — *Ah*, sim... Só *pra* avisar, a cidade toda tá falando de você.

— *Ah...* Por que? — Perguntei sendo bem ingênua.

— Deixa eu ver se eu lembro de tudo. — Jesse falou com um tom sarcástico. — Você beijou a Dina?

— *Ah...* Ela me beijou.

— O que fez o Seth te chamar de... Uma palavra não muito legal...

— Eu lembro disso...

— Aí o Joel acertou ele...

— Foi um empurrão.

— Aí você ficou com raiva do Joel? Essa parte eu não entendi.

— *Cara...* Foi uma noite estranha. — Como eu disse, muita coisa, muito rápido veio a mim naquela noite.

— Parece incrível! — Jesse falou brincando. — Outra coisa, a Maria quer falar contigo.

Já tínhamos caminhado um pouco mais e passamos por uma fazenda com algumas estufas, onde conseguíamos produzir mesmo no inverno, eu adorava Jackson City.

— Cadê ela?

— Na lanchonete.

— Tem a ver com o lance do Seth?

— Sei lá.

— *Ah...* Diz *pra* ela que não me achou.

— *Hmm* deixa eu pensar um pouco... — Jesse

ficou em silêncio por um segundo. — Não.

— Ué, cadê a lealdade?

— Como é que é? — Jesse ergueu a sobrancelha, então passamos por um portão e chegamos na rua principal da cidade.

— Mas, então... — Falei meio tímida. — A gente *tá* de boa, né?

— Eu e você? Claro! A Dina e eu terminamos.

— Eu sei. Eu só não... Queria deixar você achando...

— Ellie! *Tá*. De. Boa. Eu juro.

— *Humpf*, valeu...

Quando passamos pela rua principal, vimos um monte de crianças correndo de um lado ao outro

guerreando com as bolas de neve, vimos as pessoas conversando e se divertindo, inclusive o cachorro do Gus veio pedir um pouco de carinho a mim, obviamente eu lhe dei a honra. O cachorro se chamava Bobby e era um vira-lata animado e carinhoso, seus pelos eram pretos com alguns poucos brancos espalhados principalmente na cabeça entre os olhos... Pena que eu não o verei mais... Enfim... Continuamos até a lanchonete.

A lanchonete era bem aconchegante e estava cheia de gente. Ao entrarmos, procuramos por Maria que estava mais ao fundo.

— Ellie! — Maria gritou assim que me viu. — Olha ela aí, vem cá.

— Oi... — Falei tentando ficar mais animada, mas falhando miseravelmente.

— O Seth tem uma coisa *pra* te falar...

— Eu não... Quero ouvir nada daquele preconceituoso.

— Faz isso por mim, vai.

— Ah... — Suspirei fundo. — *Tá* bom...

— Seth! — Maria gritou. — Seth, vem cá.

Seth era o dono e chef da lanchonete e logo se prontificou a aparecer saindo da cozinha.

— Velho do caralho... — Comentei baixo para mim mesmo e Maria me deu um olhar assustador de uma águia.

Seth apareceu com algo nas mãos. Seth era um senhor de meia idade com os cabelos já todos grisalhos, usava um grande casaco de couro marrom com uma camisa xadrez vermelha e preta por baixo e uma calça

grossa e pesada também marrom, bem no estilo *country* mesmo.

— Oi. — Ele começou falando. — Olha, ontem à noite... Eu tinha bebido demais...

— *Humpf*, sei... — Falei levantando a sobrancelha.

— Eu *tô* tentando me desculpar... Maria me disse que você e a Dina vão sair. — Ele falou enquanto colocava um pequeno pacotinho enrolado com um barbante fino. — *Ah...* Eu fiz sanduiches...

— *Tá...*

— São de carne.

Ficamos num silêncio constrangedor esperando que eu pegasse o sanduíche... Não demorou muito para Maria encher o saco, pegar os sanduíches e jogar com força em meu peito.

— Obrigada, Seth. — Maria falou.

— Bom, é eu... Se cuida, *tá*? — Seth falou e voltou para a cozinha.

— Nem doeu, né? — Maria falou com um sorriso no rosto satisfeita.

— Que é isso aí? — Jesse voltou depois de passar algum tempo conversando com algumas meninas na lanchonete.

— “Preconceituíches”. — Falei enquanto os entregava para Jesse.

— *Hum*, o cheiro é bom. — Ele respondeu.

— Fique à vontade, são todos seus.

— Certeza?

— *Aham...*

— Vamos, levo vocês até a porta. — Maria nos interrompeu. — Jesse, olha... Quando você sair, quero

que reveze com Tommy e o Joel. Eles tão de guarda a tempo demais.

— Onde os encontro? — Jesse perguntou enquanto andávamos pela rua passando por uma das coisas mais legais, uma creche... Eu adorava ver os bebês se divertindo e aprendendo... Eu fico feliz por eles...

— Se for rumo ao posto a noroeste, eles vão *pra* lá hoje mais tarde. — Maria respondeu. — Ei, toma cuidado. Sabe como é... Tem muitos infectados avistados esses dias.

— *Aham*, claro... Mas eu ia conferir as trilhas do riacho. — Jesse falou. — Vou precisar que alguém me substitua.

— Ellie... Conhece as trilhas do riacho? — Maria perguntou.

— *Ah...* Não muito... — Respondi.

— A Dina cansou de passar por lá. Eu vou mandar as duas! — Jesse falou enquanto virava para mim com um enorme sorriso no rosto e fazendo um sinal de “OK” com as mãos e logo volta a caminhar normalmente.

— Ellie... A gente pode conversar? — Maria me puxa um pouco mais isolado, pouco antes de passarmos por um pequeno portão.

— *Aham*, e aí? — Respondi com um sorriso tímido no rosto.

— Olha, eu não sei o que *tá* rolando entre você e o Joel...

— *Ah...* Maria...

— O *cara* gosta muito de você e eu sei que ele não ia querer...

— Maria... A gente *tá* bem...

— Certeza?

— Sim.

— Beleza... Desculpa, então.

Atravessamos o portãozinho e Maria foi embora.

Ficamos de frente para um parquinho com alguns
escorregadores e estruturas para as crianças e adivinha!
Encontramos Dina arremessando bolinhas de neve em
uma criança com metade do seu tamanho.

— Dina! Tarefas! — Jesse gritou.

— SÓ UM MINUTINHO! — Dina gritou.

— Faz o favor de levar sua namoradinha *pro*
estábulo?

— *Ah...* Meu Deus, Jesse... — Suspirei e me
aproximei da cerca que dividia o parquinho da estrada.

— Aí, Dina!

Dina olhou e na mesma hora pediu tempo para as crianças e veio até mim.

Dina é uma menina da minha idade, com pele num tom marrom claro, cabelos lisos presos num coque alto sempre deixando duas mechas finas onduladas na frente da orelha, suas grossas sobrancelhas perfeitas com algumas gotas de suor passando por elas, seu nariz dividia perfeitamente seus lindos olhos castanhos sempre alegres com uma expressão animada. Dina estava usando um grande casaco marrom claro com as golas peludas baixas, um suéter preto com gola alta por baixo, uma calça jeans azul-marinho, luvas das cores do casaco e botas verde-musgo combinando com meu casaco... Dina também estava com sua mochila num tom bem escuro... Enfim... Vou escrever mais dez páginas apenas falando dela se eu continuar...

— *Ah...* Oi... — Dina falou meio tímida.

— Opa... É... Desculpa por ter saído correndo ontem à noite... — Falei também bastante tímida.

— *Ah*, tá, não... Não esquenta com isso. Eu entendo, eu... Só me senti mal...

— Por quê?

— Porque... fui eu que comecei aquilo... É que... Eu não devia ter te beijado na frente de todo mundo e...

— *Nah*, você *tava* bêbada...

— Mesmo assim. Eu não quero que você pense que...

— Eu não *tô* pensando demais nisso nem nada.

— Sabe o que adoro em você? — Dina falou abrindo um sorriso de canto de boca. — Você deixa eu terminar minhas frases.

— *Humpf*, é melhor a gente ir andando...

— É...

Nesse momento eu vi algo branco vindo de trás de Dina e quando eu menos espero uma bola de neve acerta meu peito com força.

— AI! — Eu gritei.

— Que porra é essa? — Dina virou para uma das crianças e gritou.

— Eu nem *tô* brincando! — Eu gritei para as crianças.

— Por que você é medrosa? *HAAA!* — Uma das crianças gritou de volta, então todas as outras começaram a gritar junto. — MEDROSA! MEDROSA! MEDROSA!

— *Ah...* Eu odeio tanto aquele moleque... — Eu comentei para Dina.

— *Humpf*, quer ferrar com ele? — Dina falou com um tom sanguinário.

— Pior que quero.

— Beleza! Vocês é que pediram! — Dina gritou.

— É melhor correr, seus merdinhas! — Eu gritei.

— Puta merda! Se protege! — Uma das crianças gritou e todas se esconderam.

Que a guerra comece! Ficamos brincando por um tempo e acertamos bem mais vezes as crianças... Éramos “soldados” treinados para matar infectados, não foi tão difícil acertar algumas crianças correndo de lá para cá. Assim que todos se cansaram, Dina começou a jogar na cara das crianças que havíamos ganhado, então todas elas pularam e fizeram um montinho em cima de Dina e lá vou eu salvar minha donzela em perigo...

Quando finalmente saímos de toda aquela diversão, eu comecei a explicar as coisas para Dina enquanto íamos até o estábulo.

— *Ahn...* Ei, o Jesse quer que a gente faça as trilhas do riacho... Ele vai render o Joel e o Tommy.

— *Ah!* Foi legal ele ter escalado a gente. — Dina falou com um sorriso tímido no rosto. — *Cê* vai gostar da rota.

Ficamos em silêncio por alguns segundos até chegarmos aos estábulos, eu peguei a *Estrela*, minha égua preferida... Enfim, saímos do estábulo e ficamos de frente para o grande portão do leste. O portão tinha uns vinte metros, dava umas quinze pessoas de altura, o enorme muro ao redor da cidade tinha a mesma altura ou até mesmo um pouco maior. Além disso, havia mais algumas tropas preparadas para sair...

— Uma para você. — Jesse entrega um rifle a Dina e depois para mim. — E um para você.

Nós já estávamos equipados com uma pistola comum e montamos cada uma e um cavalo.

— Beleza, pessoal! É isso... Façam o que tem que fazer... Façam suas rotas, marquem os registros, matem os infectados. — Desde que Jesse começou a falar, ele assumiu uma postura completamente diferente do brincalhão idiota para um líder imponente. — Se toparem com alguma coisa que não dão conta, voltem. Fiquem todos ligados. É isso, podem ir.

Então Jesse começa a sair da frente dos cavalos calmamente, ainda com um olhar penetrante até que todos finalmente adentram a vastidão do mundo a fora...